



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

MÁRCIA CRISTINA MAZOCCO RIBEIRO

**ENTRE FIOS, NÓS E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: NARRATIVAS ECOLOGISTAS
DAS MULHERES DE CARIACICA/ES**

VITÓRIA - ES
2021

MÁRCIA CRISTINA MAZOCCO RIBEIRO

**ENTRE FIOS, NÓS E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: NARRATIVAS ECOLOGISTAS
DAS MULHERES DE CARIACICA/ES**

Pesquisa de Mestrado, submetida ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, como requisito necessário à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez

VITÓRIA - ES

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M475e Mazocco Ribeiro, Marcia Cristina, 1966-
Entre fios, nós e educações ambientais: narrativas ecologistas de mulheres de Cariacica/ES / Marcia Cristina Mazocco Ribeiro. - 2021.
203 f. : il.

Orientador: Soler Gonzalez.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação Ambiental. 2. Escrevivências. 3. Mulheres de Cariacica. 4. Narrativas. 5. Cotidianos Escolares. I. Gonzalez, Soler. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE Mestrado Profissional em Educação

Ata da sessão da octogésima quarta defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, da discente **MÁRCIA CRISTINA MAZOCCO RIBEIRO**, candidata ao título de Mestra em Educação, realizada às **14h00min** do dia **vinte e sete de setembro do ano dois mil e vinte e um**, remotamente, conforme Portaria nº 08/2021 da PRPPG/UFES. O presidente da Banca, Soler Gonzalez, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelos Doutores Débora Cristina de Araújo e Rodrigo Barchi. Em seguida, cedeu a palavra à candidata que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **"ENTRE FIOS, NÓS E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: NARRATIVAS ECOLOGISTAS DE MULHERES DE CARIACICA"**. Terminada a apresentação da aluna, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 27 de setembro de 2021.

Prof. Dr. Soler Gonzalez

Orientador

Profa. Dra. Débora Cristina de Araújo

Membro Interno (PPGMPE/Ufes)

Prof. Dr. Rodrigo Barchi

Membro Externo (PPGE/UNIB)

Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação. Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES.
CEP: 29075-910. Telefone: (27) 4009-7779. E-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070
Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE
Em 29/09/2021 às 20:44

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.leplisma.ufes.br/arquivos-assinados/276911?tipoArquivo=0>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
DEBORA CRISTINA DE ARAUJO - SIAPE 1017519
Departamento de Teorias de Ensino e Práticas Educacionais - DTEPE/CE
Em 30/09/2021 às 06:14

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/277070?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ALEXANDRO BRAGA VIEIRA - MATRÍCULA 2094211
Coordenador - Coordenação do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação
Em 30/09/2021 às 15:16

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/277750?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao criador de todas as coisas, Deus! Agradeço por todas as oportunidades que tive na vida, pelos processos de perdas e ganhos, pois amadureci e cresci em cada um deles. Pelos nós e fios que se entrelaçaram pelo caminho, que ora se apresentavam turbulentos, ora maravilhosos, o que me fortaleceu grandemente. Agradeço ao meu Pai celestial pela força espiritual e por ter finalizado mais esta etapa. A Ti seja a honra e a glória, amém!

Agradeço também à minha família amada e querida, em especial, meu paizinho Aristóbulo Ribeiro (*in memorian*), pessoa ímpar, que sabia das coisas letradas e sempre foi um grande incentivador da minha carreira no magistério. Pai, obrigada por tudo, o senhor deixou marcas indeléveis na minha vida.

À minha mãezinha querida e amada, Norma Mazocco Ribeiro (*in memorian*), obrigada por sua existência na minha vida. A senhora sempre me incentivou e me inspirou a ser uma mulher independente e realizada, se sou o que sou, foi a senhora quem me oportunizou. Sempre companheira, de personalidade forte, enfrentou as dificuldades da vida com dignidade e honradez, e com um sorriso no rosto e uma palavra de alegria e de conforto. Vivia sempre rodeada de fios, agulhas e linhas, fazendo seus bordados e proseando sobre a vida e as suas experiências com Jesus! Obrigada, mãe!

Minha querida mana Renata, agradeço sua forma de ver a vida, sua maneira simples, firme e focada em resolver os desafios que se apresentam para nós. Como você tem me ajudado e me inspirado!

Meu querido irmão Francisco José, você é um grande e amoroso amigo, agradeço sua forma especial de ver a vida e as pessoas!

Aos amigos da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica, pelo aprendizado e trocas de experiências, em especial à equipe da Chamada Pública/Censo Escolar, pelo companheirismo e ternura, gratidão!

Minha gratidão aos amigos/as do Programa de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), especialmente à turma 3 Paulo Freire. Vocês são pessoas incríveis, solidárias e amorosas.

Aos *ecoamigos* do grupo de pesquisa Território Autopoiéticos e Narradores da Maré, vocês foram e são essenciais nas minhas reflexões sobre esta pesquisa. As conversas no grupo, as leituras e reflexões só solidificaram a nossa amizade. Nossa trajetória foi linda e potente. Nosso percurso foi repleto de belos e reconfortantes encontros.

Agradeço às mulheres narradoras de Cariacica pela “aliança” que estabelecemos e pela alegria do encontro, um encontro potente com mulheres fortes que atuam em suas comunidades. Mulheres guerreiras e resistentes frente às adversidades da vida, suas narrativas enriqueceram esta pesquisa e a minha vida. Me emocionei ao ouvir e ler todas as narrativas de vocês, fiquei tocada com tanta riqueza na trajetória de cada uma. Só gratidão pelo companheirismo, carinho e amor envolvido.

Gratidão também aos professores da banca, Prof. Dr. Rodrigo Barchi e Profa. Dra. Débora Cristina Araújo pela confiança, respeito e compromisso em me ajudar a escrever esta dissertação. Pelas conversas potentes em que compartilhamos saberes com sabores veganos e afetos, gratidão!

Agradeço à Profa. Dra. Andreia Ramos Teixeira pelo despertar feminista com diálogos, conversas e leituras potentes. Gratidão pelo reencontro. Você é encantadora!

Ao meu querido e maravilhoso orientador que considero um *irmãoorientador*, o Prof. Dr. Soler Gonzalez, não há palavras que expressem minha gratidão. Sua humildade me encanta, a forma como se solidariza conosco é realmente comovente. Jamais esquecerei as suas colocações, quando nos fazia refletir: a favor de quem pesquiso? Com quem pesquiso? Para que pesquiso? Essas frases ecoam em mim. Você nos orientou a buscar nas “bordas” as nossas pesquisas. Agradeço por sua presença incansável e potente nesta pesquisa e pelos encontros fecundos e afetuosos. Só gratidão!

Agradeço aos meus *aumiguinhos* caninos que passaram e deixaram saudades: Teddy e Sofia.

Aos atuais *aumiguinhos*, Zach e Bella, com vocês compartilho a minha vida, e esta ficou muito mais colorida e alegre.

Gratidão às incríveis mulheres que contribuíram com o percurso desta dissertação. À revisora Ester Barreto, meu carinho e gratidão pelas belíssimas contribuições; à Ana Sara Manhabusque, obrigada pela tradução; e à Noelia Miranda, agradeço a linda arte e diagramação do produto educacional. Também agradeço ao Rafael Roque dos Santos pela dedicação e sensibilidade na produção do podcast.

Mar e Montanha

Entre serra e mar,
das tardes num rio a se banhar,
os pensamentos vagueiam num dourado céu de acolá.
Vales e montanhas, verde e azul de uma terra ao léu...
Dorme um sonho de quem acredita naquele lugar.

Em roda da pedra ou na Barra
um congo a cantarolar, a dançar...
Ticumbí nas dunas,
Jongo e Folia vêm lá.

Gente que planta a semente,
sopro de vida de um ser maior...
Cala a palavra e o que fala é a vida ao luar

Em roda da pedra...
Entre serra e mar...

(Grupo Moxuara)

RESUMO

Esta pesquisa aborda os movimentos da institucionalização das políticas municipais de educação ambiental no município de Cariacica e as educações ambientais que emergem nas narrativas ecologistas de um grupo de mulheres. O objetivo geral consiste em cartografar os processos de institucionalização das políticas de educação ambiental no município de Cariacica bem como problematizar as contribuições políticas e pedagógicas de práticas pedagógicas de educação ambiental que atravessam os cotidianos escolares, as quais emergem com as narrativas ecologistas de professoras e educadoras ambientais e com as escrevivências de um grupo de mulheres de diferentes regiões administrativas do município. Pretende-se, com isso, cartografar outras educações ambientais, ecologias e histórias que foram apagadas, silenciadas, mas que resistem. Os sujeitos da pesquisa e da história são mulheres aqui reconhecidas como ecologistas (REIGOTA, 1999). Esta pesquisa se aproxima das perspectivas teóricas da pedagogia freireana, das pesquisas em educação ambiental de Marcos Reigota e Rodrigo Barchi, das concepções de narratividades ecologistas de Soler Gonzalez e Andreia Ramos, e das redes de conversações de Nilda Alves. Além disso, busca inspirações na literatura de Conceição Evaristo. Para a produção de dados, optamos por entrevistas conversadas, fotografias, postais, diário de campo e pesquisa bibliográfica. A proposta do produto educacional é um conjunto de materiais, contendo 03 episódios de *Podcast*, disponibilizados nas contas digitais dos Narradores da Maré com link para acesso ao material, e 16 postais aquarelados, pintados à mão, com as imagens dos territórios de afeto e as escrevivências das mulheres, numa política de narratividade, na qual os sujeitos da pesquisa e da história possam narrar suas memórias, ecologias e educações ambientais. Apostamos, assim, no potencial pedagógico dessas outras ecologias e narrativas em prol de uma educação ambiental política, que potencialize a participação da comunidade nas discussões de suas problemáticas locais e nas políticas de educação ambiental do município de Cariacica.

Palavras-chave: Educação ambiental; escrevivências; mulheres de Cariacica; narrativas; cotidianos escolares.

ABSTRACT

This research approaches movements related to the establishment of municipal policies for environmental education in the municipality of Cariacica, and the environmental educations that emerge in the ecology narratives of a group of women. The aim is to map the establishment processes of environmental education policies in the municipality of Cariacica, as well as to problematize the pedagogical and political contributions of pedagogical practices for environmental education that cross the school routine, which emerge along with ecology narratives of teachers and environmental educators and with the *escrevivências* – writing experiences – of a group of women from different administrative regions of the municipality. The intention is to map other environmental educations, ecologies and stories that were erased and silenced, but they resist. The subjects from this research and story are women here acknowledged as ecologists (REIGOTA, 1999). This research is close to the theoretical perspectives of Freire's pedagogy, researches on environmental education by Marcos Reigota and Rodrigo Barchi, conceptions of ecology narratives by Soler Gonzalez and Andreia Ramos, and conversation networks by Nilda Alves. Furthermore, it searches for inspiration in the literature of Conceição Evaristo. For the production of data, we opted for conversational interviews, photographs, postcards, field diary and bibliographic research. The proposal of the educational product will be a set of materials that include 03 *Podcast* episodes, available in the digital accounts of *Narradores da Maré*, with a link to access the material, and 16 watercolor postcards, hand-painted, with the images of territories of affection and the *escrevivências* of women, in a narrative policy, in which subjects of the research and the story can narrate their memories, ecologies and environmental educations. Thus, we believe in the formative and pedagogical potential of those other ecologies and narratives towards a political environmental education, that enhance the participation of the community in the discussion of their local issues and in the policies of environmental education in the municipality of Cariacica.

Keywords: Environmental education; *escrevivências*; women from Cariacica; narratives; school routines.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 — Bairro Munguba/Cangaiba	20
Imagem 2 — Segunda Ponte	34
Imagem 3 — Escolinha ABC	38
Imagem 4 — Obra da escola de 1º grau Suzete Cuendet Claudionor	39
Imagem 5 — Alunos do CAT Bárbara Monteiro Lindemberg — Campo Grande	42
Imagem 6 — Coletivo de professoras do CMEI Pedro Vieira da Silva	44
Imagem 7 — Rumo ao Moxuara	46
Imagem 8 — Capa do vídeo educativo Cariacica Terra da Gente.....	46
Imagem 9 — Formação Projeto Gênese	47
Imagem 10 — Roda D'água	48
Imagem 11 — Congo de Roda D'água.....	48
Imagem 12 — Orla de Porto de Santana	49
Imagem 13 — Região do Vale do Moxuara.....	50
Imagem 14 — Formação em Educação Ambiental	51
Imagem 15 — Formação sobre educação ambiental nos cotidianos escolares.....	52
Imagem 16 — Vista panorâmica de Cariacica	55
Imagem 17— Mapa de localização do município de Cariacica no Espírito Santo.....	63
Imagem 18 — Estrada de Ferro Vitória a Minas	67
Imagem 19 — Educandário Alzira Bley	68
Imagem 20 — Fachada principal do Hospital Aduino Botelho em 1954.....	69
Imagem 21 — ASCAMARP	71
Imagem 22 — RDSMMC.....	74
Imagem 23 — Parque Natural Municipal do Manguezal de Itanguá	75
Imagem 24 — APA do Monte Moxuara.....	76
Imagem 25 — Vista do Mirante do Monte Moxuara	79
Imagem 26 — Reserva Biológica de Duas Bocas.....	80
Imagem 27 — Registro João Bananeira como patrimônio imaterial de Cariacica.....	82
Imagem 28 — João Bananeira.....	83
Imagem 29 — Carnaval de congo em Roda D'água e João Bananeira	84
Imagem 30 — Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu	85
Imagem 31 — Ceramista Elaine Shoelo: Máscaras e João Bananeira	86

Imagem 32 — Reunião da Comissão Organizadora Estadual (COE)	95
Imagem 33 — Conferências nas escolas	96
Imagem 34 — Momento formador com educadores	97
Imagem 35 — Livro Vamos cuidar do Brasil — em destaque o cartaz da aluna	99
Imagem 36 — Encontro com educadores/as no GT Educação Ambiental	101
Imagem 37 — Bairro Santa Rosa.....	109
Imagem 38 — Orla de Porto de Santana	112
Imagem 39 — Estrada do campo entre Cariacica e Viana.....	117
Imagem 40 — Vista panorâmica de Campo Grande	121
Imagem 41 — Cariacica-Sede: a cidade dormitório	128
Imagem 42 — FLEXVIDA Nova Canaã.....	132
Imagem 43 — Terraço de sua casa em Itapemirim	135
Imagem 44 — Roças Velhas.....	139
Imagem 45 — Bairro Vista Dourada.....	144
Imagem 46 — Horta comunitária do Bairro São Geraldo – ECOMUNIDADE	153
Imagem 47 — Dona Darinha: 1ª mulher mestre de congo do ES	156
Imagem 48 — Ao fundo Igreja São Francisco de Assis.....	159
Imagem 49 — Os trilhos se entrelaçam com a vida cotidiana.....	162
Imagem 50 — Grupo 7M Cachoeirinha.....	164
Imagem 51 — Manguezal do bairro Flexal.....	168
Imagem 52 — Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira ..	173
Imagem 53 — Vista panorâmica de Itaquari	176

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Mapa da Divisão Administrativa do Município de Cariacica.....	56
Figura 2— A lenda do Pássaro de Fogo — ilustração de Alessandro Ferreira.....	60
Figura 3 — Região Metropolitana da Grande Vitória.....	66
Figura 4 — Bacias hidrográficas dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu	73
Figura 5 — Postal narrativa da Márcia Mazocco.....	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Quantidade de bairros por região	57
Quadro 2— Identificação dos bairros por região	64
Quadro 3 — PNMMOXUARA.....	77
Quadro 4 — Síntese das Conferências no estado do Espírito Santo.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ASCAMARP – Associação de Catadores de Materiais de Nova Rosa da Penha

CAT – Centro de Atividades

CEIPMEA – Comissão de Elaboração e Implementação da Política Municipal de Educação Ambiental

CF – Constituição Federal

CGME – Comissão de Gestor Municipal de Educação Ambiental

CIMEA – Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental

CNIJMA – Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente

COE – Comissão Organizadora Estadual

COMFIPEA – Comissão de Formulação e Implementação do Programa Municipal de Educação Ambiental

COM-VIDAS – Comissão de Meio Ambiente e qualidade de vida

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

GT – Grupo de Trabalho

IEMA – Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PMEA – Política Municipal de Educação Ambiental

PMNMM – Parque Municipal Natural do Monte Mochuara

POT – Plano Organizacional Territorial

RDSMMC – Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal dos Manguezais de Cariacica

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEMAG – Secretaria Municipal de Agricultura

SEMDEC – Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade

SEMDUR – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação

SEME – Secretaria Municipal de Educação

SEMMAM – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

SEMSURB – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ENTRE FIOS, NÓS E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: NARRATIVAS ECOLÓGICAS DE MULHERES DE CARIACICA	20
1 NARRATIVAS DE UMA PESQUISADORA E AS REDES DE CONVERSÇÕES	34
2 PRODUZINDO SENTIDOS, HISTÓRIAS E DIÁLOGOS COM EDUCAÇÃO AMBIENTAIS EM CARIACICA	55
2.1 DA COLONIZAÇÃO À CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CARIACICA: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS?.....	63
2.2 PATRIMÔNIO ECOLÓGICO DE CARIACICA.....	72
2.3 PATRIMÔNIO CULTURAL DE CARIACICA.....	81
3 APRENDENDO E DIALOGANDO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA E COM AS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS NO BRASIL E EM CARIACICA	88
4 ESCRIVÊNCIAS PARA DIAS DE ESPERANÇA	105
4.1 NARRADORA ZETE	109
4.2 NARRADORA CINTHIA PRETTI	112
4.3 NARRADORA RAQUEL PASSOS	117
4.4 NARRADORA PROFA. LUZ MARINA DE SOUZA.....	121
4.5 NARRADORA PROFA. SÔNIA MARIA RIBEIRO	128
4.6 NARRADORA D. MATILIA	132
4.7 NARRADORA ELAINE SHOELO.....	135
4.8 NARRADORA MARIA APARECIDA GOMES DE ARAÚJO (CIDA ARAÚJO) ...	139
4.9 NARRADORA D. ANTONIA MOURA SILA	144
4.10 NARRADORA NATÁLIA BARBOSA CORADINI	153
4.11 NARRADORA DONA DARINHA.....	156
4.12 NARRADORA D. TERESA FARIA SOUZA	159
4.13 NARRADORA PROFA. MARINA CADETE	162
4.14 NARRADORA VERA LÚCIA	164
4.15 NARRATIVA DA PROFA. VERUSKA FERRAZ.....	168
4.16 NARRATIVA DA PROFA. MICHELE PIRES	172
4.17 NARRATIVA DA D. SUSSU	176

5 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	178
REFERÊNCIAS	185
ANEXO — MINUTA DA LEI DE EA	193

INTRODUÇÃO: ENTRE FIOS, NÓS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NARRATIVAS ECOLÓGICAS DE MULHERES DE CARIACICA

“Não me faço só, nem faço as coisas só. Faço-me com os outros e com eles faço as coisas.”

Paulo Freire (1996)

Imagem 1 — Bairro Munguba/Cangaiba



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A fotografia reproduzida acima (imagem 1) foi capturada por mim no bairro de Munguba, região bucólica e rural, com belíssimas paisagens, como podemos verificar na magnitude do Monte Moxuara ao fundo.

Ao longo desta pesquisa, contemplaremos essas imagens fascinantes de territórios localizados no município de Cariacica no estado do Espírito Santo, através do olhar das narradoras e de suas singularidades.

Em tempos de pandemia da covid-19, fazer pesquisa com participação ativa dos sujeitos é um desafio. Nesse decurso, observamos que, mesmo que alguns encontros se realizassem a distância (via plataforma *Meet*), não faltou amorosidade, ternura, miudeza dos detalhes e companheirismo de todas as envolvidas nesse lindo e potente processo de pesquisa, que não é somente desta pesquisadora, mas que se formou na tessitura dos fios, nós e nas redes de conhecimentos significações que se efetivam, nos “[...] múltiplos contextos cotidianos” (ALVES, 2010, p. 49), num movimento potente de nós, mulheres deste município.

Realizamos encontro presencial com as “Narradoras de Cariacica” com o objetivo de socializar a trajetória da pesquisa, através dos saberes e diálogos amorosos e atentos sobre os caminhos que foram se apresentando. Nessa troca de experiências, partilhamos o produto, entregamos a cada narradora uma caixa com os postais e finalizamos com um belo e saboroso café da manhã rodeado de músicas, poemas e sentidos. Agradecemos a generosidade e valiosa partilha de todas as narradoras.

Quanto a isso, já versejava Manoel de Barros (1998), poeta das “miudezas”, na poesia “O Apanhador de desperdícios”, sobre as histórias das miudezas de viver um tempo vivido, não cronológico, experienciado, que emerge das nossas conversas e das nossas histórias.

O Apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes.

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Esta pesquisa, intitulada **“Entre fios, nós e educações ambientais: narrativas ecologistas de mulheres de Cariacica”**, aborda os movimentos de institucionalização da política municipal de educação ambiental no município de Cariacica e as ecologias que emergem nas narrativas de nós educadoras e nas *escrevivências* de um grupo de mulheres de diferentes regiões do município.

Com o objetivo de ressoar a escrita de nós, o que foi tecido coletivamente, o vivido, o experienciado por cada uma, utilizaremos o conceito de *escrevivências* de Conceição Evaristo (2011) para designar as narrativas dessas mulheres. Tais *escrevivências* são “rastros memorialísticos e autobiográficos nas histórias do vivido, de cada mulher, é a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (p. 07).

Para tanto, conta-se com o movimento de literaturizar a ciência a partir da literatura de Conceição Evaristo (2011), com o livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, obra composta de 13 contos que relata histórias de mulheres negras. Em sua escrita, é possível identificar “Uma íntima fusão entre as personagens, a voz ficcional de quem apresenta essas personagens e a autora, marca o processo criativo dos textos e

afirma o projeto literário de Conceição Evaristo, o de traçar uma escrevivência” (EVARISTO, 2011, n. p.).

Quanto a essa característica de seu estilo literário, a autora relata que é profundamente marcada pelas experiências da coletividade negra, das vivências de suas histórias.

Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 07).

Assim, sugere Conceição Evaristo, como exercício para mergulharmos nas nossas próprias histórias, um diálogo entre a escrita e as nossas vivências, o que denominou de “uma escrita de nós” (2020).

A partir dessa perspectiva, fizemos o convite às mulheres das regiões administrativas de Cariacica para que registrassem imagens de seus territórios e fomos surpreendidas com tantas belezas, delicadezas e singularidades, conforme revelaremos ao longo deste trabalho.

Esses sujeitos da pesquisa e da história são mulheres aqui reconhecidas como ecologistas (REIGOTA, 1999), que exercem o movimento de dialogarem e aprenderem de modo freireano, isto é, com suas próprias histórias, ecologias e educações ambientais, as quais foram forjadas na luta dos movimentos sociais, ambientais e nos cotidianos escolares. “É neste sentido que, para mulheres e homens, *estar no mundo* necessariamente significa *estar com o mundo* e com os outros” (FREIRE, 1996, p. 34).

Assim, os fios e os nós se entrelaçam nas diferentes concepções de educação ambiental, motivo pelo qual utilizaremos o termo educações ambientais. Esses saberes emergem fora do que é institucionalizado e se fazem presentes nos movimentos e coletivos sociais, nos cotidianos escolares, constituindo diferentes perspectivas com as quais são costuradas nossas redes de narrativas e histórias

não oficiais, que não se guardam em livros, documentos e leis, mas que atravessam a vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa e os seus territórios.

O professor e pesquisador Barchi (2016) nos impulsiona a pensar fora do contexto institucionalizador para vislumbrarmos os que emergem de um novo modo de ser e viver, que compreende o contexto de seus cotidianos.

Como as mulheres, sujeitos da pesquisa, estão situadas em diversos espaços territoriais do município, faz-se necessário explicar a divisão territorial do município de Cariacica.

Segundo o site da prefeitura municipal de Cariacica, o município foi subdividido em 13 regiões administrativas, planejadas em 2009. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Semdur), em 2013, desenvolveu o Plano de Organização Territorial (POT), que levou padronização de endereços em comunidades com dificuldades de entregas de correspondências. A atualização das informações é feita por meio de mapeamento cartográfico.

Inicialmente, em face desta pesquisa, fomos provocados a pensar o que nos afeta? O que nos toca? Como somos tocados? Como olhamos o mundo e quais compreensões temos de nossa presença nele?

Para essas inquietações, encontramos em Paulo Freire a compreensão de que somos seres inacabados e inconclusos. O autor também nos faz refletir sobre o que nos mobiliza enquanto sujeitos da história nesta complexa e potente teia que é a vida.

[...] o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 2017, p. 53).

Contudo, a partir das micropolíticas cotidianas e das redes educativas que nos formam e pelas quais somos formados, que, segundo Nilda Alves (2016, p. 235), “são formadas pelos seres humanos em suas múltiplas e complexas relações e nas quais eles se formam com os outros”, emergiram outras problematizações: há o predomínio de uma educação ambiental instituída e/ou imposta para os cotidianos

escolares do município de Cariacica? Quais educações ambientais e ecologias são narradas por grupos sociais, por exemplo, por um grupo de mulheres de diferentes regiões do município de Cariacica? E de que modo essas outras educações ambientais e ecologias podem dialogar e contribuir com as políticas municipais de educação ambiental e com os contextos formativos e pedagógicos nos cotidianos escolares?

Aos refletirmos nessas questões, concordamos com Reigota (1995) quando expressa que é necessário

[...] uma educação política, fundamentada numa filosofia política, da ciência da educação antitotalitária, pacifista e mesmo utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma “nova aliança” [...] com a natureza através de práticas pedagógicas dialógicas (REIGOTA, 1995, p. 61).

Sendo assim, em consonância com o autor, acreditamos que a educação ambiental deve ser política, humanizada, emancipatória e cidadã.

Assim, a partir de leituras realizadas por meio das disciplinas do mestrado profissional, das orientações e encontros com o grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoéticas/CNPq e do engajamento com o campo e os sujeitos da pesquisa, definimos, como objetivo geral, cartografar os processos de institucionalização das políticas de educação ambiental no município de Cariacica bem como problematizar as contribuições políticas e pedagógicas de práticas pedagógicas de educação ambiental que atravessam os cotidianos escolares, as quais emergem com as narrativas ecologistas de professoras e educadoras ambientais e com as escrituras de um grupo de mulheres de diferentes regiões administrativas do município.

A partir dessas questões, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) cartografar e problematizar os processos de institucionalização da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica e práticas pedagógicas de educação ambiental que atravessam os cotidianos escolares, a partir de documentos oficiais e das narrativas ecologistas de professoras e educadoras ambientais do município;

- b) problematizar e cartografar as *escrevivências* e outras educações ambientais de um grupo de mulheres de diferentes regiões administrativas de Cariacica denominadas “mulheres ecologistas”, e as suas contribuições éticas, políticas, ecológicas e pedagógicas;
- c) elaborar o produto educacional intitulado “*Escrevivências e narrativas ecologistas de mulheres de Cariacica*”, o qual descreve suas contribuições éticas, políticas, pedagógicas e ecológicas para os processos de implementação de políticas públicas nos cotidianos escolares.

Esta pesquisa se aproxima das perspectivas teóricas da pedagogia freireana, cujos conceitos fundamentais se encontram nas obras *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia do Oprimido* (1987).

Para abordar a educação ambiental, buscamos como referência os estudos do professor Marcos Reigota, tanto em artigos acadêmicos quanto em livros, a saber: *O que é educação ambiental* (1994), *Ecologistas* (1999), *Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental* (2003) e *Educação Ambiental: utopia e práxis* (2008). Tais obras foram fundantes para as reflexões e escritas e embasaram o percurso desta pesquisa, pois acompanhamos há muito tempo, em nossa práxis pedagógica, os preceitos defendidos pelo autor.

Dialogamos também com o professor e pesquisador Rodrigo Barchi, com destaque para os artigos *Educação ambiental e (ECO)Governamentalidade* (2016) e *Contribuições “inversas”, “perversas” e menores às educações ambientais* (2009b), *Fundamentos da Educação Ambiental Libertária* (2007) que trazem potentes reflexões para pensarmos e refletirmos sobre outras educações ambientais.

Sobre narratividades e redes de conversações, fundamentamos nosso entendimento nas concepções do Professor e pesquisador Soler Gonzalez (2013). Já para abordar as narrativas femininas, corrobora a professora e pesquisadora Andreia Teixeira Ramos (2018).

Além disso, recorreremos às inspirações teóricas e metodológicas da pesquisa cartográfica. Dentre elas, destacamos o livro *Pistas do método da cartografia:*

Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (2015), cujos organizadores são Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Já com Andreia Ramos (2013), estaremos dialogando sobre as cartografias e os sujeitos infames de Cariacica.

Somam-se a essas bases teórico-metodológicas os estudos da professora e pesquisadora Nilda Alves (2000, 2001, 2008, 2010, 2016), os quais fortalecem a ideia de redes educativas das pesquisas com os cotidianos escolares, pensando nas micropolíticas cotidianas.

Para analisar as narrativas das mulheres das regiões administrativas, recorreremos à escritora Conceição Evaristo (2011) com suas concepções sobre as *escrevivências*.

Na produção de dados, optamos por entrevistas dialogadas com as mulheres, sujeitos da pesquisa e de suas histórias, bem como utilizamos diário de campo com os registros das narrativas das mulheres e da pesquisadora, considerando seu potencial metodológico, pedagógico, formativo e político.

Segundo Passos e Barros (2015, p. 151),

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político.

Aliás, pensamos a escolha desta escrita com o outro e não sobre o outro, a partir dos encontros fecundos e afetuosos que aconteceram no processo desta pesquisa.

Desse modo, fomentando o movimento freireano de aprender e dialogar com a própria história, esta pesquisa pretende, com as narrativas ecologistas e as *escrevivências* desse grupo de mulheres, cartografar outras educações ambientais, ecologias e histórias que foram silenciadas ou que sequer foram ouvidas, de modo que nossa aposta política e pedagógica é de que essas narrativas ecologistas possam contribuir com os processos políticos, formativos e pedagógicos nos cotidianos escolares.

As outras ecologias e educações ambientais a que nos referimos, nesta pesquisa de mestrado em educação, foram pensadas em consonância com a noção de ecologias menores (não diminuindo, mas enaltecendo todo potencial dessas ecologias que emergem). Quanto a isso, Barchi (2017, p. 180) relata que

[...] essas outras ecologias estão presentes nos discursos e nas ações de grupos que não estão preocupados com a sua aceitação perante as esferas e organizações que legitimam oficialmente o que é ou não ecologia. São manifestações de pessoas e coletivos que buscam fugir aos padrões de conduta impostos por uma determinada ação normalizadora, a qual se mostra cada vez mais impositiva das noções homogeneizantes daquilo que possa ser entendido como ciência, educação e ação política.

Com isso, percebe-se que a pretensão dessa educação ambiental como prática para liberdade (FREIRE, 2015) não é achar o caminho, muito menos trazer algo novo ou inédito. Da mesma forma, não pretendemos aqui trazer o novo, mas seguir um novo jeito de caminhar, pois acreditamos que o caminho se faz caminhando. Portanto, essa premissa irá nos acompanhar em toda a escrita desta pesquisa, pois seguiremos um processo cartográfico de pesquisa e de escrita apostando na reflexão e no diálogo, com ecologias que emergem na vida cotidiana e nos movimentos de lutas e resistências.

Desejamos, com este processo cartográfico afetivo e de escrita, acompanhar outras educações ambientais e assim narrar essas histórias como uma aposta de rompimento da lógica cartesiana, que também se faz presente nos fazimentos das educações ambientais, tanto em espaços institucionais quanto em cotidianos escolares.

À medida que conhecemos mais narrativas, mais compreendemos a existência de outras realidades e mundos.

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (KRENAK, 2019, p. 16).

Esta pesquisa tem inspiração em Alves (2008, p. 31) quando a autora afirma que é preciso “narrar a vida e literaturalizar a ciência”, com atitudes éticas e metodológicas no processo de escuta do outro, de ouvir atentamente e amorosamente as mulheres que habitam os territórios de vida com suas potencialidades ecológicas e culturais, trazendo para o diálogo outras narrativas que até então ninguém conhecia e que não fazem parte da história oficial do município.

Nessa perspectiva, em nosso processo de pesquisa, buscamos potencializar os territórios de vida, afetos, alegrias e resistências dessas mulheres, num exercício ético, humanista e freireano, com atitude dialógica e emancipatória do oprimido diante da pedagogia da classe dominante, contribuindo para a sua libertação e sua transformação, de modo que elas fossem autoras de sua própria história por meio da *práxis* entre ação e reflexão.

Com as pesquisas narrativas (REIGOTA, 2006) e as narrativas ecologistas das mulheres de Cariacica, propusemos estabelecer pontes e diálogos com as histórias de cada mulher ecologista, assim como Reigota (1999, p. 63) assinalou que o método de histórias de vida “se aplica muito bem na educação ambiental”.

Nesse sentido, de acordo com o autor, o problema antes individual se revela coletivo, “[...] por serem histórias individuais, fragmentadas, ao serem expostas pelos alunos permitem a compreensão, a identificação e a busca de soluções coletivas para os problemas que aparentemente são individuais” (REIGOTA, 1999, p. 63).

Portanto, desejamos provocar, com as narrativas de um grupo de mulheres professoras e educadoras ambientais de Cariacica, o encontro e o diálogo com diferentes educações ambientais, nos processos de institucionalização da política municipal de educação ambiental em Cariacica e nos cotidianos escolares.

A proposta de produto educacional desta pesquisa será um conjunto de materiais educativos, contendo 03 episódios de *Podcast* e 15 postais aquarelados desenhados e pintados à mão pelo artista plástico Robson Cordeiro e por nós mulheres desta pesquisa, com as narrativas e *escrevivências* das mulheres de Cariacica, suas fotografias e imagens de seus territórios.

Este produto educacional foi pensado durante o processo formativo realizado através de rodas de conversas, via plataforma *Meet*, com as mulheres e educadoras da rede municipal, na qual dialogamos sobre a pesquisa, seu percurso, como seria construído o produto educacional e as *escrevivências* das mulheres no caminhar desta pesquisa.

Os episódios de *Podcast*, com as narrativas e poemas das mulheres ecologistas de Cariacica, serão disponibilizados por meio de um *QR code* com link para acesso a sites educativos bem como no blog¹, no canal do *YouTube*² e na plataforma digital *Spotify*³, do Projeto de ensino, pesquisa e extensão **Narradores da Maré**. Com isso, pretendemos não só apresentar o resultado da pesquisa, mas também afirmar nosso compromisso social com o fazer pesquisa engajada, através da divulgação e disponibilização do material produzido a professores e professoras, estudantes e toda comunidade interessada.

Apresentaremos a seguir os capítulos que constituem este trabalho.

O primeiro capítulo, o qual aborda as **NARRATIVAS DE UMA PESQUISADORA E AS REDES DE CONVERSÇÕES**, apresenta os fragmentos da trajetória de vida da pesquisa, que se imbricam com experiências vivenciadas como professora do município de Cariacica, as quais influenciaram a busca por uma educação ambiental libertadora.

Além disso, apresentaremos a escrita do diário de campo e do “diário de vida” da pesquisadora, assim como algumas de suas trajetórias com as educações ambientais em consonância, tensões e diálogos com as políticas de educação ambiental nos órgãos federais, estaduais e municipais e que atravessam os cotidianos escolares, a minha formação acadêmica com a pesquisa no mestrado profissional em educação, como também, os processos de implementação da política municipal de educação ambiental em Cariacica.

¹ NARRADORES DA MARÉ. *In*: BLOGSPOT. Disponível em: <http://narradoresdamare.blogspot.com/>

² NARRADORES DA MARÉ. *In*: YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCat6MvayMz7-YRntXS2TxDw>

³ NARRADORES DA MARÉ. *In*: SPOTIFY. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/512E8eKQkvNbJXxBfLG0Et>

No segundo capítulo, intitulado **PRODUZINDO SENTIDOS, HISTÓRIAS E DIÁLOGOS COM EDUCAÇÃO AMBIENTAIS EM CARIACICA**, apresentaremos o campo problemático da pesquisa e da pesquisadora, neste caso, o município de Cariacica, analisando pesquisas realizadas, dados e documentos oficiais que abordam aspectos históricos desde a colonização até a criação do município, por meio de documentos oficiais. Também serão explicitados as potencialidades locais e os patrimônios ecológicos e culturais.

A proposta desse capítulo consiste em cartografar e problematizar os processos de institucionalização da educação ambiental no município de Cariacica. Também apresentamos nossas análises e posicionamentos em prol de uma educação ambiental política, em diálogo com as pesquisas de Marcos Reigota (2006) e de Rodrigo Barchi (2009a, 2009b).

Em sequência, trazemos para o debate dados oficiais de Cariacica e as narrativas ecologistas de mulheres, professoras e educadoras ambientais, com suas histórias, memórias, afetos e conflitos, e como sujeitos da história (FREIRE, 1987) no movimento freireano, de aprender e dialogar com a própria história (FREIRE; GUIMARÃES, 2011a, 2011b).

Além disso, com o bordado do patrimônio cultural, iremos trazer o Congo, um grande ícone cultural, abordando o carnaval, as comunidades, os mestres e mestras do Congo e seu personagem principal, o João Bananeira.

No terceiro capítulo, **APRENDENDO E DIALOGANDO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA E COM AS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS NO BRASIL E EM CARIACICA**, apresentaremos inicialmente as redes, fios e nós tecidos com os movimentos da Política municipal de educação ambiental de Cariacica (2017) e suas conexões com o momento histórico em cada década da educação ambiental no cenário nacional e mundial.

Nesta parte da escrita, faremos uma explanação dos movimentos que estão imbricados nas políticas oficiais, os prescritos e aqueles que se fundam nas nossas práticas, que fogem o institucional e são forjados nas brechas dos nossos

cotidianos, os quais, muitas vezes, não são vistos, ficam invisíveis diante da abrangência dos processos institucionais.

Também apresentaremos alguns processos da educação ambiental no Brasil que estão imbricados com os movimentos vivenciados no atravessamento que nos constituem e com os movimentos constituídos que aconteceram no município de Cariacica com recorte a partir da década de 90, pois estava “recém-chegada” ao município, efetivada no magistério público municipal em 1991. Tudo que acontecia reacendia em mim a chama e me impregnou de grandes esperanças, marcando a todos nós, educadores.

No quarto capítulo, abordaremos as **ESCREVIVÊNCIAS PARA DIAS DE ESPERANÇA**, problematizando educações ambientais e ecologias de um grupo mulheres das regiões administrativas, que são sujeitos da pesquisa e também sujeitos da história (FREIRE, 1987), e suas *escrevivências* (EVARISTO, 2011). Esse capítulo contará com as *escrevivências* das mulheres ecologistas, a partir das quais problematizaremos as contribuições éticas, políticas, pedagógicas, ecológicas e de resistências, para com a política municipal de educação ambiental, nos contextos formativos e em práticas pedagógicas de educação ambiental, com e nos cotidianos escolares de Cariacica.

Desejamos com isso, criar um espaço de aprendizagens com os *diálogos amorosos* (FREIRE, 2006a), enfatizando o empoderamento dessas mulheres ecologistas, inseridas num contexto social marcado pelo binarismo excludente, sexista e segregacionista, buscando assim, estabelecer fios, nós e redes de saberes entre as educações ambientais abordadas nesta pesquisa.

No último capítulo, optamos pelo título **CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS**, pois, concluimos esta pesquisa não com certezas, mas com indagações e com um convite para que vocês leitores/as possam narrar também suas histórias de modo que este movimento possa se capilarizar e enraizar nos cotidianos escolares e na vida de cada um de nós.

Assim sendo, convidamos o leitor e a leitora para conhecerem e se encantarem com as narrativas e histórias dessas mulheres de Cariacica, pois, precisamos do outro para tecermos as nossas redes enquanto seres habitantes deste planeta/cosmos como no trecho da canção de Sérgio Bardotti (1981), com interpretação de Chico Buarque, a música “Todos juntos, somos fortes”, que nos mostra o anseio e a união do povo em transformar o mundo em um lugar mais humano e solidário.

[...] Todos juntos, somos fortes
Somos flechas e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer [...]

1 NARRATIVAS DE UMA PESQUISADORA E AS REDES DE CONVERSÇÕES

“Para que nunca esqueçamos de nossa resiliência, força, afetividade, alegria e insurgência.”

Instagram: @Ecologia do narrar (2021)

Imagem 2 — Segunda Ponte



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A Segunda Ponte é uma via de acesso muito importante ao município de Cariacica, pois liga a capital Vitória a Cariacica. A fotografia da Ponte do Príncipe (imagem 2), popularmente conhecida como Segunda Ponte, foi capturada por mim e faz parte do

mosaico de fotos que nós, narradoras de Cariacica, registramos de nossos territórios de afetos.

Neste capítulo, dedico-me a narrar minha trajetória de vida que se imbrica nas narrativas baseadas no resgate de experiências, das reexistências por mim vivenciadas. Acredito que criar possibilidades de diálogo, em um mundo configurado pelo patriarcado, machismo e sexismo, é bandeira de luta de todas nós mulheres, que resistimos à opressão e à tentativa de domesticação de nossos corpos.

Por isso, considero oportuno falar um pouco dessa experiência, que justifica minha convicção numa educação libertadora (FREIRE, 1996), que promove a emancipação ou libertação de homens e mulheres, como sujeitos de direitos e deveres, situados no mundo, na sua realidade, promovendo a sua própria humanização.

A ação libertadora numa concepção freireana nos faz repensar os modos de vida e reconhecer que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 29), ou seja, é necessária a troca de experiências para nos libertarmos da dominação.

É nessa perspectiva freireana que situamos a educação ambiental, num entrelugar de reexistências, que perpassa o que está prescrito e determinado, contemplando também a riqueza das narrativas, as histórias e vivências de cada pessoa.

Trazemos para este diálogo o professor e pesquisador Rodrigo Barchi (2009a) que discorre sobre a educação ambiental libertária:

A educação que se deseje libertária e ecológica, como produtora de diferenças e diferenciação, ou seja, de singularidades, torna-se ato de resistência à opressão e ao processo de degradação ecológica global, e também de reivindicação potencialmente construtiva de novas formas de fazer e pensar, a partir do momento em que elas surgem de dinâmicas e de desejos em comum (BARCHI, 2009a, p.78-79).

Em todo percurso, desta pesquisa, com as narrativas das mulheres em seus territórios de afetos e vida, as “diferenças e singularidades que foram construídas a partir da vivência, histórias de vidas, práticas cotidianas, lutas políticas e sociais de cada um [...]” (BARCHI, 2009a, p. 72) foram determinantes.

Nos encontros que realizamos com as mulheres ecologistas online, via plataforma *Meet*, e presencial, não faltaram relações de generosidade, alegria, diálogo de saberes e o compartilhamento de histórias de cada uma de nós, apostando nas possibilidades políticas e pedagógicas das narrativas e dos entrelaçamentos das histórias de vida aqui tecidas.

Apostamos ainda que as histórias e narrativas que emergiram com as “trocas dialógicas entre as singularidades” (BARCHI, 2009a, p. 92), entre os sujeitos da pesquisa, suscitaram a possibilidade de encontros com outras ecologias, as quais “[...] estão presentes nos discursos e nas ações de grupos que não estão preocupados com a sua aceitação perante as esferas e organizações que legitimam oficialmente o que é ou não ecologia” (BARCHI, 2017, p. 180).

Esclarecemos que delimitamos os acontecimentos a partir da década de 70, quando eu estava no ensino fundamental em uma escola pública. Nesse período, ocorreram muitos eventos que marcaram a época e, em sua maioria, foram realizados de forma enviesada, trazendo marcas do instituído, da exclusão da participação social, frente aos movimentos potentes que aconteciam às margens deste contexto.

É nesse contexto que passo a narra minha história de vida que se engendra as minhas vivências e experiências na vida cotidiana e que se entrelaça com a vida de muitas outras pessoas que passaram e deixaram suas histórias marcadas nas minhas. Essas conversas comigo mesma trazem marcas do vivido e constituem o que Nilda Alves (2008, p. 92) denominou de redes formativas, “que nos formamos e pelas quais somos formados”.

Começarei com as experiências vividas nas décadas de 70 e 80, que marcaram uma infância com alegrias, pseudoliberalidades e controle extremo nos cotidianos escolares, o que deixou marcas profundas em cada um de nós, crianças e adolescentes.

Dessa época, me lembro de um fragmento da música *Apesar de você* (1970), de Chico Buarque, cantada por meu pai:

Hoje você é quem manda
 Falou, tá falado
 Não tem discussão
 A minha gente hoje anda
 Falando de lado
 E olhando pro chão, viu
 Apesar de você
 Amanhã há de ser
 Outro dia...

Filha de pais trabalhadores e assalariados, desde tenra idade, em minha família, me foi oportunizado dialogar sobre as possibilidades de indagar e questionar, de forma autocrítica, minha atuação enquanto cidadã brasileira e capixaba. Posso dizer com toda certeza que sou “cria” da escola pública e da educação pública, e, por elas, luto e “levanto a bandeira”, pois acredito na educação como processo democrático, dialógico, participativo e que emancipa o sujeito.

Em Paulo Freire (2002, p. 30), descobri que emancipação

[...] é falar das diferentes formas de opressão e de dominação no mundo neoliberal e de exclusão. É falar de pessoas que vivem de grandes necessidades materiais, de subtração subjetiva e que acabam por ter ausência da alegria de viver, da conscientização principal para conseguirem encontrar a liberdade, a felicidade e a cidadania que desenha democracia.

O autor além de definir emancipação, também nos ensina como alcançar a libertação por meio de uma educação libertadora.

Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 2002, p. 31).

Além disso, para Freire, a emancipação do sujeito “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, 2002, p. 30).

Quando estava com 05 anos, fui estudar em uma escola de educação infantil próxima à igreja de São José em Maruípe. Amei a ideia de iniciar meus estudos nesta carinhosa escola chamada ABC. Fui alfabetizada na cartilha Caminho Suave, escrita pela autora Branca Alves de Lima, o método utilizado era silábico. Eu não largava a minha merendeira com o lanche que consistia no ki-suco e bolachas Mirabel...eu amava!! A seguir (imagem 3) um desses momentos registrados por meu pai.

Imagem 3 — Escolinha ABC



Fonte: Arquivo pessoal, 1971.

No ano de 1972, já na escola pública primária, vivíamos um silenciamento, amedrontamento e um grave e grande vazio em relação às informações que chegavam a nós. Divulgavam-se propagandas veiculadas no rádio e na TV, a mais

famosa e contundente era intitulada “Prá frente Brasil, ame-o ou deixa-o” era a bandeira que transitava nas escolas, cantávamos o single desta campanha sem ninguém nos instruir sobre o que realmente significava. Eram outras políticas de repreensão e controle da época, a mordaza corria solta em nós crianças e adolescentes, ingênuas e incapazes de discutir ou até mesmo intervir em qualquer pauta de decisão no epicentro de nossas escolas.

Estudei o ensino fundamental na escola Estadual Suzette Cuendet, em Maruípe. Vivíamos um vazio político na época, sem políticas públicas educacionais que atendessem aos nossos anseios e necessidades. Essa escola que, muitas vezes, nos marcava positivamente também se escondia atrás de um ensino pautado em castigos, silenciamentos, pragmatismos, visão reducionista da aprendizagem, com exclusão dos alunos e segregação dos alunos com necessidades educativas especiais, pois, na época, não existiam bases legais para as pessoas com deficiências e com necessidades especiais.

Abaixo reproduzimos uma foto (imagem 4) da escola de 1º grau Suzete Cuendet Claudionor, disponibilizada pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, que na época de seu registro estava em obras.

Imagem 4 — Obra da escola de 1º grau Suzete Cuendet Claudionor



Fonte: AtoM APEES, 2017.

Essa escola de ensino fundamental era formada, na sua totalidade, por mulheres (diretora, professoras, orientadoras e supervisoras educacionais) e era como uma extensão de nossas casas, onde podiam nos castigar, sem nenhum pudor ou problema. Apesar de sempre me questionar o porquê disso, era bem quieta e na minha, pois tinha medo dos meus pais me castigarem, caso alguém da escola reclamasse de mim.

Paulo Freire, no livro *Pedagogia do Oprimido* (1987, p. 29), nos faz refletir que “Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor”.

Mesmo diante de todas essas questões, pude observar várias educadoras que ousavam e realizavam outras práticas pedagógicas de ensino, com muita resistência, elevando nossa autoestima e nos motivando para alcançar o nosso potencial. Hoje, noto que, no fundo do meu âmago, a veia revolucionária, apesar de pequena, se instaurava, pois vivia questionando meus pais sobre a escola ser a extensão de nossa casa. “Não aceitava essa condição”, como eles mesmos diziam.

Logo após finalizar a 8ª série, atualmente o que chamamos de 9º ano, fui para o ensino médio. Na época eram poucas as escolas públicas de ensino médio e se localizavam longe de nossa casa. Estudei no Colégio Americano Batista de Vitória, onde cursei o ensino médio profissionalizante em Patologia Clínica. Foi um período em que mesmo com pouca idade, já profissionalizavam as nossas vidas acadêmicas, pois éramos mão de obra barata para todo o plano elaborado pela política educacional vigente na época. Não cheguei a colocar em prática a patologia clínica.

No ano de 1985, comecei a cursar Pedagogia na Universidade Federal do Espírito Santo, onde me foi oportunizado conhecer muitos educadores apaixonados, que nos motivavam a sermos mais questionadores e engajados com o ensino e a aprendizagem. Sempre questionava e indagava às educadoras do curso de pedagogia por que essa profissão era tão pautada na parte burocrática da escola.

Acredito que Paulo freire pode nos situar, em relação a nossa opção progressista da educação, quando postula que:

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros (FREIRE, 2000, p. 31).

Eu não concebia esse direcionamento e, repensando essas indagações, hoje acredito que o vínculo que procurei manter com a escola tenha sido porque as minhas leituras de mundo sempre foram transgressoras, no sentido de desconstrução de conceitos, que as instituições teimavam em manter em seus currículos.

Com as andanças e leituras de mundo, tive a oportunidade, em 1989, de participar como auxiliar de pesquisa de coleta de dados da tese de Doutorado da Profa. Vera Deps (tenho ótimas lembranças dela como professora e amiga). Pude conhecer e conviver com vários professores/as e foi riquíssimo para a minha vida acadêmica e profissional, abrindo possibilidades de conhecer professores/as que já estavam aposentados/as na Ufes.

Em meados da década de 90, já formada, fui trabalhar no Centro de Atividades (CAT) Bárbara Monteiro Lindemberg (SESI Campo Grande) e no Centro de Atividades de Maruípe. Neste período, pude vivenciar minha profissão de Pedagoga, mas com uma visão fechada, reducionista e mercadológica, num sistema de educação que propunha a profissionalização. Fui intuitivamente fazendo movimentos de ressignificar as ações no cotidiano escolar, em alinhamento com a LDB, promulgada em 20 de dezembro de 1961, e a Constituição Federal de 1988, artigo 225 da Educação Ambiental.

A fotografia abaixo (imagem 5) revela um dos momentos de afeto com os alunos do CAT Bárbara Monteiro Lindemberg.

Imagem 5 — Alunos do CAT Bárbara Monteiro Lindemberg — Campo Grande



Fonte: Arquivo pessoal, 1990.

No ano de 1991, fui aprovada no Concurso Público para Pedagoga no Município de Cariacica. A partir desse momento, minhas ideias, inspirações e vontade de ver uma educação cidadã começaram a se concretizar, apesar de todo momento político de descontinuidades em pauta no município.

Para explicar esse momento político ao qual me refiro, apresento um trecho da reportagem que saiu no jornal Gazeta Online, em 2016, que menciona a situação política da época:

Desde a década de 1980 a vida dos prefeitos não se mostrou fácil. Durante 36 anos apenas Aluísio Santos, Helder Salomão e Geraldo Luzia de Oliveira Júnior, conseguiram finalizar seus mandatos. O período conturbado que Cariacica viveu com 19 trocas de comandos desde 1980, criaram uma sensação de instabilidade política (GAZETA ONLINE, 2016).

Mas isso não apagou a vontade de mudança nos rumos da educação e de todo coletivo educador que encontrei nas escolas nas quais atuei. Só tenho que agradecer a todos as educadoras que pude conhecer e compartilhar experiências, pois me acolheram e me oportunizaram possibilidades de crescimento e vivências que nunca esquecerei.

Em Cariacica, no ano de 1992, comecei a atuar em escolas de ensino fundamental, na EMEF Hemogênia Maria da Conceição, situada no bairro Piranema, onde construímos coletivamente com os/as professores/as e alunos/as uma horta, que motivou a todos nós. Uma escola de difícil acesso na época, mas extremamente encantadora com grandes profissionais. Jamais esquecerei todos os momentos inesquecíveis que vivenciei com esse coletivo.

Pedi remanejamento, em 1994, e fui trabalhar no CMEI Pedro Vieira da Silva, situado no bairro São Geraldo. Lá fiz grandes amizades que perduram até hoje, pessoas simples, com muita amorosidade e carinho. Esse CMEI me oportunizou desenvolver belas e significativas atividades com os/as alunos/as, como aulas de campo no bairro São Geraldo, em que fazíamos caminhadas e conhecíamos as belezas do local, no final realizávamos um piquenique debaixo de uma jaqueira.

As crianças vibravam e sempre queriam “bis”, a felicidade transbordava em todas nós. Nos planejamentos e grupos de estudos em que discutíamos algum assunto, a atuação das professoras era significativa, com a participação inventiva para colocar em prática com seus alunos/as. As festas e comemorações eram inesquecíveis e ali já tecíamos os nossos afetos, sonhos e desafios em prol de uma educação de qualidade para todos (imagem 6).

Imagem 6 — Coletivo de professoras do CMEI Pedro Vieira da Silva



Fonte: Arquivo pessoal, 1995.

No ano de 1994, comecei a pós-graduação em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira e defendi a monografia intitulada: *Planejamento Participativo*. Neste mesmo ano, o autor Marcos Reigota lança o livro *O que é educação ambiental* (1994) pela editora Primeiros Passos. Livro ícone que nos faz refletir sobre a educação ambiental na formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes, visando à promoção de uma educação política.

Fui contratada no ano de 1995 pela PMV/Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental, onde pude desenvolver projetos/atividades de educação ambiental com escolas municipais, cursos na área ambiental, palestras e oficinas.

Após 9 anos de serviços prestados na Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Cidade de Vitória, fui trabalhar no Parque Horto de Maruípe como educadora ambiental e coordenadora do Centro de Educação Ambiental, realizando projetos e práticas pedagógicas, cursos e formação com professores e professoras de escolas

do entorno do parque. Fazíamos atendimento com visitas monitoradas a grupos compostos por estudantes e professores/as das redes municipal, estadual e privada.

No ano de 2001, fui trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Cariacica (SEME), onde atuo até hoje. Na SEME, comecei um novo capítulo na minha história com o município, no qual tive a oportunidade de coordenar e participar de processos na área educacional e de educação ambiental, que adiante retomarei com mais detalhes.

Em 2004, em parceria com a Secretaria de Saúde e com as lideranças das comunidades da Grande Maruípe, foi criado o Centro de Atenção Primária Ambiental, no qual desenvolvemos diagnósticos, ação nos bairros e debatíamos em reuniões os problemas socioambientais e de saúde daquele bairro.

Importante evidenciar que a Educação Ambiental do município de Vitória se situava na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e não na SEME. Como a SEMMAM possuía um Departamento de Educação Ambiental com equipe multidisciplinar, justificava-se a presença da EA. Mas o diálogo com a SEME existiu, criando parcerias em projetos nos parques da cidade para atendimento dos/as alunos/as da rede municipal.

Sobre a importância do diálogo, Freire nos ensina que “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1992, p. 43).

Junto com um coletivo de professores/as da rede municipal (imagem 7), em 2004, produzimos um vídeo educativo de 08 minutos sobre Cariacica, intitulado “Cariacica, terra da gente”, uma experiência ímpar e significativa na vida de todos nós. Esse vídeo (imagem 8) foi reproduzido, publicizado e enviado para todas as escolas do município.

Imagem 7 — Rumo ao Moxuara



Fonte: Arquivo pessoal, 2004.

Imagem 8 — Capa do vídeo educativo Cariacica Terra da Gente



Fonte: Arquivo pessoal, 2004.

Em 2005, participei da formação do Projeto Gênesis (imagem 9), idealizado pelo fotógrafo Sebastião Salgado e pelo Instituto Terra em Aimorés — Minas Gerais. Esse projeto foi realizado em 50 escolas de ensino fundamental da rede municipal. Nesse processo, atuamos como formadoras.

Imagem 9 — Formação Projeto Gênêsis



Fonte: Arquivo pessoal, 2005.

Dialogando com a própria história, mergulhei na cultura e na história do município, o que sempre achei emblemáticas. Na primeira incursão na festa do congo de Roda D'água, conheci uma Cariacica (imagem 10) que nunca tinha visto ou ouvido falar. A minha grande paixão e admiração por essa terra começou exatamente ali.

Imagem 10 — Roda D'água



Fonte: Narradora Marlene Oliveira Subtil, 2021.

Em conversas, o Mestre Tagiba, com brilho nos olhos, me falava como era o carnaval dos mascarados de Roda D'água (imagem 11), o envolvimento dos seus filhos e da comunidade.

Imagem 11 — Congo de Roda D'água



Fonte: Narradora Cinthia Pretti, 2019.

Nas águas do rio Santa Maria, Jucu, Marinho e Formate, pude observar as famílias ribeirinhas que viviam da pesca e da catação de mariscos. Por um lado, um belíssimo cenário; por outro, as famílias à deriva do poder público. As águas que banham os bairros de Porto de Santana (imagem 12), Bubu e Itanguá.

Imagem 12 — Orla de Porto de Santana



Fonte: Narradora Cinthia Pretti, 2021.

Águas que evidenciam uma exuberância de belezas, mas que também causam muitos impactos na vida das pessoas que ali residem. Tudo isso fez com que meu olhar se voltasse com mais amorosidade e atenção para as questões ecológicas deste município.

Em uma de nossas andanças por Cariacica, quando conheci Roças Velhas, me maravilhei com tanta beleza e singularidade. Um local bucólico, de moradores/as acolhedores/as e com muitas histórias para contar.

Imagem 13 — Região do Vale do Moxuara



Fonte: Narradora Maria Antônia, 2020.

Acampei aos pés do Monte Moxuara, eu e amigos/as professores/as da rede, para vislumbrarmos o nascer do sol (Imagem 10). Acordamos às 4h da manhã para vermos o espetáculo e fomos agraciados com um lindo e inesquecível nascer do sol. Que espetáculo grandioso.

Entre as redes educativas que nos formam e pelas quais somos formados, a Secretaria de Educação de Cariacica tem uma participação especial em minha escrevivência, onde atuei em coordenações de vários programas/projetos, como: Formadora do PCN Meio Ambiente na escola, com professores dos anos finais do ensino fundamental; PCN em Ação; Conferências Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente, junto ao MEC/MMA; Sala Verde em parceria com o MMA; Programa de Educação Ambiental nas Escolas; e atendimento das condicionantes das empresas, como: Arcelor Mittal Cariacica e Tubarão, Terca e Coimex e assessoramento aos projetos educativos, ambientais e culturais das escolas.

Por mais institucionalizada que a educação ambiental se fazia presente na SEME, tínhamos uma rebeldia em nos aventurarmos por outros caminhos como os processos de formação que foram realizados nas escolas, nos quais buscamos a

escuta das demandas e anseios dos/as professores/as (imagens 14 e 15), sempre situados na realidade onde estavam inseridos.

Imagem 14 — Formação em Educação Ambiental



Fonte: Arquivo pessoal, 2010.

Imagem 15 — Formação sobre educação ambiental nos cotidianos escolares



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Soma-se a minha rede formativa, o período em que atuei como coordenadora do Programa Mais Educação em parceria com o MEC/SECADI/ Diretoria de Educação Integral, no período de 2009 a 2013, em escolas de ensino fundamental. Foi um grande aprendizado conhecer novas propostas de ensino e a metodologia que estava pautada nos pressupostos de Anísio Teixeira. Pude vivenciar também, no Projeto Mobilização Social pela Educação, um processo extremamente rico de interlocução escola/família.

Tive também a oportunidade de participar do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Ambiental em 2009, no qual atuei como tutora a distância no Polo de Santa Leopoldina, com carga horária de 180h, realizado pela UFES/ NIPEEA. Esse curso objetivava a formação de professores engajados na questão ambiental, dentro de uma perspectiva coletiva, participativa e emancipatória da educação ambiental, com uma abordagem complexa e integradora da realidade socioambiental. O curso

era dividido em 14 unidades, a saber: 1. Semana de ambientação - a EA e a educação a distância; 2. Educação Ambiental para escolas sustentáveis; 3. Educação Ambiental no Brasil; 4. Políticas estruturantes em EA; 5. Os quatro elementos na educação Ambiental; 6. Água; 7. Ar; 8. Fogo; 9. Terra; 10. O barro; 11. O preparo; 12. As mãos; 13. A escultura; 14. As várias faces da arte, e unidade final: Projeto Ambiental escolar comunitário.

Atuei ainda como tutora a distância do curso de aperfeiçoamento em Educação Integral no polo de Vitória, entre o período de junho 2014 a novembro de 2014, com carga horária de 180h, na modalidade semipresencial e com atividades semanais nos polos da UFES, ofertado UFES/NEPEI. O objetivo era promover a formação continuada de Coordenadores, professores do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino, agentes sociais, tutores, monitores e oficinairos contribuindo para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem nos programas sociais desenvolvidos em ambientes escolares. Realizamos o acompanhamento dos cursistas nas atividades, orientações da proposta do curso e correção das avaliações dos cursistas na Plataforma AVA.

Participei da equipe que elaborou a Política Municipal de Educação Ambiental do município em 2017. Atualmente, atuo na Gerência de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica, na equipe dos seguintes programas: Censo Escolar, Frequência dos beneficiários do Bolsa Família e Chamada Pública. Faço parte também do Comitê Gestor Municipal de Educação Ambiental (CGMEA) por meio da PORTARIA/GP/Nº 216, de 05 de abril de 2021 e estou na equipe que irá construir o Programa Municipal de Educação Ambiental de Cariacica.

Em 2019, um grande sonho foi realizado, fui aprovada no processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação do PPGMPE/UFES, tendo como professor orientador Soler Gonzalez.

Participo como membra do Grupo de Pesquisa: Territórios de Aprendizagens Autopoéticas e do Projeto de ensino, pesquisa e extensão Narradores da Maré: geografias dos manguezais da Baía de Vitória e Formação de Professores/as, coordenados desde 2014 pelo prof. Soler Gonzalez.

Em 2020, apresentamos um artigo na ANPED, intitulado “Trajetórias de mulheres nos processos de implementação de uma política municipal de educação ambiental”, no qual relatamos a trajetória das narrativas das mulheres envolvidas na construção da Política Municipal de EA.

Também em 2020 pude participar juntamente com a Professora Andréia Teixeira Ramos do Jornal Eletrônico do grupo de pesquisa da Professora Nilda Alves sobre Políticas Curriculares e Projetos Educacionais, no qual comentamos sobre a implementação da Política Municipal de Educação Ambiental em Cariacica.

Diante do narrado, fica evidente que os movimentos de resistências, diálogos, narrativas e vozes que vivenciei, neste percurso, me constituíram enquanto mulher, educadora e narradora.

É, por isso, que apostamos nas trajetórias de vida, por meio da educação ambiental política praticada por um grupo de mulheres, professoras e educadoras ambientais, engajadas nos processos de discussão, elaboração e implementação de uma PMEa. Desse modo, acreditamos que é preciso criar e fortalecer espaços dialógicos para que outras vozes e saberes possam efetivamente contribuir com as políticas públicas.

E mesmo em tempos incertos e sombrios, seguimos nos lembrando do grande Paulo Freire (1992), quando fala sobre *Esperançar*:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo, *esperançar* é não desistir e ter fé na vida.

Nesse movimento de levar adiante, de *Esperançar*, convidamos o leitor para o segundo capítulo, intitulado *Produzindo sentidos, histórias e diálogos com educações ambientais em Cariacica*.

2 PRODUZINDO SENTIDOS, HISTÓRIAS E DIÁLOGOS COM EDUCAÇÃO AMBIENTAIS EM CARIACICA

Cariacica, Cariacica!

Minha história se mistura ao seu legado

Cariacica, Cariacica!

No coração tenho o seu nome eternizado.

Do Moxuara eu posso ver

A Sede onde a cidade alvoreceu

*A emoção não sou capaz de conter, pelas
ruas vejo, ela cresceu!*

Hino Oficial do Município de Cariacica (2018)

Imagem 16 — Vista panorâmica de Cariacica



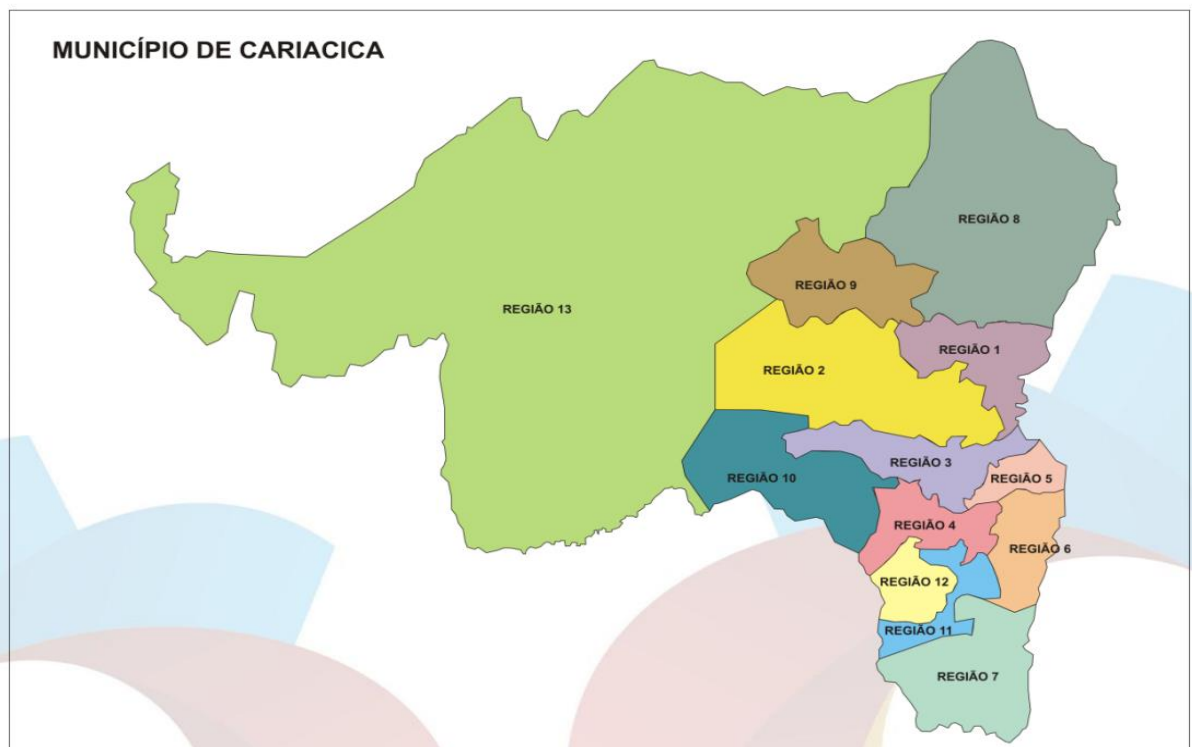
Fonte: Descobrindo Cariacica — Instagram: @marloturco, 2021.

Para situar melhor os/as leitores/as em relação ao hino do município, buscamos no site da Prefeitura Municipal de Cariacica uma reportagem de 19/11/2019 que explica o processo de escolha do Hino Oficial.

Instituiu o Hino Oficial de Cariacica por meio da Lei número 6026. A lei foi publicada no Diário Oficial do município desta terça-feira (18). A obra, composta por Eloá Abgail Oliveira Eler em coautoria com Daniellen Welsing Nogueira e Isadora Dalvi Bergamini, deverá ser executada em festividades e eventos oficiais da cidade, bem como nos estabelecimentos públicos e privados de ensino. O hino foi escolhido por meio de votação popular, realizada no portal da cidade, de 6 a 21 de agosto do ano passado. Com 1298 votos, a obra composta pelas cantoras e instrumentistas foi a grande vencedora, num concurso que teve a participação de 2798 votantes. A canção, inspirada na lenda do Pássaro de Fogo, agora se torna a identidade musical da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 19 nov. 2019).

O município de Cariacica está dividido em 13 regiões administrativas, conforme mapa apresentado na figura 1 abaixo.

Figura 1 — Mapa da Divisão Administrativa do Município de Cariacica



Fonte: Prefeitura de Cariacica. Agenda Cariacica — planejamento sustentável da cidade 2010-2030, 2012.

Essas regiões totalizam 289 bairros. Assim sendo, para situarmos melhor as 13 regiões administrativas bem como seus bairros, apresentamos o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 — Quantidade de bairros por região

REGIÃO	QUANTIDADE DE BAIRROS
01	15
02	23
03	19
04	22
05	7
06	28
07	32
08	8
09	32
10	31
11	23
12	20
13	29
TOTAL DE BAIRROS	289

Neste capítulo, abordaremos alguns aspectos históricos, geográficos e ecológicos do município de Cariacica, por meio de bibliografia disponível, dos jornais locais e de documentos produzidos pela municipalidade, bem como apresentaremos registros e problematizações acerca dos movimentos de institucionalização da política municipal de educação ambiental.

Procuramos contextualizar a realidade do município com base em documentos/imagens produzidos pela própria municipalidade, disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Cariacica e nas secretarias municipais, bem como por meio de jornais locais, dos quais lançamos mão como fonte para nossa pesquisa.

Enquadramos esta pesquisa e seu campo problemático na perspectiva da pesquisa cartográfica, através dos fluxos e refluxos da educação ambiental no município de Cariacica a partir das narrativas das mulheres ecologistas de Cariacica e também dos movimentos socioambientais e culturais locais.

Segundo Gonzalez (2013, p. 80), “O método da cartografia pressupõe uma política da narratividade que permita a dissolvência das posições estanques geralmente associadas ao trabalho da pesquisa àquele que conhece e aquilo que é conhecido”.

Nesse sentido,

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS; BARROS, 2010, p. 151).

Fazer pesquisa nessa perspectiva nos posiciona como sujeitos do processo, num fazimento em construção com o outro.

Essa pesquisa está inserida num contexto socioambiental e cultural das 13 regiões administrativas, onde estão inseridos os patrimônios ambientais desses territórios, como a Reserva Biológica Estadual de Duas Bocas, a Área de Preservação Ambiental Municipal Parque do Moxuara e o Parque Municipal do Manguezal do Itanguá.

Em relação ao patrimônio cultural dessas regiões, citaremos o patrimônio imaterial mais tradicional, o Congo de Roda D'Água, que é um movimento potente e secular, que perpassa as gerações com suas singularidades e está situado historicamente no mapa dos festejos do Espírito Santo.

Para início de conversa, fazemos menção à lenda do Pássaro de Fogo, narrada por moradores, numa perspectiva de outras ecologias com um novo modo de olhar o mundo. Essa Lenda do Mestre Álvaro e Moxuara foi narrada pela professora Sandra Temistocla (2018):

A LENDA DO MESTRE ÁLVARO E MOXUARA - O PÁSSARO DE FOGO.
“Serra e Cariacica são cúmplices numa história de amor. As duas cidades, segundo conta uma lenda, estão ligadas para sempre pela força de um sentimento que une até hoje o índio Guaraci e a índia Jaciara. Pertencentes a duas tribos inimigas - Temiminós e Botocudos - o jovem casal foi impedido de viver a sua história de amor. Conta-se que há muito tempo atrás, uma belíssima princesa indígena e um belo jovem índio guerreiro de uma tribo inimiga apaixonaram-se perdidamente. Aumentou por isso, a rivalidade entre as tribos.

O cacique pai da princesa ficou muito zangado quando soube do romance de sua filha com o inimigo. Ordenou que o feiticeiro de sua tribo perguntasse aos oráculos se o amor dos dois era sincero. Os oráculos responderam que o amor entre eles era mais do que sincero, era eterno. Em consequência disto foram estabelecidas rigorosas divisas entre as terras ocupadas pelas duas tribos, terras dos atuais municípios de Cariacica e Serra. Desesperado, o cacique ordenou que seus melhores guerreiros cercassem a tribo, não deixando o guerreiro inimigo encontrar-se com sua filha. No entanto, não há amor sem esperança e como o jovem índio amava muito a princesa, esperou. Numa tarde, ele encontrou na floresta, uma ave misteriosa. Ele a seguiu até o alto de uma colina. Logo em seguida, a ave alçou voo para a tribo da princesa, conduzindo-a até outra colina, próxima de sua tribo. Os dois então podiam se ver. Então a índia cantava e a delícia de sua voz chegava ao eleito do seu coração. Continuaram, assim, se vendo todos os dias. Um dia o malvado cacique ficou sabendo que sua filha continuava se encontrando com o inimigo. Furioso, ele ordenou que o feiticeiro transformasse os dois apaixonados em pedras quando se encontrassem novamente. Além disso, mandou transformar a ave numa bola de fogo. Assim aconteceu. No dia seguinte, a princesa índia e o jovem guerreiro foram transformados em rochas. O cacique e o feiticeiro não sabiam que a ave misteriosa era uma fada encantada. A ave amiga, transformada em uma bola de fogo, serve desde então, de mensageira entre os dois apaixonados e com uma mágica, faz com que uma vez por ano, na noite de São João, os dois tomem forma humana e, de modo invisível, se encontrem. As tribos não mais existem, entretanto, o jovem guerreiro, o monte Mestre Álvaro na Serra, e a bela índia, Mochuara, em Cariacica, continuam lá como o verdadeiro amor: eternos. Diz a tradição, que na noite de São João uma Bola-de-Fogo passa, no céu, e vai do Mochuara ao Mestre Álvaro e vice-versa. É a viagem do fogo, a descrever no espaço, a eternidade do amor”.

Outra versão é contada pelo historiador Ormy Leal Bezerra (2009, p. 140) que nos relata sobre a viagem do Pássaro de Fogo “[...] durante o natal, sob a forma de um facho, que vai do Moxuara para o Mestre Álvaro, para regressar, na passagem do natal seguinte”. A figura 2 abaixo ilustra essa narrativa

Figura 2— A lenda do Pássaro de Fogo — ilustração de Alessandro Ferreira



Fonte: Site do Morro do Moreno

Para entender a lenda do Pássaro de Fogo, buscamos como fonte histórica o livro *Resumo histórico* (2009), do pesquisador Ormy Leal Bezerra, que escreveu sobre a história do município de Cariacica. O autor nos revela o porquê de encontramos diferentes formas de grafia da palavra Moxuara/Mochuara⁴.

Os habitantes não conhecem o verdadeiro nome desse granito, porque indiferentemente o qualificam de “Monchuar”, “Muchuar” – veio de diamantes – ou até com certeza de “Muchauara” – pedra irmã – estribando-se, talvez, nos conhecimentos da língua tupi. Entretanto tais designações não passam, creio, de corruptela da palavra original. Valho-me do Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico da Província do Espírito Santo, editado por contrato do nosso estado na antiga Tipografia Nacional, em 1878. Há, porém, versões douradas que não deixam de ter fundamentos comprobatórios. Afirmam, pela etimologia, a modificação oral do n em u – Muxanara/Muchauara – o que não altera a verdade primitiva por mim exposta. (BEZERRA, 2009, p. 35).

⁴ A escrita Moxuara vem dos indígenas da região e o nome Mochuara do colonizador, por isso acreditamos e apostamos na escrita indígena: MOXUARA.

Sobre a hipótese da origem do nome Mochuara ser do dialeto francês, Bezerra (2009) nos relata que:

Outra, mais lendária, é a que se baseia numa possível exclamação de tripulantes franceses ao se aproximarem da entrada da baía de Vitória: Monchoir! Vendo o Muxanara, com sua coroa branca, acharam que parecia coberto por um lenço (mouchoir). É pouco viável a confirmação que quiseram dar ao fato, pedindo apoio para corroborar o ponto de vista, da possível absorção pelos indígenas e habitantes de Vitória da exclamação “Mouchoir” diante da beleza do espetáculo, sem dúvida, oferecido pelo granito num dia nebuloso (BEZERRA, 2009, p. 35).

O Plano Municipal de Saneamento (2013) corrobora a narrativa apresentada por Bezerra (2009), pois nos informa que Cariacica era propriamente o nome do rio que desce do “Moxuara” e de uma serra adjacente. Na língua dos indígenas que habitavam o local, o nome “Moxuara” quer dizer *Pedra irmã*. Contudo, relatos históricos dizem que quando corsários franceses chegaram à baía de Vitória, a neblina que encobria o monte lembrava um imenso pano branco, daí a expressão *mouchoir*, que quer dizer lenço e se pronuncia “muchuá”. Do monte, descia o Rio Cariacica, que deu nome ao Município.

Diante da história oficial do município de Cariacica, marcada e construída por uma visão eurocêntrica e hierarquizada, somos impelidos a fazer a seguinte pergunta: quem conta a nossa história? Que outras narrativas não são contadas? De que modo os movimentos de aprender e de dialogar com a própria história constituem processos formativos? Como as *escrevivências* de um grupo de mulheres ecologistas podem contribuir com esse processo?

Diante disso, o desejo de realizar esta pesquisa advém da possibilidade de *aprender e dialogar com a própria história*, com as histórias ditas oficiais e, também, com as narrativas ecologistas e de resistências de um grupo de mulheres de Cariacica, pois, “[...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.” (ADICHIE, 2019, p. 33). Apostamos assim que essas narrativas podem emergir na educação, com contribuições políticas e pedagógicas nos contextos da política municipal de educação ambiental, nos espaços/tempos da formação docente e nos cotidianos escolares.

Pretendemos, com isso, que esta pesquisa seja um espaço de *diálogos amorosos* (FREIRE, 1996) para que os sujeitos da pesquisa e também sujeitos de suas histórias, neste caso, o grupo de mulheres de Cariacica, narrem suas ecologias, *escrevivências*, educações ambientais, suas memórias, afetos, conflitos e relações cotidianas com as áreas de preservação ambiental que as rodeiam, assim como as dimensões políticas, pedagógicas e ecológicas dos seus engajamentos com os movimentos sociais, culturais e ambientais.

Para tecermos alguns fios acerca do campo problemático da pesquisa, ou seja, o município de Cariacica, optamos por trazer dados e informações de documentos oficiais, mas também os olhares, poesias, escritos de narrativas de mulheres de Cariacica e seus envolvimento com a institucionalização e a política de educação ambiental do município.

Consultamos documentos e arquivos bibliográficos que abordam a educação ambiental no contexto municipal, estadual e federal, a saber: Política Municipal de Educação Ambiental (2017); Agenda Cariacica – planejamento sustentável da cidade 2010-2030 (2012); Relatório de Gestão da Cidade (2005-2012); Plano Municipal de saneamento da Prefeitura Municipal de Cariacica, dez/2013; informações disponibilizadas nos sites do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Prefeitura Municipal de Cariacica, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Ministério da Educação, além de publicações diversas e narrativas dos/as moradores/as de Cariacica.

2.1 Da colonização à criação do município de Cariacica: o que dizem os documentos oficiais?

Imagem 17— Mapa de localização do município de Cariacica no Espírito Santo



Fonte: PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE CARIACICA, 2019, p. 11.

Podemos observar acima a localização de Cariacica (imagem 17) em Solo Espírito-santense. Quanto à divisão de seu território, segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico do Município de Cariacica (2013, p. 23),

[...] o município está dividido em 13 Regiões Administrativas, sendo 12 delas na área urbana (regiões de 1 a 12), compostas por 100 bairros definidos pela Lei Municipal nº 4772, de 15 de abril de 2010, que delimitou os bairros do perímetro urbano pelo do Plano de Organização Territorial (POT) de Cariacica. A região 13 é composta pela área rural e por uma área verde dentro do perímetro urbano. O município é composto por dois distritos: Cariacica (Sede) e Itaquari, constituído por 13 regiões administrativas.

Quadro 2— Identificação dos bairros por região

REGIÃO	BAIRROS
1	Aparecida / Del PortoFlexal I/ Flexal II/ Modelo/ Morada Feliz/ Morro do Sesi Nova Canaã/ Porto de Santana/ Porto Novo/ Presidente Médice/ Retiro Saudoso/ Vila Oásis/ Vila Petrônio
2	Bubú/ Campo Verde/ Campo Verde I/ Cangaíba/ Chácara Campos Verdes/ Chácara Nacional/ Lago Belo/ Modelo/ Morada do Porto/ Moxuara/ Novo Jardim/ Parque Nacional/ Parque Nacional II/Planeta/Santa Rosa Rosa Santana/Santo Antônio/ Santo Antônio II/São Carlos/Tabajara/Vila Graúna/Vila Prudêncio/Vila Roma
3	Conjunto José Maria Ferreira/Conjunto Residencial Aldeia/Ferdinando Santório/Itacibá/ Itanguá/ Itanguá de dentro/ Itanguá do Meio/ Mata da Praia/ Nova Brasília/ Nova Valverde/ Oriente/ Residencial João Julião/ Residencial Jucutupe/ Rio branco/ São Luiz/ São Silvestre/ Tucum/ Vila Bandeirantes/ Vista Alegre
4	Balbino Residencial Park/ Bela Vista/Campo Grande/Canto Feliz/ Conjunto Residencial Cristo Redentor/ Cruzeiro do Sul/ Daher/ Dom Bosco/ Flórida/ Laranjeiras/Residencial Dona Augusta/Santa Cecília/Santa Cecília II/ Santa Fé/ Santa Luzia/ São Conrado/ São Francisco/ São Geraldo/ São Rafael/ Vera Cruz/ Vila Capixaba/ Vila Palestina
5	Alto Boa Vista/ Alto Lage/ Chácara Maria Helena/ Expedito/ Itaquari/ Morro da Companhia/ Sotema
6	Bandeirante/ Bela Aurora/ Boa Sorte/Boa Vista/Caramuru/Cordovil/Cordovil II/Ipiranga/Ipiranga II/Jardim América/Marinho/Progresso/São Bernardo/São Rafael/São Tiago/Siderúrgica/Sítio Velho/Sotelândia/Sotelândia II/Sotelândia III/Vala do Marinho/Vale Esperança/Valparaíso/Vasco da Gama/Vila Feliz/Vista Mar/Vista Mar I/Vista Mar II/Vista Mar III
7	Alto Boa Vista/Bela Vista/Çaçaroca/Castelo Branco/Chácara Cachoeirinha I/Chácara Cachoeirinha II/Chácara Coqueiral/Chácara União/Jardim Botânico/Jardim Botânico I/Jardim Botânico II/Jardim de Alah/Jardim de Alah Jucelino Kubischek/Liberdade/Nelson Ramos/Nelson Ramos I/Nelson Ramos II/Nelson Ramos III/Otto Ramos/Rio Marinho/Rio Marinho I (Alzira Ramos)/Rio Marinho II(Alzira Ramos)/Santa Catarina/Santa Catarina I/Santa Catarina II/Santa Catarina III/Santa Paula/Santa Paula I/Setor Barbados/Vila Reges/ Vista Linda
8	Nova Esperança/Nova Rosa da Penha I/Nova Rosa da Penha II/Padre Matias (Itaenga)/Vila Cajueiro/Vila Progresso/Vila Progresso I/Vila Progresso II
9	Alice Coutinho/Andorinhas/Antônio Ferreira Borges/Areinha/Cariacica Sede/Chácara Bela Vista/Chácara Bem-Ti-Vi/Coqueiros/Dilson Funaro/Limão/Morada do Lago/Morrinhos/Morro dos Lagos/Morro Novo/Nova República/Paque de Cariacica/Porto Belo/Porto Belo I/Porto Belo II/Porto de Cariacica/Prolar/Residencial Morrinhos/Residencial Primavera/Residencial Prolar/Santa Helena/Santa Luzia/São João Batista/São João Batista I/São João Batista II/São José/ Vila Merlo
10	Alto Mucuri/Beira Rio/Chácara Beira Rio/Chácara Horizonte/Domingos Martins/Flor de Piranema/Jardim Beira Rio/Monte Claro/Moscon/Mucuri/Nova Campo Grande/Novo Brasil/Novo Horizonte/Operário/Paraíso/Parque do Contorno/Pingo de Ouro/Piranema/Piranema I/Piranema II/Residencial Horizonte/Residencial Jardim Piranema/Santa Anatólia/São Gonçalo/Speroto/Vale dos Reis/Vila Independência/Vila Alegre/Vista da Serra/Vista Dourada
11	Campo Belo/Chácara Padre Gabriel/Chácaras do Sul/Itapemirim/Jardim dos Palmares/Loteamento Residencial Emídio/Maracanã/Morada de Campo Grande/Morada de Campo Grande I/Morada de Campo Grande II/Morada de Campo

	Grande III/Padre Gabriel/Padre Gabriel II/Parque Residencial Maracanã/Recanto Saudoso/Residencial Morada de Campo/Rosa da Penha/Santa Paula II/Santo Amaro/São Benedito/São Geraldo II/ Universitário/Vila Isabel
12	Campina Grande/Campina Verde/Campo Novo/Chácara Campo Novo/Chácara Parque Gramado/Chácara Sol da Manhã/Colina/Estrela Dalva/Estrela Dalva II/Estrela do Sul/Flor do Campo/Jardim Campo Grande/Parque Gramado/Residencial Colina/Santa Bárbara/Santo André/São Vicente/Tiradentes/Vila Nova/Vila Rica
13	Setor 1 Alegre/Boa Vista/Encantado/Mumbeca/Mungumba/Roda D'Água/Taquaruçu/Trincheira Setor 2 Azeredo/ Boca do Mato/Cangaiba/Moxuara/Roças Velhas Setor 3 Aritoá/Distacamento de Baixo/Distacamento de Cima/Duas Bocas/Morro do Óleo/Patioba/Sertão Velho Setor 4 Cachoeirinha/Maricarará/Sabão Setor 5 Capoeira Grande/Ibiapaba Setor 6 Biririca/Boqueirão/Pau Amarelo/Taquaruçu

O primeiro nome do município foi *Carijacicaa*, que em Tupi significa “chegada do homem branco” (BEZERRA, 2009, p. 35). De acordo com o autor Bezerra, *Carijacicaa* era o nome de um rio que descia do Monte Moxuara, descoberto pelos indígenas. Com o tempo, a linguagem popular abreviou o nome para Cariacica.

Os principais acessos rodoviários ao município de Cariacica ocorrem pelas seguintes rodovias: Rodovia Federal BR – 101, Rodovia Federal BR – 262, Rodovia Estadual ES - 080 - Rodovia Estadual ES – 469, ES – 471 e ES – 120. Rodovias apresentadas como projetadas integralmente ou em trechos específicos, sendo os dois primeiros prolongamentos de uma futura rodovia litorânea, de acesso aos portos. A ES – 120 84 promoverá uma alça viária para a BR-101, passando pela área rural do município.

De acordo com o IBGE, o Município de Cariacica possui uma área territorial de 279.975 km². Situa-se a oeste do canal da Baía de Vitória, limitando-se ao norte com Serra e Santa Leopoldina, ao sul com Viana, a oeste com Domingos Martins e Viana e a leste com Vila Velha e Vitória, conforme pode ser verificado na figura 3 abaixo.

Figura 3 — Região Metropolitana da Grande Vitória



Fonte: Ana Lucy Oliveira Freire, 2007.

Na dissertação de mestrado *Educação Ambiental entre os Carnavais dos Amores com os Mascarados de Roda D'água*, de Andreia Teixeira Ramos (2013), a pesquisadora nos relata que Cariacica está inserida num contexto sociocultural marcado pelo hibridismo entre indígenas, negros e imigrantes europeus.

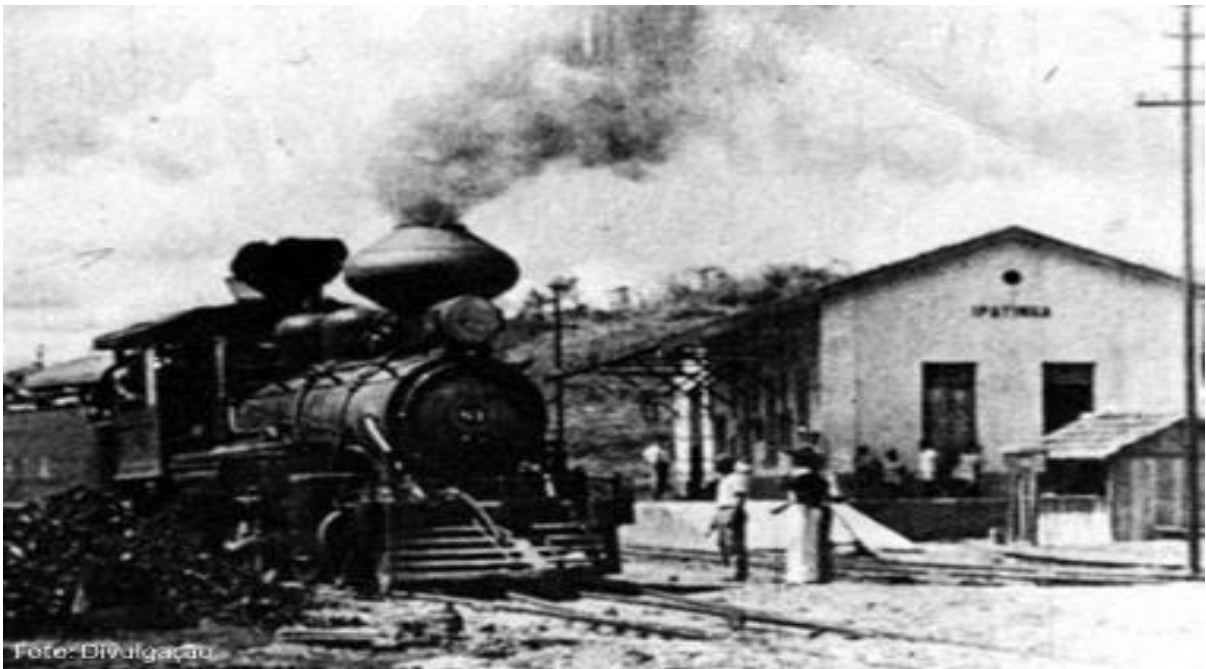
Nesse sentido, confirma Fernandes (2010, p. 55) que “[...] ao longo do século XIX, chegaram à região rural de Cariacica e municípios vizinhos centenas de imigrantes europeus”.

Segundo a história narrada pelo colonizador, em 1829, Cariacica recebeu os primeiros imigrantes. Um grupo de 400 pessoas de origem pomerana,

acompanhados por alemães provenientes de Santa Leopoldina e Santa Izabel, que sedimentaram as primeiras povoações em Biriricas, Pau Amarelo e outros locais mais viáveis às atividades agrícolas.

Ao contrário de outras colônias, os colonos foram empregados na construção da estrada de ferro que ligava Vitória a Minas, como representado na imagem 18 abaixo. Eles trabalhavam no trecho que passava por Itacibá.

Imagem 18 — Estrada de Ferro Vitória a Minas



Fonte: Agência Transporta Brasil (2014).

Seguindo a história do município, a Freguesia criada com a denominação São João Batista de Cariacica, pelo Decreto Provincial n.º 5, de 16 de dezembro de 1837, subordinado ao município de Vitória, foi elevada à categoria de Vila com a denominação agora apenas de Cariacica, pelo decreto Estadual n.º 57, de 25 de novembro de 1890, desmembrando-se de Vitória. A Sede na Vila de São João Batista de Cariacica foi constituída de 2 distritos: Cariacica e Itanguá.

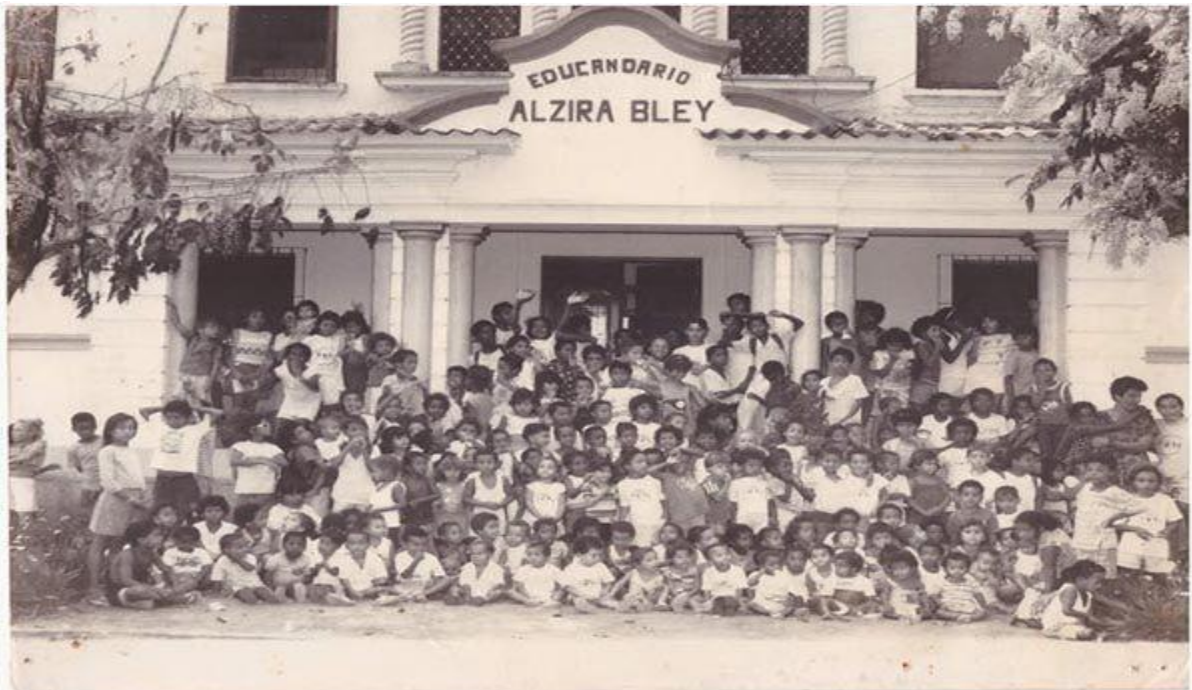
Com o surgimento da Companhia Vale do Rio Doce, na década de 40, instalaram-se os primeiros loteamentos, ocasionando um expressivo crescimento da população atraída por ofertas de emprego.

Quanto à percepção que se tinha sobre o município e seus habitantes, Ramos (2013, p. 29) nos revela que:

[...] a mídia e a opinião pública associam Cariacica como “terra clandestina”, dos *Homens infames* (FOUCAULT, 2012) e com graves problemas de violência social, constituindo historicamente esses discursos, como uma verdade, desconsiderando e apagando as potencialidades locais, haja vista que, na região da Grande Vitória, os lugares dos descasos e dos sujeitos que vêm das *margens* situam-se em Cariacica, como exemplos, o presídio feminino em Tucum, o leprosário da Colônia de Itaenga, o Preservatório Alzira Bley, o hospital psiquiátrico “sanatório” Aduino Botelho, o “lixão” da Rodovia do Contorno, enfim, diferentes mazelas se enraizaram na região, mas, no meio do chão de asfalto também nascem *flores*, como diria o poeta Chico Buarque.

Vale destacar o que significou a implantação desses estabelecimentos para Cariacica e como intensificou e reforçou a imagem do município como lugar dos excluídos.

Imagem 19 — Educandário Alzira Bley



Fonte: Elaine Dal Gobbo, 2020.

Podemos citar, por exemplo, o Educandário Alzira Bley (imagem 19), criado em 1940, localizado às margens da BR-101, km 9, Cariacica-ES, com a finalidade de abrigar os filhos dos pacientes da Colônia de Itaenga, conforme Pavani (2019, p. 23-24) nos relata:

O Educandário foi inaugurado em 11 de abril de 1937 com a finalidade de acolher os filhos dos pacientes da Colônia de Itaenga que eram encaminhados para lá por meio de medidas regulamentares, conforme o art. 148 do Decreto Federal n.º 16.300, de 31 de dezembro de 1923, que estabelecia a segregação imediata dos filhos dos leproso logo após o nascimento nos hospitais colônia. Posteriormente outras leis que seguiram a mesma política de segregação e isolamento dos filhos dos leproso foram publicadas até 1962.

Os filhos dos internos do Hospital Pedro Fontes, destinado ao isolamento de pacientes com Hanseníase, eram retirados de maneira violenta do convívio familiar e social. Tanto o Hospital Pedro Fontes quanto o Educandário nasceram no contexto da política de isolamento e internação (movimento higienista vigente da época) compulsórios de pacientes com hanseníase no primeiro governo do presidente Getúlio Vargas.

Outro exemplo de lugar de exclusão em Cariacica foi o Hospital Colônia Adauto Botelho (imagem 20), inaugurado em 24 de abril de 1954, considerado, na época, modelo para o Ministério da Saúde.

Imagem 20 — Fachada principal do Hospital Adauto Botelho em 1954



Fonte: Olympio Brasiliense, 2016.

Carrion (2011, p. 21) descreve como era o espaço do Hospital Colônia e quais atividades os internos realizavam “[...] Uma fazenda, uma granja, um espaço enorme em que se plantava e colhia — assim contam os entrevistados”.

De acordo com pesquisa realizada pela Secretaria de Saúde do Espírito Santo (ESPÍRITO SANTO, 2004), nos anos de 1980, o nome Hospital Colônia Aduino Botelho passou a ser apenas Hospital Aduino Botelho.

Segundo Carrion (2011), a mudança de nome não apaga a história, pois

O Hospital Aduino Botelho continua ali: suas paredes continuam erguidas, contando histórias antigas. Pessoas que há muito tempo internadas – encarceradas? – deixaram ali suas marcas: no Hospital Colônia, no Hospital Aduino Botelho, no hoje Hospital Estadual de Atenção Clínica. Insistem as paredes e suas marcas, insistem as pessoas e suas memórias, insistem os prontuários que contam história: insiste a história – o nome é outro, mas o Hospital Aduino Botelho não é esquecido. Não pode. (CARRION, 2011, p. 21-22).

Cariacica possuía um lixão irregular de Nova Rosa da Penha II, às margens da Rodovia do Contorno, uma via de acesso ao município muito importante, pois liga Cariacica ao município da Serra. Segundo o site da PMC, em 2015, foi realizada a desativação do lixão. De acordo com a prefeitura, o trabalho de retirada de lixo e entulho do local cumpre a determinação do Ministério Público para combater a prática de crimes ambientais, identificada na área.

Essa parte de Cariacica é a nossa história e marcou negativamente o município, acarretando isolamento da região metropolitana. Entretanto, como seres inacabados, estamos num ir e vir, o que transformou toda essa história em novas histórias, feitas de memórias, de gente, de fios e nós que entrelaçaram sonhos de mulheres, homens, idosos, jovens e crianças que, através de um novo olhar e de um novo sentir, ressignificaram o seu espaço de vida.

Imagem 21 — ASCAMARP



Fonte: Prefeitura de Cariacica, 2015.

Foi assim com o local destinado ao lixão em Nova Rosa da Penha II, que foi ressignificado e passou a abrigar a ASCAMARP — Associação de Catadores de Materiais (imagem 21). Aproximadamente, a ASCAMARP conta com 17 catadores associados e, atualmente, funciona em um galpão, no qual o terreno foi cedido pela prefeitura e a construção foi financiada pela Fundação Banco do Brasil. A imagem 19 abaixo revela como é a associação.

Mediante o exposto, a aposta desta pesquisa é que as narrativas das mulheres possam emergir das histórias desses sujeitos infames que se constituíram historicamente como indivíduos. De acordo com o que encontramos nos documentos e fontes oficiais pesquisadas, a *política de narrativa* (PASSOS; BARROS, 2012; GONZALEZ, 2013), que se destaca na história oficial de Cariacica, é notoriamente marcada por uma perspectiva do colonizador, criando silenciamentos e apagamentos.

Diante da história na perspectiva do colonizador, entendemos que essas narrativas quebram os silenciamentos e discutem a importância das narrativas das mulheres e de seus territórios, buscando outros percursos e valorizando as vozes das mulheres que, na sua maioria, estão à borda ou excluídas desta história.

2.2 Patrimônios ecológicos de Cariacica

Neste subtópico, apresentaremos as perspectivas ecológicas do município de Cariacica, tendo como base bibliográfica os seguintes documentos: Agenda Sustentável da Cidade 2010-2030 (2012); Planejamento Municipal de Saneamento da Cidade (2013); informações disponibilizadas nos sites da Prefeitura Municipal de Cariacica, dentre eles os das Secretarias de Meio Ambiente e de Educação, incluindo também algumas entrevistas conversadas com técnicos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade (SEMDEC).

O município de Cariacica nem sempre abrigou áreas de preservação ambiental, mas, atualmente possui várias áreas de preservação ambiental, como nos aponta Ramos (2013, p. 28):

Cariacica, no passado, era um município desprovido de áreas de preservação ambiental em seu espaço geográfico. Atualmente várias APA's (Áreas de Preservação Ambiental) envolvem iniciativas de preservação e de disseminação da EA em encostas, matas, rios, manguezais, manifestações culturais e povos.

Assim sendo, apresentaremos a seguir um pouco dessas potencialidades ecológicas do município de Cariacica.

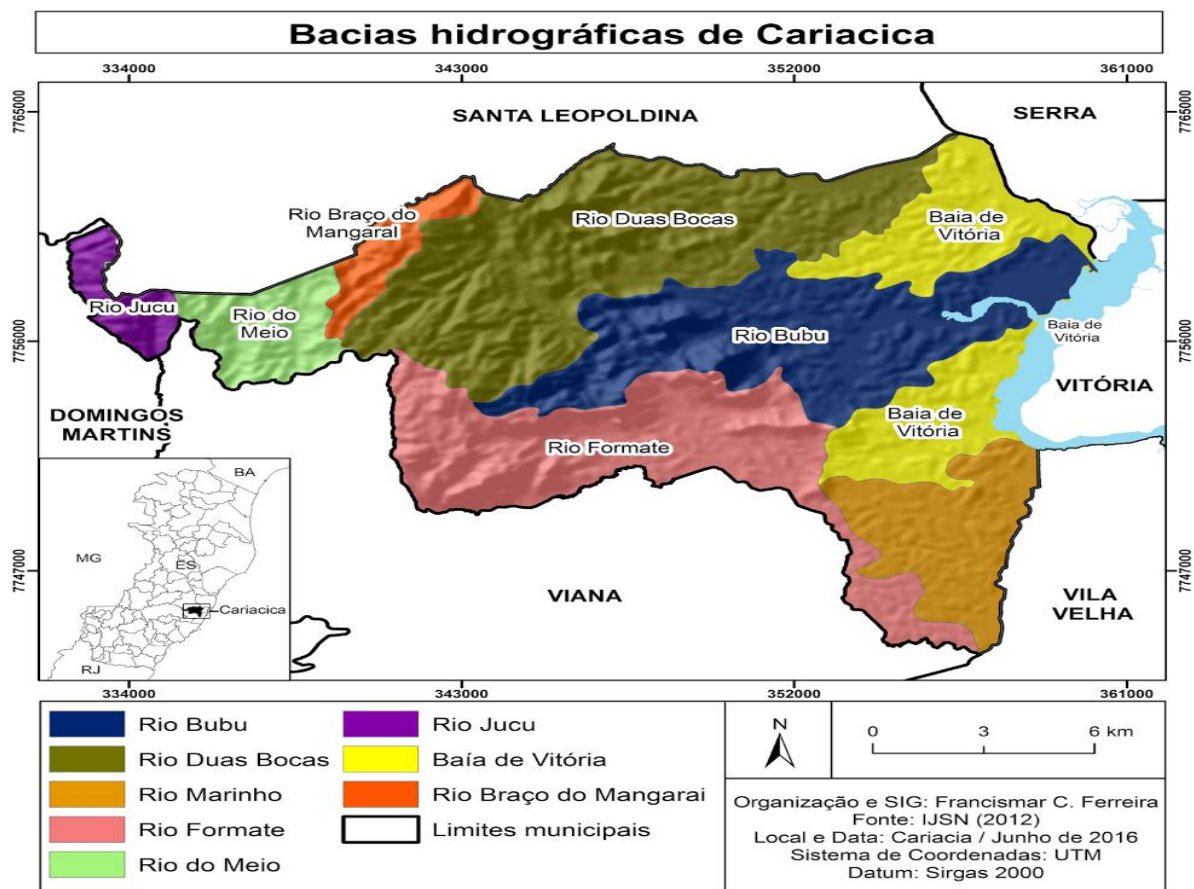
As áreas de proteção ambiental e os parques só foram estabelecidos a partir de 2017, criados e regulamentados por portarias e decretos. Atualmente esses espaços contam com planos de manejo, inventário de fauna e flora e fiscalização ambiental dos órgãos competentes.

Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de Cariacica (2013), os aspectos de saneamento básico estão inseridos em duas unidades administrativas de

recursos hídricos, formadas pelas bacias hidrográficas dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu.

A bacia do rio Santa Maria da Vitória ocupa 70% do território de Cariacica, tendo como rios principais Duas Bocas, Bubu e Itanguá. Já a bacia hidrográfica do rio Jucu ocupa 30% do município e tem como rios principais o Formate e o Marinho.

Figura 4 — Bacias hidrográficas dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu



Fonte: Água na Bacia, 2016.

O mapa apresentado (figura 4) nos mostra as bacias hidrográficas de Cariacica, sendo o único município do Espírito Santo por onde passam duas das maiores bacias hidrográficas do Estado, as dos rios Jucu e do Santa Maria.

De acordo com a Agenda Cariacica 2010-2030 (2012),

[...] o município abrigar vários atrativos ecológicos e culturais com patrimônios históricos e arquitetônicos, dentre eles podemos citar: a Reserva Biológica de Duas Bocas, o Monte Mochuara, as áreas de

manguezais, a Cachoeira de Maricar, o Centro Cultural “Frei Civitela di Tronco”, o Centro Cultural Histórico de Cariacica “Eduartino Silva”; a Igreja Matriz de São João Batista, a Paróquia Santa Maria Gorettia, a Fazenda Ibiapaba, e o Templo Espírita Fraternidade Tabajara.

A seguir destacamos algumas dessas áreas de proteção ambiental do município:

a) A **Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal do Manguezal de Cariacica** (imagem 22). Esse ecossistema tem como bairros limítrofes: Novo Brasil, Porto Engenho, Porto das Pedras, Vila Cajueiro, Pica-Pau, Flexal II, Porto Novo e Nova Canaã, com uma área de 740,34 hectares, criada com o Decreto Municipal N 77/2007.

Imagem 22 — RDSMMC



Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica, 2020.

O Decreto Municipal N 77/2007, no art. 1, declara a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal do Manguezal de Cariacica, abrangendo a região compreendida pelo sistema estuarino do Rio Bubu (Cariacica) e a fração deltaica do Rio Santa Maria da Vitória, pertencente ao Município de Cariacica.

b) O **Parque Natural Municipal do Manguezal de Itanguá** (imagem 23). O local possui área de 47,19 hectares, localizado no perímetro urbano. O entorno do parque

é densamente ocupado e, dessa forma, nele também se manifesta grande parte dos problemas de degradação identificados na Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Imagem 23 — Parque Natural Municipal do Manguezal de Itanguá



Fonte: Rômulo Boldrini, 2015.

Nesse parque deságua o rio Itanguá, o manancial mais poluído e degradado de Cariacica e sujeito a inundações quando da ocorrência de chuvas. Segundo a SEMDEC, a equipe técnica faz vistorias e acompanhamentos das famílias limítrofes à Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

c) A **Área de Proteção Ambiental do Monte Mochuara** (imagem 24). Criada a partir do **Decreto Municipal n° 032 de 17 de abril de 2007**, a APA do Monte

Mochuara está situada entre a Reserva Biológica de Duas Bocas e a zona urbana de Cariacica, totalizando 2.618,24 hectares (9,22% do município). Abaixo apresentamos uma imagem capturada via satélite da Área de Preservação Ambiental do Monte Moxuara.

Imagem 24 — APA do Monte Moxuara



Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Cariacica, 2008.

A exploração de recursos naturais, instalação de empreendimentos prejudiciais ao meio ambiente e demais formas de impacto negativo ambiental são proibidos dentro de seus limites. São encontradas cerca de 70 espécies de aves e 10 de pequenos mamíferos e ainda há áreas com mata primária, localizadas nos vales e nas encostas. O plano de manejo da APA foi contratado pela prefeitura e está em fase de elaboração.

d) O **Parque Natural Municipal Monte Moxuara**. É uma Unidade de Conservação de proteção integral de 436,18 hectares de extensão e 9,390 quilômetros de perímetro, criado pelo Decreto Municipal nº 031 de 17 de abril de 2007, que está em

funcionamento desde 2016. O parque tem como objetivo a preservação dos recursos naturais, a realização de pesquisa científica e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. O parque foi contemplado com recursos de uma compensação ambiental e o plano de manejo, assim como o do APA, está em fase de elaboração.

Quadro 3 — PNMMOXUARA

CARACTERÍSTICAS	ESPÉCIE
<p>Abriga 141 espécies de aves divididas em duas ordens e 45 famílias, o que representa aproximadamente 22% da avifauna do Estado do Espírito Santo.</p> <p>Entre as espécies relacionadas se destacam quatro por apresentarem status de conservação relevante.</p> <p>O Macuco é considerado Criticamente em Perigo no Estado do Espírito Santo e quase ameaçada. Já o Beijaflor-rajado é considerado em perigo de extinção.</p> <p>Outra espécie com status relevante é o gavião-pegamacaco tido como vulnerável.</p>	<p>Inhambu-Xintã, Inhambu, Macuco, Gaviãozinho, Caracoleiro, Gavião-Tesoura, Gavião - de- Cabeça - Cinza, Gavião-PomboPequeno, Gavião-Carijó, Gavião-de-Cauda-Branca, ÁguiaChilena, Gavião-Caboclo, Gavião-Pega-Macaco, MarrecaAnanaí, Garça-Branca-Grande, Socozinho, Garça-Real, SocóDorminhoco, Socó-Taquari, Socó-Boi-Ferrugem,Urubu-Preto, Urubu-de-Cabeça-Vermelha, Quero-Quero, Curiango-Comum, Pomba-Amargosa, Rolinha, Juriti-Gemedeira, Juriti, JuritiPiranga, Anu-Preto, Anu-Branco, Andorinhão-do-Temporal, Beija-Flor-Rajado, Rabo-Branco-Rubro, Beija-Flor-de-FronteVioleta, Beija-Flor-de-Banda-Branca,Surucuá-de-BarrigaDourada, Martim-Pescador-Grande, Martim-Pescador-Verde, Urubuzinho, Maçarico-Pintado, Cauré, Pinhé, Carrapateiro, Acauã, Caracará, jaçanã, Jacupemba, Maitaca-verde, Tiribade-Testa-Vermelha, Periquito-Rico, Periquito-Cabeça, Aratinga-Estrela, Juruva, Saracura-Três-Potes, tucano-de-bicoPreto, Araçari-de-Bico, Branco, Araçari-Minhoca, Jão-Velho, Pica-Pau-Velho, Pica-Pau-Anão-Barrado, Pica-Pau-do-campo, Pica-Pau-Bufador, Pica-Pau-Pequeno, Mergulhão-Pequeno,</p>

<p>Já o gavião pombo, apesar de não levar status relevante para o Estado, nacionalmente é considerado como vulnerável.</p>	<p>Suindara, Corujinha-do-Mato, Corujinha-de-Orelha, CorujaBuraqueira, Mãe-da Lua, Choquinha-Estrelada, Cloquinha-deFlanco-branco, Choca-Bate-Cabo, Choca-Plumbea, CoquinhaChumbo, Formigueiro-Assoviador, Formigueiro, pintadinho, Papa-Tacoca, olho-de-Foco-do-Sul, Borralhara-Preta, PapaFormigas-vermelho, Chupa-Dente-de-Máscara, João-de-Barro, Barranqueiro-Olho-Branco, Limpa-Folha-Coroado, Andorinhado-Rio, Andorinha-Serrador, Andorinha-Grande, ArapaçuPardo, Arapaçu-de-Garganta-Branca, Arapaçu-Escamoso, Arapaçu-Rajado, Arapaçu-de-Bic0-Preto-Torto, Guaracava-deBarriga-Amarela, Abre-Assa-da-Capoeira, Cabeçudo, patinho, Assadinho-de-PeitoDourado, Lavadeira,Bem-Te-Vi, Suiriri, Bem-Te-Vi-De-Bico-Chato, Bem-Te-Vi-De-Coroa-Vermelha, Bem-Te-Vi-Rajado, Capitão-de-Saíra, Caneleiro-Preto, Corruíra, Arrebite-Rabo, Sabiá-Laranjeira, Araponga, TangaráDançarino, Rendeira, Japu-Preto, Graúna, Chupim, Guaxe, Sebinho, saíra-de-Sete-Cores, Saíra-Turquesa, Tiê-Preto, Gurundi, Tiê-Galo, Saíra-de Cabeça-Castanha, SaíraFerrugem, Sanhaço-Cinza, Sanhaço-do-Coqueiro, Vi-Vi, Gaturamo-Verdadeiro, Saí-Beija-Flor, Saí-Azul, Saí-Andorinha, Furriel, tempera-viola, Tiê-da-Mata, Cigarra-Bambu, Catatau, Coleirinha, Tico-Tico,Pitiguari,Juruviara.</p>
--	---

Fonte: (SOUZA, 2018, p. 101), com base em FEMAS (2012).

A seguir reproduzimos uma foto da Vista do Mirante do Monte Moxuara (imagem 25), registrada durante a realização de um projeto de turismo pedagógico, desenvolvido em 2010.

Imagem 25 — Vista do Mirante do Monte Moxuara



Fonte: Arquivo pessoal do Projeto Turismo Pedagógico, 2010.

e) A **Reserva Biológica de Duas Bocas** (imagem 26). Segundo a Agenda Cariacica (2013), é uma unidade de conservação de proteção integral, de domínio público, que tem como objetivo a preservação integral dos recursos naturais. Como o uso dos recursos naturais é bastante restritivo, é permitida a pesquisa científica e a visitação pública com fins educacionais.

Sob responsabilidade do (IEMA), a reserva biológica está totalmente localizada em Cariacica e representa o maior fragmento florestal do município (2.910 hectares). Criada como reserva florestal, Duas Bocas passou a ser Reserva Biológica somente em 1991. Apesar das interferências antrópicas relativas ao desenvolvimento da

agricultura anteriormente à criação da Unidade de Conservação, Duas Bocas (imagem 26) é um fragmento de Mata Atlântica que apresenta bom nível de conservação – condição que toma dimensão maior, quando se considera que grande parte dos principais rios de Cariacica nasce na Unidade de Conservação.

Imagem 26 — Reserva Biológica de Duas Bocas



Fonte: IEMA, 2016.

No território de Cariacica, encontra-se a Reserva Biológica Estadual de Duas Bocas com cerca de 2.910 hectares, considerada uma das mais importantes Unidades de Conservação do Estado (IDAF, 2010; SEMDETUR, 2006).

Sua origem está fortemente vinculada à produção de água para abastecimento de parte da RMGV, como podemos citar (i) a Cachoeira de Maricarará — local muito frequentado pela população local — de propriedade particular, localizada a 6 km do Centro da Sede do Município e (ii) a Cachoeira do Gonring, queda do Rio Mangaraí, que se encontra no limite com o Município de Santa Leopoldina.

Apesar de o município possuir essas Áreas de Proteção Ambiental e parques anteriormente descritos, ficam ainda algumas perguntas: como a política municipal

de educação ambiental poderia intensificar e colaborar com a participação da população e das escolas nas discussões para melhoria dessas áreas? Como entrelaçar, entrelaçar as comunidades ribeirinhas e lindeiras a essas áreas com suas narrativas/histórias? Como possibilitar a abertura de diálogo entre o poder público e essas narrativas? Muitos desafios se assentam para que possamos construir processos educativos com mais diálogo e participação das escolas, mesmo que o município seja enriquecido e potencializado com vários espaços ecológicos e naturais.

2.3 Patrimônio cultural de Cariacica

*laiá, você vai à Penha, me leva, ô me leva
Eu vou tomar capricho, meu bem, vou
trabalhar
Eu tenho uma promessa a pagar
Essa promessa que eu tenho a pagar
É a Santa Padroeira
Ela vai me ajudar
Ô laiá.*

Comunidade de Roda D'água

Em relação à cultura do município, queremos destacar o riquíssimo e potente carnaval de Congo de Roda D'Água que, segundo Ramos (2013, p. 37), “é festa do Carnaval de Congo de Máscaras”, destacando-se a devoção a Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado. O festejo conta com a presença singular do brincalhão dos Mascarados do Congo e os participantes utilizam máscaras produzidas artesanalmente na comunidade. A presença dos Mascarados é uma das peculiaridades que difere o Carnaval do Congo de outros grupos de congo do estado. Além dos Mascarados no Carnaval, o evento é abrilhantado com as Bandas de Congos da região de Roda D'Água.

Trazemos como destaque o personagem ícone do João Bananeira que é patrimônio

cultural imaterial de Cariacica, de acordo com o decreto municipal Nº. 118 de 03 de julho de 2020 (imagem 27).

Imagem 27 — Registro João Bananeira como patrimônio imaterial de Cariacica

**DECRETO Nº 118, DE 03 DE JULHO DE
2020**

**INSTITUI O REGISTRO DO JOÃO BANANEIRA,
COMO PATRIMÔNIO DA CULTURA IMATERIAL DE
CARIACICA.**

**O PREFEITO MUNICIPAL DE CARIACICA -
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das
atribuições legais que lhe são conferidas pelo
Art. 90, inciso IX da Lei Orgânica do Município de
Cariacica e em consonância com a Lei 5.061, de
2013, que dispõe sobre o programa permanente
de registro, proteção e conservação do
Patrimônio Imaterial do município de Cariacica,
bem como o Decreto nº 137, de 2017, que
dispõe sobre a criação do Programa Permanente
de Tombamento e Registro de Bens do
Patrimônio Cultural Material e Imaterial, e;**

Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica (ATOS OFICIAIS), 2020.

Quanto à construção histórica do João Bananeira, Alfredo Godô nos concedeu a narrativa em 2020 e narrou o Projeto “João Bananeira na escola” de sua autoria:

“João Bananeira é um personagem mascarado do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’água, Cariacica-ES. O mistério do personagem, durante o Carnaval de Congo, está em não divulgar quem está por trás da máscara. Antes, ainda com as tradições mais enraizadas, para conseguir que não fossem identificados, os mascarados se vestiam nas plantações de banana da zona rural do município. A dança e irreverência dos mascarados acompanham o som dos tambores e a voz dos congueiros que entoam antigas canções para homenagear a padroeira do Espírito Santo: Nossa Senhora da Penha. A memória acompanha a história do Congo da cidade, reforçada no ícone da manifestação

popular representada pelo João Bananeira, chamado por alguns de Zé Bananeira.”

Segundo o site da Prefeitura Municipal de Cariacica (24 de junho de 2021),

O João Bananeira é o personagem mascarado mais popular e característico do Carnaval de Máscaras de Roda D'Água, sendo um elemento folclórico fundamental para caracterizar a diferença e a originalidade das bandas de congo locais. Ele representa a alegria e a resistência cultural do povo de Cariacica.

A seguir reproduzimos fotos do João Bananeira no Carnaval de Congo de 2019 (imagens 28 e 29), disponibilizadas no perfil oficial do Facebook.

Imagem 28 — João Bananeira



Fonte: Facebook Oficial do João Bananeira, 2019.

Imagem 29 — Carnaval de congo em Roda D'água e João Bananeira



Fonte: Facebook Oficial do João Bananeira, 2019.

Sobre a motivação para a realização da mais significativa e tradicional festa do Carnaval do Congo de Roda D'água, a PMC explica que

surgiu a partir das procissões locais que eram feitas em Cariacica em homenagem a Nossa Senhora da Penha. Diante da dificuldade de locomoção até o Convento da Penha, os moradores decidiram homenagear a santa saindo pelas ruas da localidade em procissões animadas por tambores de congo. Com o passar dos anos, a festa cristã organizada pelos brancos misturou-se às raízes negras e indígenas, dando origem ao carnaval. Hoje é uma das festas mais singulares do folclore capixaba. Vale ressaltar que apesar do congo pertencer ao folclore capixaba e ser encontrado em todo Estado o Carnaval de Congo de Máscara é uma manifestação singular, realizado apenas na região de Roda D'Água em Cariacica (PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA, 24 jun. 2021).

Imagem 30 — Banda de Congo São Sebastião de Taquaruçu



Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica, 2016.

O município possui grande potencialidade de artistas e artesãos, segundo o site da Aderes (Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo), sendo o município da Região Metropolitana com maior número de artesãos.

Temos grande produção de artes a partir da fibra de bananeira, barro, conchas, palha, papel reciclado, tecelagem, escamas de peixes, madeira, barro, cerâmicas, pneus, metais, fios e tecidos.

Entre os muitos artesãos e artistas que se inspiram na cultura do município para a realização de suas obras, destacamos a seguir (imagem 31) uma escultura em miniatura representando a festa do Congo de Máscara da ceramista Elaine Sohelo.

Imagem 31 — Ceramista Elaine Shoelo: Máscaras e João Bananeira



Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica, 2017.

As famílias resistem em perpetuar a tradição que traz em seu âmago a luta de muitos para a conservação e divulgação dessa tradicional e secular cultura do município, como podemos confirmar no fragmento da narrativa de Cida, moradora da região 10 no bairro Vale dos Reis (2020).

“A militância continua me leva novas lutas por mais conquistas em meu território em me tornar uma dançarina de congo pois já estava no meu sangue, e, em 2015 o cantor Joel de Araújo que estava coordenando a Banda de Congo São Benedito de Piranema vê em mim a paixão pelo Congo e me chama para se dançarina oficial da Banda de Congo São Benedito de Piranema conquistou mais esse espaço de luta resistência de muita arte e diversas culturas congueiras e contribuo muito com o Congo estou compondo a diretoria do da associação das bandas de Congo de Cariacica e realizo mais um sonho de me tornar uma dançarina de Congo. O congo corre em minhas veias, continuo ativa na luta.”

Assim como Cida, muitas outras mulheres trazem no sangue a luta pelo movimento potente, significativo e de resistência em Cariacica que é o Congo de Roda D'Água.

Finalizamos este capítulo, com a certeza de que a Educação Ambiental é um ato político, pois “A esperança não é um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2003, p. 47). O autor ainda nos dizia: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2002, p. 10).

Assim sendo, precisamos ter esperança quando olhamos atentos para este ambiente e, nesses tempos difíceis, ousamos a ter esperança, sempre trazendo o insubmisso sonhador Paulo Freire (2001, p. 16), que nos faz refletir que “a esperança tem o poder de transformar a nossa realidade”, por isso, é necessário o esperar mesmo num mundo onde o nosso lugar só se concretiza com resistências e lutas.

3 APRENDENDO E DIALOGANDO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA E COM AS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS NO BRASIL E EM CARIACICA

“Jamais interprete, experimente [...]”.

Gilles Deleuze (2010)

Neste capítulo, apresentaremos inicialmente as redes, fios e nós tecidos com os movimentos da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica (2017) e suas conexões com o momento histórico da educação ambiental em cada década no cenário nacional e mundial.

No emaranhado e na tessitura dessas *redes*, podemos identificar *redes educativas* que estão para além dos muros das escolas, conforme postula Nilda Alves (2012, p. 228):

No entanto, é preciso compreender que vamos tendo que incorporar o que se passa em redes educativas fora das escolas como o que poderíamos chamar de “o outro dos currículos”, pois sua visibilidade crescente vem exigindo diálogos variados: ora são as mídias que nos exigem criação de ações curriculares novas; ora os movimentos sociais aparecem e exigem a incorporação de novos conteúdos e novas ideias, e assim por diante.

Alves (2012, p. 229) reforça que “há outras pedagogias nas demais redes que se entrelaçam e se imbricam no nosso cotidiano e que trazem novas formas de ver e ser no mundo”.

Acreditamos nessas “outras pedagogias” que se imbricam nos nossos saberes-fazer, nas brechas que se abrem frente à cristalização da educação ambiental nos cotidianos, como um sopro de possibilidades aos postulados impostos nas escolas.

Sendo assim, abordaremos políticas de educação ambiental, trazendo narrativas de mulheres que vivenciaram as redes, fios e nós com os processos de institucionalização da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica.

Nessa rede dialógica, convidamos para a conversa, com inspirações no *diálogo*

amoroso e na pedagogia freireana, assim como nas redes educativas de Nilda Alves (2012), os professores e pesquisadores do campo da educação ambiental: Marcos Reigota (1995), Rodrigo Barchi (2016) e Soler Gonzalez (2013).

Mediante todos os movimentos e acontecimentos, percebemos que a educação ambiental presente nos cotidianos escolares possui viés de uma educação bancária com abordagem insípida, conteudista, pragmática, linear, que prioriza datas comemorativas, projetos e temáticas desconectados da realidade da comunidade na qual a escola está inserida, privilegiando prática pontual e descontínua do processo educativo ambiental.

Em relação ao exposto, temos que nos questionar: que educação ambiental atravessa as práticas pedagógicas nos cotidianos escolares e nos contextos formativos? Quais ecologias nos habitam?

Quanto aos questionamentos levantados acima, Reigota (2009) nos exemplifica que

Educação Ambiental é um processo participativo, em que o educando assume o papel de elemento central do processo de ensino e aprendizagem pretendido, participando efetivamente das reflexões acerca dos problemas ambientais e na busca de soluções, sendo preparado como agente transformador, pelo desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes, mediante uma conduta ética condizente ao exercício da cidadania (2009, p. 16).

É possível afirmar que a Educação Ambiental, segundo essa definição apresentada por Reigota, deve ser pautada na pedagogia freireana, ou seja,

[...] deve ser entendido como essência da educação, como prática da liberdade, como ato de humildade do sujeito frente a outros sujeitos, pois não há diálogo, se não houver humildade [...] não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas, o saber, mas uma relação que se consolida na práxis social transformadora (FREIRE, 1987, p. 80).

Freire (2001) expõe que a visão de mundo, de homem e *de mulheres* (grifo nosso), na sociedade, envolve um sujeito que era alienado, a-histórico e individualista para a reconstrução e libertação de si próprio, possibilitando, dessa maneira, a construção de um novo sujeito ecológico, político, dinâmico, reflexivo e livre da alienação. A educação proposta por Freire é concebida como *práxis* revolucionária, articulando os saberes e a cultura dos povos.

Defendemos essa concepção de educação ambiental como prática da liberdade, que vislumbra a transformação na/da realidade vivida, capaz de produzir novas possibilidades de dialogicidade com os sujeitos históricos e engajados.

Faremos uma explanação dos movimentos institucionalizados oficiais em paralelo as nossas práticas que são forjadas nas brechas dos nossos cotidianos e que, muitas vezes, não são vistas, ficam invisíveis frente à abrangência desses processos.

Apresentaremos, para tanto, alguns processos da educação ambiental no mundo e no Brasil que estão imbricados com os movimentos constituídos e vivenciados que aconteceram no município de Cariacica.

Nosso recorte temporal se dá a partir da década de 70, no entanto, no bojo dos acontecimentos que marcaram o mundo antes desse período, podemos destacar o movimento ambientalista em defesa da ecologia e meio ambiente, com ênfase na publicação do livro “Primavera Silenciosa” (1962), da americana Raquel Carson.

No âmbito mundial, o primeiro evento sobre a temática, a Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, contou com a participação de 113 países. Nesse evento foram divulgados dois documentos: a “Declaração Sobre Meio Ambiente Humano” e o “Plano de Ação Mundial”.

Outro evento que proporcionou importantes reflexões foi a “Conferência de Belgrado”, na Iugoslávia, realizada em 1975, com a participação de pesquisadores e cientistas de 65 países. Essa conferência deliberou uma nova ética para promover a erradicação da pobreza, do analfabetismo, da fome, da poluição, da exploração e de todas as formas de dominação humana.

Com base nessa estratégia, a UNESCO (1975) criou o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), com relevante atuação internacional, cujo objetivo era o de editar publicações relatando as experiências mundiais de preservação e educação ambiental. Além disso, esse programa criou uma base de dados que, no início da década de 80, contava com informações sobre 900 instituições que atuavam com educação ambiental e 140 projetos voltados à preservação do meio ambiente.

No que diz respeito ao Brasil, as deliberações da conferência de Belgrado, principalmente aquelas voltadas à educação ambiental, passaram despercebidas pelos órgãos educacionais tanto na esfera federal quanto na estadual, dada a conjuntura política que o país vivia naquele momento.

Quanto aos movimentos da educação ambiental na década de 90, contamos com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, denominada Eco 92 ou também Rio-92, sediada na cidade do Rio de Janeiro. Por trás, e ao lado, deste cenário de grande euforia para a educação ambiental no Brasil, o modelo neoliberal estava instalado, e o objetivo era claro no sentido de cooptar as questões ecológicas, numa visão mercadológica. Esse momento foi conduzido por uma visão neoliberal, hegemônica e tecnicista, visível à vulnerabilidade da expansão capitalista e mercadológica da educação ambiental.

Às margens dessas reuniões entre governantes e diplomatas, a juventude, ONGs, movimentos sociais, povos indígenas e organizações sindicais se reuniram e fizeram discussões e debates potentes e fundamentais em relação à diversidade cultural, social e política, ficando claro que a sociedade civil não se rendeu diante das burocracias capitalistas impostas pela Cúpula da Terra, termo pelo qual também ficou conhecida a conferência de 92.

Em tendas espalhadas no Aterro do Flamengo, emergiam outras educações ambientais, no chamado Fórum Global. Esse movimento ficou conhecido como a Cúpula dos Povos e teve como objetivo articular as lutas socioambientais contra o neoliberalismo vigente na época.

A Cúpula dos Povos semeou um terreno fértil e nos abasteceu de esperança e coragem para lutar. O evento contou com a participação de coletivos potentes e atuantes que, através das lutas e mobilizações, promoveram a discussão de vários documentos e tratados. Destacou-se, neste evento, o movimento Planeta Fêmea, que propôs ações afirmativas sobre o direito ao próprio corpo e à vivência da sexualidade articuladas a uma luta contra as políticas de controle da natalidade e em favor do ambientalismo.

Enquanto isso, o ambientalismo, no Espírito Santo, foi marcado perversamente com a morte de Paulo César Vinha, biólogo e militante ambientalista brasileiro, que foi assassinado em Guarapari, devido a sua luta contra a retirada ilícita de areia pertencente a uma área de restinga.

Nesse período em Cariacica, iniciamos o processo de implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais, dialogando com o professor e pesquisador Reigota (2008, p. 62), “a discreta presença da educação ambiental na produção teórica sobre a cidadania no período posterior à ditadura militar deve ser analisada levando-se em consideração o movimento histórico de sua origem [...]”, demonstram que a escrita estava alicerçada num modelo neoliberal de entendimento do afastamento da cidadania e das questões ambientais recorrentes e locais.

Sobre os PCNs, Barchi nos desperta para a ausência de perspectivas que considerassem o territorialismo e as necessidades de cada região brasileira.

Os PCN's não levaram em consideração o gigantismo territorial e cultural brasileiro, estabelecendo uma perspectiva única em todo o território brasileiro, sugerindo as mesmas resoluções de problemas ambientais a partir da educação tanto para o contexto do Sul, do Nordeste e da Amazônia (BARCHI, 2016, p. 644).

Nessa perspectiva, podemos refletir que os PCNs se constituíram em subsídios para os temas transversais, mesmo que estes não tenham sido debatidos de forma processual, buscando a territorialidade de seus espaços educativos, foram incorporados aos cotidianos escolares e com temas elencados pelo Ministério da Educação sem discussão prévia e potente com os educadores locais.

Quanto aos temas transversais presentes nos PCNs, o professor e pesquisador Reigota (2000 apud Barchi, 2016, p. 644)

[...] critica de maneira veemente os equívocos feitos pelos PCN's no que diz respeito ao conceito de transversalidade. De acordo com ele – e uma boa revisão dos Temas Transversais dos Parâmetros confirma esse fato – em nenhum momento o conceito é minuciosamente descrito ou explicado, sendo que em algumas partes desses documentos, a transversalidade é confundida com a interdisciplinaridade.

Tive a oportunidade de atuar como formadora e coordenadora do PCN de meio ambiente no município de Cariacica. Na época, o parâmetro contemplou educadores

para atuação em escolas de ensino fundamental de 5ª a 8ª série (o ensino ainda era dividido por série e não anos) e indicava o meio ambiente como tema transversal. Apesar de toda visão reducionista, fizemos potentes discussões sobre os problemas ambientais locais (uma iniciativa dos formadores) numa perspectiva/tentativa de suprimir a visão fragmentada e compartimentada da educação ambiental que se fazia presente nos cotidianos escolares.

Foi neste momento que iniciamos as proposições com as discussões da educação ambiental num processo de inserção e incorporação aos cotidianos escolares. Mesmo com todas as limitações presentes, fomos avançando no processo formativo a partir das discussões com as/os professoras/es.

Concordamos com o professor Barchi (2019, p. 15) quando afirma que essas reflexões “[...] não são propostas de unificar a educação ambiental em um discurso único, totalizador e homogeneizante, mas modos muito distintos entre si de conectar a educação e a ecologia na vida cotidiana, escolar, profissional, política e cultural”. Assim, esse autor descreve a proposta de nos conectarmos com as ecologias das nossas vidas cotidianas de ser e viver no mundo.

Destacamos a importância e o momento potente para toda a rede municipal na participação dos PCNs Meio Ambiente, apesar de todas as mazelas e concepções equivocadas e visão neoliberal da época.

Mesmo com o direcionamento governamental instituído, subvertemos todo o processo com outras propostas e proposições vindas deste coletivo educador de Cariacica. Exemplo disso era o processo formativo cujo diálogo com os/as educadores/as visava a garantir que o processo educativo fosse construído de forma a atender os anseios de todos os/as envolvidos/as e das especificidades do entorno na qual a escola estava inserida. Esse processo foi fecundo, pois se enraizou por meio do *diálogo amoroso* (FREIRE, 2003, 2017), na escuta de propostas e reflexões para a construção de nossas próprias histórias.

O Decreto nº 4.281/2002 instituiu a composição e as competências do Órgão Gestor da PNEA (Política Nacional de Educação Ambiental) e resultou na assinatura do

Termo de Cooperação Técnica para a realização conjunta da Conferência Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente, realizada em 2003.

Assim, iniciava-se o processo das Conferências Nacional Infanto Juvenis pelo Meio Ambiente (CNIJMA), que foi uma possibilidade de reunir as escolas do segundo segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), bem como as comunidades escolares, por meio de um processo democrático, de engajamento infantojuvenil e participativo de discussões e debates sobre as questões socioambientais locais.

Um fato curioso para a criação da conferência é que a ministra do meio ambiente da época Marina Silva foi questionada pela filha, de 11 anos, sobre o que o governo planejava para os jovens na área ambiental e a resposta à filha de Marina foi a 1^a Conferência Nacional Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente, realizada em 2003.

Concomitantemente a tudo isso, em nível nacional, em 2004, era elaborado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), que na sua terceira versão foi submetido à Consulta Pública das Comissões Interinstitucionais Estaduais de Educação Ambiental (CIEAs) e das Redes de Educação Ambiental com a participação de 800 educadores ambientais de 22 unidades federativas do país.

No mesmo ano, foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), com o enraizamento e capilaridade da educação ambiental junto às redes estaduais e municipais de ensino, contemplando as áreas de Diversidade, Educação Escolar Indígena e Educação no Campo. Essa secretaria de alta relevância no cenário educacional foi extinta no governo atual.

No contexto das macropolíticas no Espírito Santo, destacamos que foi instituído pelo Decreto nº 1.582-R, de 18/11/2005, a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA), com representantes do poder público, sociedade civil, movimentos sociais, comunidades tradicionais e entidades da área ambiental. Essa comissão tem caráter permanente, democrático, consultivo, propositivo e deliberativo no âmbito de suas atribuições, ficando vinculada diretamente ao Órgão Gestor da Política Estadual de Educação Ambiental.

Nesse contexto, foi constituída uma Comissão Organizadora Estadual (COE)

(imagem 32) para discutirmos e construirmos de forma democrática e comprometida os passos para as conferências nas escolas.

Imagem 32 — Reunião da Comissão Organizadora Estadual (COE)



Fonte: Arquivo pessoal, 2005.

A 2ª edição, realizada em 2006, da Conferência Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente mobilizou adolescentes e jovens em torno da ideia do “Vamos Cuidar do Brasil”.

Durante as conferências nas escolas, uma das atividades realizadas pelos/as alunos/as era a criação de cartazes com desenhos (imagem 33), os quais, posteriormente, os alunos votavam nos mais significativos da escola.

Imagem 33 — Conferências nas escolas



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

Além dos momentos com os estudantes, também realizamos formações com os/as educadores/as das escolas para repassarmos a metodologia da CNIJMA. Em um desses momentos formadores, contamos com a presença de um ex-delegado (imagem 34), que participou da edição anterior da CNIJMA e que relatou a sua experiência para os/as educadores/as da rede municipal.

Imagem 34 — Momento formador com educadores



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

A Educação Ambiental institucionalizada viabilizou a formação continuada através do programa “Vamos Cuidar do Brasil” com as escolas, após as Conferências Infância Juvenil pelo Meio Ambiente.

O novo Plano Plurianual, o PPA 2004-2007, foi sintonizado com os pressupostos do PRONEA e passou a ser intitulado “Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis”.

Em Cariacica, esse processo foi lindo e encantador com discussões, participação e opinião dos estudantes, os quais eram prementes em todo processo. Essa metodologia de trabalho fomentou o protagonismo infantojuvenil de muitas crianças, adolescentes e jovens de Cariacica, pois, para a mobilização, cada escola democraticamente escolhia seus representantes. Dessas Conferências saíram vários lemas, como: “jovem escolhe jovem”, “jovem aprende com jovem”, “jovem educa jovem” e “uma geração aprende com a outra”.

Na primeira edição da Conferência em Cariacica, em 2003, tivemos a participação de uma aluna e de professoras da rede municipal, que foram a Brasília representar o município, levando suas propostas, cartaz e ações. O município também foi bem representado pelos/as alunos/as e educadores/as nas edições seguintes que aconteceram em 2003, 2006, 2009 e 2013.

Quadro 4 — Síntese das Conferências no estado do Espírito Santo

Edição / Temática	Ano	Oficinas Descentralizadas	Conferências nas Escolas / Escolas participantes	Conferências regionais	Conferência Estadual
I Conferência “Como vamos cuidar do Brasil com as escolas” - escolha de cartaz	2003	02	379	05	0
II Conferência “Vivendo a Diversidade na escola” - escolha de cartaz e responsabilidade	2006	20	365	11	0
III Conferência “Mudanças ambientais globais” - escolha de responsabilidade, envolvendo os elementos terra, água, fogo e ar	2009	20	346	11	01
IV Conferência (Escolas Sustentáveis) - escolha do projeto de ação envolvendo os elementos terra, água, fogo e ar	2013	21	378	11	01

Fonte: Publicação Olhares que somam - caderno 4 - MMA/DEA/2006 - p. 20.

Imagem 35 — Livro Vamos cuidar do Brasil — em destaque o cartaz da aluna



Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Esses processos das conferências marcaram o coletivo de estudantes de Cariacica que, após a última edição, por influência dos próprios estudantes, iniciaram o processo de criação da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (COMVIDAS). Tivemos adesão de várias escolas que formaram suas comissões e geraram diagnósticos socioambientais do entorno e da própria escola. No município, tivemos a participação de 20 escolas de ensino fundamental, com cerca de 250 alunos envolvidos neste processo, e uma de ensino médio.

Por meio da Lei nº 9.265/2009, instituiu-se a Política Estadual de Educação Ambiental, cujos princípios e objetivos dialogam com os preconizados na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).

O período entre 2005 a 2012 foi muito fértil para a educação ambiental no município de Cariacica, pois estávamos imbuídos com a força de caminhar e fazer concretizar propostas e ações dialógicas de educação ambiental com as escolas. Com isso, vários processos nasceram por meio dos diálogos com o coletivo educador, por exemplo: Hortas Escolares; Turismo Pedagógico; Povos e Mangues; Sala verde;

COM-VIDAS nas escolas; e também atendimento de condicionantes ambientais de empresas como COIMEX, Terca, Arcelor Mittal, Transportadoras, Cariacica Recicla, Prefeito Mirim, dentre outras empresas.

No Brasil, em 2012, ocorreu a III Conferência Brasileira de Gestão Ambiental, na qual foi publicado o estudo “Educação Ambiental Virtual” elaborado pelos gestores ambientais Cássio Bergamasco e Virgínia Lages. Tal estudo abordou a aplicação da educação ambiental no ambiente virtual bem como relatou a questão financeira dos projetos e o engajamento social sobre as temáticas ambientais cotidianas.

Em 29 de julho de 2014, a capital Vitória publica a Lei nº 8.695, que estabelece a Política Municipal de Educação Ambiental de Vitória, sendo referência para os demais municípios da Grande Vitória.

Em relação às micropolíticas, no ano de 2014, em Cariacica, foram criadas duas comissões: a Comissão de Elaboração e Implementação da Política Municipal de Educação Ambiental (CEIPMEA) e a Comissão de Formulação e Implementação do Programa Municipal de Educação Ambiental (COMFIPEA). Nessa mesma época, foi criado o Grupo de Trabalho (GT) de Educação Ambiental (imagem 36) e a Coordenação de Educação Ambiental, numa atuação conjunta entre a Secretaria Municipal de Educação (SEME) e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade (SEMDEC) nas ações para educação ambiental com a participação dos coletivos escolares, comunidades, sociedade civil e movimentos sociais.

A formação do GT foi uma proposta do Comitê Gestor Municipal da Educação Ambiental (CGMEA) com o objetivo de contribuir com proposições para a construção da Política Municipal de Educação Ambiental. A carga horária do GT era de 80 horas, com parte presencial e outra numa plataforma on-line.

O objetivo do GT era oportunizar a ampliação das discussões sobre a educação ambiental por meio de aulas de campo, debates e rodas de conversas sobre a construção da Política Municipal de Educação Ambiental.

Imagem 36 — Encontro com educadores/as no GT Educação Ambiental



Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Em dezembro de 2015, ocorreu a Audiência Pública para aprovação da minuta da Lei da Política Municipal de Educação Ambiental. Após essa audiência, tivemos o prazo de reformulação e ajustes, sendo a Lei nº 5.755 da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica aprovada, instituída e publicada no Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Cariacica em 07 de junho de 2017.

A criação do Comitê Gestor Municipal de Educação Ambiental (CGMEA) teve a participação de representantes da SEME e da SEMDEC. Neste momento, estávamos envolvidos na construção da Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA) e na construção de proposições para o enraizamento da educação ambiental.

Para ampliar nossa rede, recorremos às professoras da rede municipal, que participaram dos processos de institucionalização da POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE CARIACICA, para narrarem suas vivências, como *sujeitos da história* (FREIRE, 2017, p. 53).

Assim, a seguir, apresentamos a narrativa da professora de Ciências Michele Pires

(2020), que revela como este movimento de construção da PMEa foi potente para o município:

“No ano de 2017, a política municipal de educação ambiental foi instituída no município de Cariacica por meio da Lei Nº 5755, de 07 de junho de 2017. Ressalto a importância dessa política para o município porque por meio dela pode-se incentivar a participação individual e coletiva responsável, na defesa da qualidade socioambiental, com vistas à construção de uma sociedade sustentável. Além de estimular e fortalecer a consciência crítica sobre as problemáticas socioambientais e o despertar do exercício da cidadania nas comunidades, considerando o sentido de pertencimento. Enquanto professora, vejo que a instituição da Política de Educação Ambiental no município, com o enfoque humanista, democrático e participativo, como se propõe a ser, e que tem como princípio a solidariedade, a igualdade, o respeito às diversidades e aos direitos humanos, surge como uma ferramenta criativa, inovadora e crítica para a Educação. Contribuirá com a participação ativa da comunidade escolar na busca de soluções para os problemas ambientais existentes na realidade dos nossos alunos, influenciando-o a se tornar cidadão consciente de seus direitos e deveres.” (Entrevista concedida em 25/06/2020).

Podemos ainda observar o vigor e a força do movimento em Cariacica através da narrativa da professora Luz Marina (2020), sobre a construção da Política Municipal de Educação Ambiental (PMEa):

“Os membros da CPMEa se propuseram a realizar um trabalho que envolvesse o maior número de representações possíveis. Sendo assim, no ano de 2015, objetivando realizar um processo participativo e democrático na elaboração da lei, a comissão organizou um Grupo de Trabalho (GT) de Educação Ambiental que teve como objetivo principal contribuir na elaboração da Política Municipal e ampliar as discussões da EA no âmbito formal e não formal, bem

como compartilhar as diferentes vivências e saberes. O GT teve como público-alvo os professores da rede municipal de educação, representantes dos conselhos municipais, representante da Federação das Associações de Moradores de Cariacica (FAMOC), instituições de ensino particulares, instituições privadas e governamentais, organizações não governamentais do município, técnicos da SEME e da SEMDEC e convidados do MPES, da CIEA e secretários do governo municipal. Durante o ano de 2015, o GT teve dez encontros presenciais, totalizando uma carga horária de 40 horas, e teve 80 horas de participação numa plataforma on-line, na qual houve ampliação do estudo e discussão em prol da elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental.” (Entrevista concedida em 25/06/2020).

Fica evidente, nas narrativas das professoras, que o momento era propício para o processo dialógico com os coletivos educadores.

Pensando assim, conversando com Barchi (2009a), compreendemos a educação ambiental como outras ecologias que valorizam os sujeitos e os saberes produzidos.

Uma educação que se propõe como ambiental, libertária, e para isso, rizomática e menor, que valorize a singularidade de cada indivíduo envolvido, e, aberta para a multiplicidade, irá exigir a disponibilidade para o diálogo. Se a construção do conhecimento e do currículo nas escolas pretende-se feito a partir da troca e da comunicação entre os mais diversos saberes, é fundamental a noção libertária de dialogicidade. (BARCHI, 2009a, p. 78).

O que também pode ser observado em Paulo Freire (1996, p. 153) ao apontar que: “viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da ação docente”.

Acreditamos, portanto, que esse percurso do movimento ambiental em Cariacica trouxe potentes e enriquecedores debates e proposições para todos nós educadores/as e alunos/as, através da escuta sensível, do respeito às diferenças bem como do olhar amoroso para as questões socioambientais prementes no entorno de cada escola envolvida neste processo.

Assim sendo, entendemos que esse debate não se encerra nessas conferências, encontros, políticas ou documentos, mas se imbricam com as interações e no encontro com nossos pares nas ecologias presentes nos nossos cotidianos de forma democrática, participativa e fluida.

Mediante o exposto, podemos afirmar que não temos uma resposta pronta, mas provocamos com a nossa prática um novo e potente exercício de olhar as brechas e fissuras, os fios e nós que compõem os movimentos que somos atravessados cotidianamente.

No próximo capítulo, iremos conhecer as *escrevivências* das mulheres de Cariacica com o intuito de inquietar e fazermos refletir acerca das outras ecologias.

4 ESCRIVIVÊNCIAS PARA DIAS DE ESPERANÇA

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

Conceição Evaristo (2007)

Este capítulo é parte do produto educacional desenvolvido durante a pesquisa e traz as narrativas das mulheres moradoras das regiões administrativas de Cariacica em diálogo com as escrevivências da escritora Conceição Evaristo. Também buscamos, com suporte teórico em Nilda Alves (2008, p. 30), no “narrar a vida e literaturizar a ciência”, e nos movimentos que autora denomina de “mergulhar com todos os sentidos” e “virar de ponta cabeça”, através de um novo modo de registrar e de escrever, tornando esses registros uma verdadeira ponte entre os praticantes do cotidiano.

Destacamos que, mesmo diante de tantas adversidades, o encanto e brilho nos olhos dessas mulheres ao compartilharem suas narrativas (aqui denominadas escrevivências) fizeram o nosso coração vibrar nesta jornada de pesquisa, tão enriquecida com as histórias e vida de cada mulher envolvida, que foram identificadas através de seus percursos em movimentos sociais e de suas redes educativas como lideranças ou professoras.

Dialogamos ainda com a professora e pesquisadora Andreia Ramos (2017), que contribui com as pesquisas em educação ambiental e escrevivências, quando afirma essas outras formas de pensar e agir no/sobre o mundo:

Os pequenos fios das narrativas das Mulheres do Congo traduzem suas experiências, sentimentos que possibilita a descolonização e desconstrução dos pensamentos de modo ético, estético, político e com esperança, como Freire nos ensinou não é, porém, a esperança, um cruzar de braços e esperar (RAMOS, 2017, p. 87).

As narrativas das mulheres foram denominadas escrevivências, partindo dos escritos de Evaristo, que, em entrevista concedida em 2020, explicou que “era um

jogo que eu fazia entre a palavra escrever e viver, se ver, e culmina com a palavra escrevivência” (EVARISTO, 2020).

Durante a mesma entrevista promovida pelo Itaú Social, a autora disse ainda que “Diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível”. (EVARISTO, 2020).

Esta pesquisa pega carona com o estudante Vitor Eduardo Severo da Silva, da Escola Municipal Morro da Cruz, em Porto Alegre, RS, que, em 2018, foi perguntado o que seria escrevivências e ele disse que é o “escrever de nós”. Assim como ele, entendemos que a nossa escrita está ancorada nas nossas experiências, vivências, nas lutas e resistências frente a toda opressão e silenciamento de nossas vozes, num grande transbordamento de emoções, ou seja, uma escrita de nós.

Para nos aprofundarmos e nos deleitarmos nas escrevivências, foram realizadas, via plataforma *Meet*, conversas que acolheram a todas e que nos inspiraram a trocar experiências sobre a pesquisa e as narrativas de cada uma. Em nossos encontros fecundos e amorosos, nossos corações vibravam com a possibilidade de *estarjuntos* mesmo a distância.

Esses encontros aconteceram a partir de um movimento dialógico sobre as narrativas das mulheres e suas reflexões acerca do cotidiano. O diálogo buscou estimular a ressignificação de conceitos e a troca de experiências, vivências, sem hierarquia entre os indivíduos no discurso, e sempre buscando uma escuta sensível e amorosa.

A partir desses encontros, criamos um grupo de Whatsapp intitulado “Narradoras de Cariacica”, no qual construímos pontes e reflexões acerca do nosso cotidiano, das nossas histórias e das realidades vividas. Também utilizamos essa plataforma para trocar informações, repassar o percurso da pesquisa e compartilhar imagens dos territórios. Sentimos a necessidade de criar este vínculo para intensificar os nossos encontros e potencializar ações/trabalhos.

Ao longo do percurso desta pesquisa, as narradoras também fotografaram seus territórios, com seus olhares e sentires de cada região administrativa do município, criando uma cartografia afetiva dos territórios de cada uma. Foram captadas várias imagens e essas estão carregadas de sensibilidade, amorosidade com o território e com os afetos que se entrelaçaram nos cotidianos de cada uma.

Quanto a isso, Andreia Ramos (2017, p. 87) nos faz compreender que “A partir dessas narrativas encontramos nas brechas, entre o dizer e o fazer, as narrativas [...] como práticas de (re)existências ecologistas”.

É nesse sentido que, fazendo coro com a autora, compreendemos que essas escrevivências ressoam nas brechas e fazem muito ruído no instituído, pois, desvelam outras educações ambientais forjadas nas lutas e resistências desse grupo de mulheres.

A aposta política desta pesquisa está timbrada na educação ambiental política como “prática da liberdade” (FREIRE, 2015, p. 71) e no percurso das histórias de vida das mulheres narradoras de Cariacica e suas singularidades, formando um grande bordado de cada uma de nós, através do diálogo amoroso e fecundo, que para nós é um modo de resistência diante de toda opressão.

Acreditamos e apostamos que toda escrita é um ato político (KILOMBA, 2019), com as narrativas, escrevivências, histórias e vida que perpassam por gerações, conforme nos apresenta a autora Grada Kilomba:

A escrita converte-se em um ato político. O escrever pode ser um ato de descolonização, justamente nesse processo quando deixamos de ser objeto e nos tornamos sujeitos. Essa inspiração de pensar objeto para sujeito, segundo Grada Kilomba, vem dos escritos de bell hooks (1989), o falar com a própria boca, o escrever com as próprias palavras, e que se articula com outras produções (KILOMBA, 2019, p. 269).

Percebemos, no traçado de cada escrevivência, no relato das narrativas, como essas mulheres foram marcadas significativamente ao contextualizarem seus territórios. Tivemos a feliz oportunidade de ouvir o transbordar de muitas histórias extremamente marcadas por mulheres que estão à frente do seu tempo, que não se submeteram a formas de racismos, inferioridades e silenciamentos, as quais transbordaram suas vidas com esperança e lutas, ecoando o que a professora e

pesquisadora Andreia Ramos (2017, p. 87) recomenda “Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero [...]”.

Apostamos, assim, que com essas narrativas sejam vislumbrados um movimento de contadores de histórias no município, partindo dos fios dessas narrativas ecologistas incorporadas no cotidiano escolar e, com isso, muitas outras histórias possam ser contadas e recontadas, fomentando o movimento freireano de aprender e dialogar com a própria história.

Acreditamos que essas narrativas podem potencializar todo um trabalho de educação ambiental nas escolas a partir das escrituras e dos territórios afetivos de cada uma dessas mulheres, como um movimento que emerge das margens para dentro dos cotidianos escolares.

Sendo assim, vamos reverberando e caminhando no exercício democrático, participativo e na busca por uma educação cidadã, resistindo a todos os tipos de opressão e aos desmontes deste desgoverno e do patriarcado capitalista.

Que essas escrituras reverberem chegando aos cotidianos escolares como atos políticos de amor, de luta e de coragem. Lembrando e reforçando que escrever é lutar e resistir!

Reiteramos que as escrituras das mulheres ecologistas de Cariacica foram distribuídas nas 13 Regiões Administrativas, conforme exemplificado nos capítulos anteriores.

Parafrazeando Andreia Teixeira Ramos,

Vamos conversando e dialogando com diferentes políticas de narratividade e epistemológicas, capturadas com narrativas, inundadas por cheiros, sabores, risos, ritmos, saberes, poesias, sons, afetos, sentimentos que compõem as redes de conversações com os cotidianos da pesquisa (RAMOS, 2017, p. 90).

Agora os/as leitores/as conhecerão e se encantarão com os fios das narrativas marcadas por lutas e resistências, recheadas de sensibilidades, afeição, detalhes e riquezas nas escrituras contadas pelas mulheres de Cariacica.

Começamos as escritas dessas mulheres ecologistas trazendo a potente escrita da autora Conceição Evaristo (2011, p. 07), quando fala da necessidade de ancorarmos a nossa escrita nas experiências vividas:

Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi aí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita, ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras: 4 lençóis brancos, 4 fronhas, 4 cobre-leitos, 4 toalhas de banho, 4 toalhas de rosto, 2 toalhas de mesa, 15 calcinhas, 20 toalhinhas, 10 cuecas, 7 pares de e meias, etc, etc, etc (EVARISTO, 2007, p. 16-17).

Observamos que através de sua potente escrita, marcada por sua militância, a autora balança nossas estruturas, reverberando os nossos caminhos e vozes, e nos despertando para o fato de que “A nossa escrituragem não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21).

4.1 NARRADORA ZETE

Imagem 37 — Bairro Santa Rosa



Fonte: Narradora Zete, 2019.

Meu nome é Zete e cheguei na comunidade de Santa Rosa, bairro vizinho a Flexal 2, há 42 anos. Não existia iluminação pública, saneamento básico e infraestrutura.

O bairro era muito carente, e os caminhos que deveriam ser ruas eram trilhas, para chegar até determinados locais como Porto de Santana que é muito longe, mas era o único lugar para comprar gás, alimentos, e ficava há quatro bairros de distância. A minha mãe e meu pai eram muito guerreiros, a mãe era lavadeira, sempre lutava para conseguir sustentar a família.

Tudo era muito distante há 35 anos, a comunidade se reuniu para trazer a linha de ônibus para cá. Eu fui herdando essa vontade de ajudar o próximo do meu pai, fazia um trabalho com a igreja católica de catequese, fazia gincanas entre os bairros.

Os pais Sr. Anezio Gomes de Araújo (mais conhecido como Bigode) e a Sra. Maria Gomes Araújo Moreira foram um dos primeiros moradores do bairro, tiveram a oportunidade de estarem envolvidos nas conquistas dessa comunidade, e era apenas um loteamento e hoje é conhecida como bairro Santa Rosa.

Os meus pais me ensinaram o amor e respeito ao próximo, e eles sempre abriram as portas de casa para abrigar outras famílias carentes até que as mesmas tivessem estabilidade para começar suas vidas familiares.

Fui mãe aos 19 anos, com 03 filhos, quando meu filho tinha 21 anos ele falou que não queria a vida de trabalhar muito e ganhar pouco e entrou no mundo da criminalidade, fez a escolha do tráfico, e com 23 anos sua vida foi ceifada.

Eu descobri no velório dele que ele fazia as mesmas ações com a comunidade que eu fazia. No enterro dele descobri que ele iria promover um festival de pipa

pela paz. Dei continuidade ao sonho do filho. E estamos no quarto ano do festival de pipa pela paz.

E, em 2018, criaram o Instituto Araújo, que desenvolve atividades para empregabilidade, lazer, cultura e artes. O objetivo desse Instituto é capacitar as pessoas para saírem da vulnerabilidade social, dar oportunidade. Tenho um amor maior em desenvolver e ajudar as pessoas.

O Instituto tem muitos parceiros, como igrejas, pois muitos jovens não podem em decorrência da guerra do tráfico se deslocarem para outros bairros. Em Flexal 1, a igreja Batista atende vários jovens com cursos de confeitaria, beleza, informática e artes.

A minha irmã trabalha com materiais recicláveis oportunizando ideias para que o jovem tenha uma renda, uma possibilidade de desviar o olhar para outras coisas. Eu tenho muito amor por isso. Faço com dedicação ao próximo.

.....

Esta narrativa muito me emociona, pois pude vivenciar um pouco da história de Zete quando trabalhamos juntas na Secretaria Municipal de Educação. Sempre foi uma mulher guerreira e de lutas, que a vida não poupou, sofreu uma grande perda: o filho foi ceifado muito jovem pelo tráfico.

Após a perda do filho, iniciou os trabalhos com o Instituto com o intuito de ajudar as crianças e jovens de Flexal e bairros adjacentes.

Em diálogo com Freire, buscamos compreender a resiliência de Zete:

Porque quando o homem compreende sua realidade pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (FREIRE, 1979, p. 16).

Isso gerou um novo modo de resistir frente às dificuldades que a vida impôs, criando redes de solidariedade e cuidados com a comunidade que habita e cartografando uma nova dimensão ecológica no seu contexto local.

4.2 NARRADORA CINTHIA PRETTI

Imagem 38 — Orla de Porto de Santana



Fonte: Narradora Cinthia Pretti, 2020.

Meu nome é Cinthia Pretti, sou turismóloga, analista de turismo aqui na Prefeitura de Cariacica, e escritora também. E eu desenvolvi um projeto lá em meados de 2007/2008 em parceria com SEME, chamado Turismo Pedagógico, que tinha uma vertente muito boa na parte de resgate histórico das pessoas. A partir desse projeto juntamente com as ações dele de palestras, visitas

guiadas no município aos alunos, eu fui obtendo um pouco mais de conhecimento, a partir das conversas com as pessoas antigas, e, numa tentativa de colocar no papel este conhecimento, surgiu o livro Cariacica em versos, que são 37 poesias falando do nosso município na vertente de história, turismo, cultura, pertencimento, então, o primeiro projeto quando iniciou teve uma base boa para este projeto de narrativas de poemas. Um dos poemas que eu gosto muito é sobre Cariacica-Sede, que retrata bem o início das primeiras famílias, o núcleo populacional que ainda é destaque em Cariacica-Sede, onde a gente tem praça, igreja, o Eduartino Silva que foi nossa primeira prefeitura, todo esse movimento em cima das memórias dos mais antigos, das famílias tradicionais, e isso tudo é relatado no poema de Cariacica-Sede, esse poema já ganhou versão instrumental e tem divulgado Cariacica nas escolas e na região metropolitana também.

Poema Cariacica Sede

*Bairro histórico onde tudo começou
 Cariacica Sede tem de berço a tradição
 Acolhendo um povo que ali se fixou
 É morada dessa gente, que o ama de coração.
 Dos seus casarios e famílias tradicionais
 Surgem registros históricos de tempos sem iguais!
 Tempos de glórias e dos grandes carnavais,
 Dos passeios pela praça e encontros casuais!
 Da sede nasce o trio histórico,
 Grande ícone do lugar,
 Patrimônio reconhecido
 Que precisamos preservar.
 Igreja de São João Batista
 Primeira igreja a ser erguida
 Lugar de fé e tradição
 Pela procissão das pedras ela foi construída*

*Praça Marechal Deodoro da Fonseca,
Primeira praça municipal
Ponto de encontro das famílias
Que recordam as histórias vividas no localiza
Foi no Centro Histórico Eduartino Silva
Que a primeira prefeitura foi se instalar
Bem como a Câmara de Vereadores
E ali, por alguns anos, a cidade se fez governar
Para conhecer as histórias dessa gente
Decida-se na praça sentar
Converse-se com os mais antigos
Para suas vivências escutar
Cariacica Sede ainda preserva
Os costumes de cidade do interior
Onde uma prosa e um bom dia.*

Esse livro Cariacica em verso foi feito pela lei João Bananeira, na sua primeira e segunda edição. Na segunda edição, ele foi melhor trabalhado e desenvolvido com um áudio book onde todas as poesias foram recitadas e ganharam instrumental também. Alguns artistas de Cariacica foram convidados para fazer a recitação deste projeto, como o prof. Johan Wolfgang no poema de Cariacica-Sede. Ele tem uma representação interessante na educação. No instrumental, foi convidado o Carlos Oliveira, um grande instrumentista de Cariacica que atua muito na área do Congo e na escola de samba também.

O poema da Reserva Biológica de Duas Bocas fala sobre esse fragmento ambiental muito importante aqui em Cariacica, que é também uma área de preservação da região metropolitana, mas isso impede muito a visitação turística. Ali só temos as visitas pedagógicas e com objetivo de pesquisas, turística não, como forma de preservar este ambiente tão rico que nós temos. Ali é gerido pelo IEMA. Nós fizemos várias ações com a coordenação na

reserva de levar professores e alunos, um grande diferencial que nós temos em Cariacica.

A partir desse projeto que foi desenvolvido nas escolas com as palestras e com as pessoas mais antigas, e seu próprio desenvolvimento na cidade, com as visitas monitoradas, nasce também o “Região Metropolitana” em verso. Foi uma forma que encontrei de trabalhar histórias e poesias com a nossa região.

Poema Reserva Biológica de Duas Bocas

Importante patrimônio ambientalista

A REBIO Duas Bocas têm beleza sem igual

legalmente preservada para sua proteção

Nela existe Mata Atlântica em estágio inicialmente

Naiá-Assu e Panelas, dois rios do local

Formam o Rio Duas Bocas, patrimônio natural

A represa de Duas Bocas suas águas concentrará

Abastecendo com águas limas para a sede saciar

Duas Bocas têm muitas histórias,

Lembranças de um povo que ali fez morar

A antiga represa, preservada ainda estávamos

Caminhando pela trilha logo a encontrará

Sua fauna e sua flora são vida à região

Sendo possível encontrar animais em extinção

Macaco prego, onça parda, jacaré e tangará

Ali são protegidos para as espécies preservar.

.....

Através do seu livro Cariacica em verso, a poetisa, professora e turismóloga Cinthia Pretti nos relata sobre os cantos e recantos de Cariacica, ela atua há muitos anos com as escolas com o Projeto Turismo Pedagógico, fazendo aulas de campo com

professores\as e com os/as alunos/as para descobrirem uma Cariacica com um novo olhar através dos percursos das histórias e narrativas dos moradores.

Sua poesia possibilita um diálogo potente entre a literatura e a educação ambiental, com isso, lembramos o grande poeta Manoel de Barros quando ele diz que: “Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas é de poesia que estamos falando” (BARROS, 2005, p. 58).

No contexto desta pesquisa, pensando num encontro com diferentes Educações Ambientais, que se fazem mesmo no instituído, mas de forma inventiva e criativa dos educadores, identificamos a presença de outras Educações Ambientais que, mesmo sendo governamental, atravessa e possibilita outros olhares e outros fazimentos como é o caso das aulas de campo e formações na Reserva de Duas Bocas.

Cinthia faz um trabalho potente com seus poemas por meio dos quais podemos conhecer uma Cariacica potencialmente ecológica e rica na sua história, apostando numa educação sensível e engajada.

4.3 NARRADORA RAQUEL PASSOS

Imagem 39 — Estrada do campo entre Cariacica e Viana



Fonte: Narradora Raquel Passos, 2020.

Sou Raquel Passos, filha da cidade de Cariacica, filha de Geraldo dos Passos e Maria Ardisson Passos. Professora e artista da caminhada. Meu nome completo é Maria Raquel Ardisson Passos. Divorciada, tenho 47 anos. Meu nascimento foi em 16/ dez/ 1973, período dos anos de chumbo, na Ditadura Militar no Brasil. Minha ancestralidade vem de povos indígenas no Espírito Santo, através de trisavós paternos (Aracruz), e também sou descendente de povos afrobrasileiras/os e imigrantes italianas/os, através de trisavós maternos. Meu registro de nascimento ocorreu no Hospital Santa Casa de Misericórdia, visto na ocasião não haver parteiras ou maternidade onde meus pais moravam, no Bairro Vila Palestina; daí meu registro na capital do Estado do Espírito Santo. Na ocasião de minha infância e início de juventude, na década de 1980, morar

em Cariacica era, para muitas/os habitantes capixabas sinal de vergonha, visto ser uma região marginal, com muitos desafios urbanos e sociais, povoada por imigrantes de dentro e de fora do país, a procura de trabalho, de dignidade. Foi através das Comunidades Eclesiais de Base (Cebbs) que me foi oportunizada a começar a abrir mente, olhos e ouvidos (individual e coletivamente), para a realidade do lugar em que eu vivia. As Cebbs foram um novo jeito de ser igreja, um dos frutos do Concílio Vaticano II da Igreja Católica. No Estado do Espírito Santo esse novo jeito de ser igreja iniciou através dos bispos Dom João Batista da Motta e Albuquerque e Dom Luíz Gonzaga Fernandes. Sobre esses dois queridos bispos que atuaram no Espírito Santo, especialmente sobre Dom João Batista, a obra Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo, com texto de Sandra Daniel, faz boa menção a respeito do início do projeto de Cebbs na igreja de Vitória. Sou profundamente agradecida ao projeto de Cebbs pela sensibilização, enquanto cidadã, para a realidade e apreço a minha tão sofrida, querida e contraditória cidade de Cariacica. Nesse espaço religioso de fé e vida vieram os estudos iniciais de música, incentivados por minha mãe, e foi através da colaboração musical que ingressei nos grupos/ pastorais: Grupo de Mulheres, Pastoral Operária e Pastoral da Juventude. Nessa ocasião, em 23 de dezembro de 1989, foi assassinado o padre francês – Padre Gabriel Félix Roger Maire – liderança ímpar, um profeta de nosso tempo. Padre Gabriel foi ameaçado e assassinado porque sua voz era referência nas lutas da população; sua voz incomodava.

Uma igreja que não incomoda é uma igreja acomodada. (Dom João Batista da Motta e Albuquerque) Pessoas como Padre Gabriel Maire, Dona Norma Vezzoni, Senhor Maurício Amorim e muitas/os outras/os são algumas de minhas referências de vida. Entre as décadas de 1980 e 1990 muitas vezes foram caladas no Espírito Santo: Irmã Cleusa, Francisco Domingos Ramos, Gabriel,

Paulo Vinha... Dessa memória, no trilhar em movimentos sociais, na esperança de que a formação humana precisava ocorrer dia a dia, na colaboração para a defesa da vida, segui pelo caminho do magistério. Cursei Educação Artística e Licenciatura em Música na UFES e hoje sou professora/ servidora das Redes de Educação de Cariacica e Vitória. Nesse momento preciso trazer uma breve inquietação a respeito do nome de nossa capital “Vitória”: Por que Vitória tem esse nome? Vitória de quem? A que custos ocorreu essa tal Vitória? Balas de canhões sobre Arcos e Flechas... Realmente não parece ter sido essa uma luta justa... E os povos indígenas que habitavam Guanania (Ilha do mel), meus parentes... foram exterminados de suas terras... de sua ilha... e restaram apenas nomes... Jucutuquara, Itacibá, Moxuara, Itanguá, Maruípe...

Com esse lamento, partilho que a música foi plantada em minh'alma desde tenra idade e, em entre muitos desafios enquanto mulher e artista, sigo no caminho da Arte-educação e Arte-Vida na Caminhada, fazendo parte do Grupo Movimento de Artistas da Caminhada (MARCA): vozes de vários lugares do Brasil e América Latina, em um canto comprometido com causas sociais, ambientais, humanas, juntamente com Eliane Brasileiro, Babi Fonteles e Zé Vicente (CE), Farinhada (MG), Martin Coplas (RS), Guilherme Gutierrez (SP), Penha Dalva (ES), Victor Hugo (SP), e muitas/os outras/os artistas dessa terra Ameríndia. Em compromisso com a Arte-Vida, nesse tempo desafiador que atravessamos, por causa da pandemia devido ao Coronavírus, ainda assim, algumas luzes vão surgindo. Em 2020, em meio a esse período de escuridão, nasceram melodias como “Avenida Araceli” (canção em memória da menina Araceli Cabrera – vítima de violência sexual infantil no Espírito Santo/ 1973), “À beira da maré” (canção sobre a maré de Porto Novo e Bairro Grande Vitória) e “Formate” (música sobre o Rio de mesmo nome que corta as cidades de Viana e Cariacica). Há muito havia a expectativa em compor essa canção

sobre nosso Rio, visto sua preciosa importância e sensibilidade, águas sagradas da região que habito, afinal, venho de uma formação político-social em que as cidades de Cariacica e Viana eram assim chamadas — cidades-irmãs — seguir juntas, de mãos dadas, em seus desafios de cidade, de humanidade. Atualmente, além da Arte-educação, no magistério, participo voluntariamente/musicalmente nos Grupos “Movimento de Fé & Política”, “Irmandade das/dos Mártires” e “Ecos de Gabi.” Vamos em frente, na colaboração artístico-social na esperança de dias melhores.

.....

A professora Raquel Passos, professora, musicista, e atuante nos movimentos sociais e nas comunidades do município, tem um protagonismo ímpar na sua área, com forte presença no cenário artístico e ecologista com diversas músicas autorais sobre as lutas, resistência e belezas do município e do ES.

Seu envolvimento nos movimentos de pastoral de base é intenso e potente e traz grandes contribuições com discussões nas comunidades, com todo seu empenho e trabalho nas comunidades de base, semelhante à trajetória de Paulo Freire que

[...] se tornou um educador das “esquinas do mundo”, como ele sempre dizia, porque manteve viva sua identidade religiosa cristã para além do catolicismo. Ele era um cristão ecumênico, coerente com a perspectiva dialógica e amorosa que defendia (CUNHA, 2021).

Raquel traz em seu âmago muitas dessas características, o diálogo amoroso e respeitoso faz parte de sua trajetória, por isso, dialogamos com Paulo Freire, quando ele nos faz refletir sobre nossa “inserção na história, não mais como figurantes, mas como autores e autoras” (FREIRE, 2009, p. 42).

Atua como professora no município há muitos anos e participou da criação de um projeto desenvolvido na SEME, que envolveu um grupo de professores de diversas áreas do conhecimento que criaram um projeto de artes e música nas escolas, por meio do qual, vários talentos foram descobertos. Sua atuação é impecável no cenário do magistério municipal.

4.4 NARRADORA PROFA. LUZ MARINA DE SOUZA

Imagem 40 — Vista panorâmica de Campo Grande



Fonte: Claudio Postay, 2021.

Em tempos de pandemia, as lembranças voltam à memória, elas passam pelos amores vividos, as amizades construídas ao longo da vida, os trabalhos realizados... e por aí os pensamentos vão viajando! Falando em trabalho, voltei ao tempo e dei uma volta em parte da minha vida profissional. Foi na escola que o meu trabalho na área educacional se iniciou. Como tudo começa e se concretiza no chão da escola, nessa perspectiva, com um olhar no contexto do ensinar e aprender, como professora, priorizei as ações pedagógicas com o foco na realidade. Assim, na década de noventa, ingressei por meio de concurso público na rede municipal de ensino da cidade de Cariacica para exercer o cargo de professora de química e ciências da natureza na Escola Municipal Talma Sarmiento de Miranda, lá desenvolvíamos projetos que relacionavam os conteúdos das disciplinas com as questões sociais, ambientais e econômicas.

Era o tempo da discussão da interdisciplinaridade e a educação ambiental apesar de mais centrada nas áreas das ciências da natureza, tomava dimensão na amplitude nos projetos.

Ressalto, aqui, um projeto desenvolvido, intitulado Ceasa/ES - higiene e saúde, o trabalho iniciou com a turma do fundamental sobre a alimentação e suas relações para a saúde e foi ampliado com a turma do ensino médio, inicialmente na abordagem das composições químicas dos alimentos, porém se estendeu após uma visita à Ceasa com os estudantes, para uma entrevista sobre a utilização de agrotóxicos pelos produtores. Durante a visita, os olhares se ampliaram para o desperdício de alimentos, as questões higiênicas e o grande problema social, que era a catação de sobras dos alimentos por pessoas que iam ao local com esse propósito. Esse projeto foi inscrito na feira de Ciências da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na qual teve a participação das escolas públicas e privadas, foi premiado e teve grande repercussão na comunidade escolar.

Assim, fui percorrendo o exercício da profissão de professora na rede municipal, porém em 1997, o ensino médio foi transferido para o Estado, e nesse mesmo ano, foi instituído o setor de Vigilância Sanitária do município, para onde eu fui disponibilizada. Nesse setor, fiquei responsável pela área de fiscalização correlata à minha formação acadêmica de bacharel em química e pela educação sanitária. Como sempre entendi que não há uma educação específica, mas que ela percorre por todas as áreas e que se realiza na parceria entre escola, comunidade e gestão pública, elaborava os projetos nesse contexto. Entre alguns dos trabalhos realizados de parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Municipal de Educação, recordo em especial, do projeto para a prevenção da dengue que teve uma grande mobilização da escola, comunidade e as secretarias envolvidas.

Em 2001, foi instituída a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMAM) e eu fui convidada para assumir a Coordenação de Educação Ambiental. Foi um grande desafio estruturar o trabalho em uma secretaria nova e sem recursos. Em junho do mesmo ano, realizamos o I Fórum De Meio Ambiente. Deste foram elencadas sugestões para o plano de ação da então, recém-criada, secretaria. Entre as primeiras ações desenvolvidas pela SEMAM constam o acompanhamento da situação dos manguezais, a organização das associações de catadores de caranguejos e de pescadores. Em sequência, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEME) realizamos o Seminário: Manguezal-Berçário de Vida, com a participação de professores (as) e pedagogos (as) da Rede Municipal de Ensino. Esse seminário foi o ponto de partida para a parceria com a autora desta dissertação, a minha colega Márcia Mazocco, os laços de trabalho e de uma grande amizade foram firmados.

A partir de então, formamos uma dupla no trabalho na SEME. Em 2003, houve a formação dos professores de 5ª a 8ª séries em um curso sobre o Parâmetro Curricular Nacional – Meio Ambiente na Escola e, posteriormente, teve a formação de professores para a Conferência Infanto-Juvenil do Meio Ambiente. Coordenamos o trabalho das conferências nas escolas da rede, posteriormente, também coordenamos os Coletivos Educadores. No ano de 2004, merece destaque a nossa coordenação na produção do vídeo Cariacica: Terra da Gente. Este vídeo teve como objetivo apresentar de uma forma breve, a história e os pontos turísticos do município e ampliar o olhar para a cidade.

Em 2005, com uma nova gestão política do município, foi formada na SEME a coordenação da Educação Ambiental, que, posteriormente, em nova organização administrativa, passou a ser o Programa de Educação Integrada (atualmente, Gerência de Educação Integrada). Durante a gestão de 2005 a 2009, trabalhamos na coordenação desse programa, desenvolvemos projetos

com as escolas e com as comunidades do entorno delas, entre eles: Projeto Horta nas escolas, com acompanhamento de agrônomo e pedagogos (as) e curso de formação para os (as) professores (as) e pedagogos (as); projeto Povos e Mangues e projeto Turismo Pedagógico; ambos também acompanhados de curso de formação para os (as) professores (as) e pedagogos (as); Prefeito (a), mirim; Sala Verde (projeto de parceria com ao Ministério do Meio ambiente); banca da leitura (extensão móvel da Sala Verde para as escolas); Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente; Coletivos Educadores; produção de uma cartilha sobre a história e pontos turísticos de Cariacica; projetos em parceria com as empresas Arcelor Mittal, Companhia Vale do Rio Doce (CRVD) e Marca Ambiental; projeto de Educação Ambiental em parceria com a Polícia Militar; projeto municipal SEMEARTE; Tenda da Leitura; e também acompanhávamos os programas federais Mais educação e Escola Aberta.

Em 2009, houve a formação de profissionais das secretarias municipais para a elaboração dos planos de desenvolvimento das escolas (PDE- Escola). Fiquei na coordenação desse programa e, posteriormente, no Plano de Ações Articuladas (PAR). Em paralelo às atividades da coordenação, eu participava das formações de professores da área de ciências da natureza, do sexto ao nono anos.

Em 2012, fui aprovada no curso do mestrado profissional em Educação em Ciências e Matemática, no Instituto Federal do Espírito Santo. Foi uma experiência bastante produtiva e contribuiu muito para a minha formação profissional e pessoal. Fiquei licenciada para cursar o mestrado e ao retornar, em 2014, para a SEME, em uma nova gestão política, retornei para equipe de formação de professores. Contribuí na equipe do PAR e participei, como

coordenadora da comissão da elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA), da qual a Marcia Mazocco participou como membro.

Ainda em 2014, foi firmado o Termo de Cooperação Ambiental (TCA), com a participação dos técnicos da SEME, Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente (SEMDEC), Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental – Espírito Santo (CIEA-ES) com o Ministério Público Estadual do Estado do Espírito Santo (MPES) e da Procuradoria Geral do Município de Cariacica (PROGER). Para atendimento do TCA, em janeiro de 2015, foi publicado em diário oficial do município, o Decreto de N°16 que dispôs sobre a instituição da Comissão Municipal de Formulação e Implementação da Política Municipal de Educação Ambiental (CPMEA), composta por representantes da SEME e da SEMDEC, com atribuições de planejar, acompanhar e executar o processo de elaboração da PMEa e, por conseguinte, formular e implantar o Programa Municipal de Educação Ambiental.

Os membros da CPMEA se propuseram a realizar um trabalho que envolvesse o maior número de representações possíveis. Sendo assim, no ano de 2015, objetivando realizar um processo participativo e democrático na elaboração da lei, a comissão organizou um Grupo de Trabalho (GT) de Educação Ambiental que teve, como objetivo principal, contribuir na elaboração da Política Municipal e ampliar as discussões da EA no âmbito formal e não formal, bem como compartilhar as diferentes vivências e saberes. O GT teve como público alvo, os professores da rede municipal de educação, representantes dos conselhos municipais, representante da Federação das Associações de Moradores de Cariacica (FAMOC), instituições de ensino particulares, instituições privadas e governamentais, organizações não governamentais do município, técnicos da SEME e da SEMDEC e convidados do MPES, da CIEA e

secretários do governo municipal. Durante o ano de 2015, o GT teve dez encontros presenciais, totalizando uma carga horária de 40 horas, e teve 80 horas de participação numa plataforma online, na qual houve ampliação do estudo e discussão em prol da elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental. Entre os encontros, houve saída a campo para o reconhecimento das áreas rural e urbana do município, tendo em vista, que um dos tópicos tratados durante o encontro foi a identidade do município de Cariacica, entre outros temas abordados destacam-se: o histórico da Educação Ambiental em nível nacional, estadual e municipal, a educação ambiental na educação formal e não formal, os programas e projetos oriundos do governo federal.

Os membros da CPMEA redigiram o documento da minuta de lei que dispõe sobre a PMEa, considerando as contribuições feitas no GT e as discussões e proposições realizadas em reuniões pelos membros da comissão. Em dezembro de 2015, realizou-se uma audiência pública, para leitura e validação do texto da minuta, com a participação de integrantes do GT de Educação Ambiental, dos professores da rede municipal de educação, de representantes de organizações sociais, dos conselhos municipais (Educação e Meio Ambiente), da CIEA-ES, do MPES, dos estudantes da rede municipal (representantes dos grêmios estudantis), instituições privadas de ensino, FAMOC e técnicos das secretarias de Educação, Meio Ambiente, Agricultura e Saúde. O documento da minuta de lei foi encaminhado ao Conselho Municipal de Educação e ao Conselho Municipal de Meio Ambiente para apreciação e sugestões.

O processo da elaboração da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica propiciou o fortalecimento da articulação de diferentes atores sociais, com autonomia e de forma democrática. Além do documento da minuta de lei elaborado, como resultado, houve a continuidade do GT de Educação Ambiental, que foi criado durante o processo, servindo como um espaço de

debate sobre a EA no território e para a formação continuada dos profissionais da educação da rede municipal e sociedade civil. Dessa forma, o percurso foi iniciado para traçar as diretrizes da educação ambiental, com vistas a uma transformação social de forma crítica e emancipatória.

Em 07 de junho de 2017, a Lei nº 5755 que institui a Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica foi promulgada. O trabalho não se encerrou com a publicação da lei, ficou o desafio pela frente de aplicar e acompanhar o que foi disposto no documento construído por várias mãos.

Participar desse processo foi algo bastante significativo na minha trajetória profissional como funcionária pública do município de Cariacica. Construí parte da minha história profissional e pessoal na cidade de Cariacica, esta terra me acolheu quando aqui cheguei, foi lugar do meu primeiro emprego, lugar do nascimento do meu segundo filho e da formação de grandes laços de amizade.

.....

A Professora Luz Marina atuou como professora de Ciências nas escolas do município e é Mestre em Educação pelo IFES. Teve uma grande e potente trajetória na educação ambiental em Cariacica e no ES, dialogando intensamente com os movimentos formativos de professores e com a implementação de projetos/programas.

Tive a oportunidade de trabalhar com ela em várias frentes de trabalho, como a construção da Política Municipal de Educação Ambiental de Cariacica em 2017, um grande marco para o município, por meio do qual tecemos laços de amizade que perduram até os dias atuais.

Em sua prática, ela sempre reinventou novos e potentes diálogos com as escolas, conforme propõe Paulo Freire (1980), quando ele nos diz que “É preciso, portanto,

fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 1980, p. 40).

Mesmo finalizado e publicado a PMEa, o trabalho com a educação ambiental prosseguiu com diálogos nos movimentos formativos, nas rodas de conversas com os/as educadores/as das escolas e nas parcerias potentes com as comunidades.

O caminhar com as educações ambientais e com os diálogos amorosos foram trilhados de forma engajada, afetuosa, humanizada, num exercício constante do esperar.

4.5 NARRADORA PROFA. SÔNIA MARIA RIBEIRO

Imagem 41 — Cariacica-Sede: a cidade dormitório



Fonte: Cinthia Pretti, 2021.

A Sede das décadas de 60/70 era um local bucólico e conservador em que todas as pessoas se conheciam e eram identificadas pelo sobrenome. Fulana dos Ribeiro, Sicrano dos Corteletti...

A Praça da Matriz era o ponto dos encontros sociais. A igreja, construída no século 18, conserva até hoje as características originais, tendo passado por algumas restaurações.

Um coreto no centro da praça servia de palco a diferentes eventos e comemorações. Bancos de madeira e ferro entre as árvores e arbustos bem cuidados adornavam o local, tudo girava em torno dela.

Era ponto de encontro de pais e avôs sempre de ternos e chapéus para tratarem de questões políticas. A prefeitura ficava em frente à praça, onde hoje funciona o centro histórico.

No início da noite, os jovens eram os frequentadores da praça. As moças, em grupos de 3/4 colegas, davam voltas em torno da praça, num sentido; em sentido contrário, os rapazes. A intenção era a paquera. Às vezes dava certo, o que culminou em muitos casamentos. Ao redor da praça, havia residências e um comércio pequeno: farmácia, açougue, uma lojinha de sorvete, que ficavam na rua principal, onde, também, era o ponto final do ônibus da Planeta que fazia o trajeto até o Parque Moscoso. Essa rua era calçada com pedras. Para além da praça, sentido zona rural e Santa Leopoldina eram de terra. O calçamento, para além da rua principal de acesso e saída da cidade terminava antes do cemitério que permanece no mesmo local. Aos domingos, o evento principal era a missa da matriz. Pela manhã senhores e senhoras. À noite, a maior frequência era de jovens, que se arrumavam com mais apuro. O ápice era o término da missa, para o costumeiro passeio na praça, onde podiam permanecer até mais tarde, por volta de 22hs.

Como lazer nos dias de calor, o passeio era Maricar que,  época, tinha abundância de água, com uma queda d'água refrescante e agradável. Os que possuíam carro também se serviam das águas para lav-los. No local tinha um alambique e, na volta,  tardinha, era comum a rapaziada subir meio trpega.

Para cursar o, chamado  época, colegial, hoje ensino médio, os jovens tinham que se deslocar pra Vitória. As moças, em sua maioria, iam fazer o normal, hoje magistério, no Instituto de Educação; outras e os garotos buscavam o Estadual, ou Americano, ou Salesiano, os que tinham intenção de fazer a Universidade, geralmente a UFES. Muitos saiam do estado para Viçosa, Ouro Preto, UFMG, UFF em Niterói. Com isso, a cidade foi envelhecendo... muitos jovens foram para grandes centros.

Posteriormente a prefeitura e demais órgãos da administração pública se transferiram pra Campo Grande, bairro que se tornou centro principal do município. Não evoluiu. Os eventos foram, também, diminuindo. A praça sofreu reformas e hoje não lembra mais o que foi.

Um dos últimos grandes eventos e que atraiu grande número de pessoas na cidade foram 2 visitas feitas pelo curandeiro João de Deus, há umas 2 décadas, com atendimento realizado no Porto de Cariacica. A cidade pouco progrediu nos últimos 50/60 anos, conservando, ainda, grande parte de sua estrutura arquitetnica e característica paradisíaca.

Há uma fala corrente de que os moradores mais antigos e influentes da cidade nunca permitiram que o progresso ali chegasse. Toda tentativa de especulação imobiliária, criação de empresas e supermercados de médio ou grande porte eram rechaçadas por eles, os "mandachuvas" da cidade, como eram designados  época.

Isso serviu para reforçar a alcunha que a Sede carrega até os dias atuais de "cidade dormitório", advindo, ainda, da época dos tropeiros que vinham com mercadorias para embarcar no porto de Cariacica, navegável até o início do século XX, oriundos de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e localidades próximas e ali pernoitavam.

Mas, os eventos mais aguardados e que geravam grande rebuliço na cidade eram os bailes e domingueiras do Clube Brasil, hoje desativado.

O local tinha grande projeção, alcançando, inclusive, os municípios vizinhos. Nas domingueiras apresentavam-se conjuntos locais e da Grande Vitória. Às vezes tinham hi-fis, tardes dançantes, Lps da moda, tipo Ray Connif, Ed Lincoln, The Big Band, e outros. Mas o ponto alto eram os bailes mensais que aconteciam aos sábados de 23h às 4h. Em épocas especiais o clube recebia grandes nomes da música nacional.

Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Moacyr Franco, são alguns dos nomes famosos que se apresentaram. Nessas ocasiões a elegância imperava no local. Vestidos longos bordados e trabalhados com esmero. Sapatos de pelica, de saltos finos e altíssimos, colares de pérola e joias de ouro eram tiradas dos cofres, e frasqueiras, meias finas... enfim, época de anos dourados.

Havia, e existem ainda, 2 escolas. Augusto Luciano, que era o grupo que oferecia o antigo primário e o São João Batista, conhecido como "ginásio" até os dias de hoje, que oferecia a modalidade de mesmo nome.

.....

A professora Sonia Maria, professora da rede municipal, foi gerente de Educação Integrada da SEME, onde desenvolveu potentes diálogos e trabalhos na área ambiental. Além disso, é também militante de movimento político.

A atuação de Sônia e sua clareza de seu papel como mulher e educadora nos faz pensar em Freire (2000), quando ele diz que a leitura do mundo é “a possibilidade que mulheres e homens ao longo de sua história criaram de inteligir a concretude e de comunicar o inteligido.” (FREIRE, 2000, p. 42).

Tive a oportunidade de trabalhar com ela. Sua presença foi marcante e potente nas feiras ambientais, nas formações de professores e na implementação de projetos e programas. Uma mulher de luta e à frente do seu tempo, sempre gentil, simples e amorosa com as pessoas.

4.6 NARRADORA D. MATILIA

Imagem 42 — FLEXVIDA Nova Canaã



Fonte: Narradora D. Matília, 2020.

A nossa vida no início da Associação era carregar de material reciclável o carrinho na rua, levava o material e colocava na ADEFLEX e depois no final do mês pagavam a gente, em 1999, éramos catadores de rua.

Em 2013, a gente passou a ser da associação, e com nosso compromisso ficou FLEXVIDA. A gente recebe material da PMC, mas a gente não tem carro e nem motorista para recolher mais.

Somos em 08 catadores (Maria José, Joel, Sr. Antônio, Márcia, Marta, Darcy, Igor mexe com a prensa) que trabalhamos aqui. O mais novo tem 16 anos e o mais velho 78 anos, e vivemos do dinheiro daqui. Muitos vivem do dinheiro da Flexvida. A gente precisa pagar as contas. A primeira venda do material reciclável é para pagar as despesas e, a partir do segundo, é distribuído entre nós.

O nosso trabalho para nós é agradável, a gente conversa, caçoa, é mais agradável... mas aí como eu estou te falando, a gente saía no sol quente, passava sede e fome até chegar na Associação. Porém, a gente trabalha no sol e tem só uma parte de lona, o nosso material a gente guarda embaixo do galpão, aí a gente armazena aqui mesmo, tem papel branco, colorido, pet, sacolas, a gente faz os fardos e armazena aqui mesmo. E assim a gente vai levando a vida, a prefeitura prometeu a nós que ia fazer o nosso cadastro e que ia contratar nós, mas estamos esperando no Senhor, até hoje não saiu esse contrato, espero em Deus. Até equipamento a gente não tem para trabalhar porque a luva tenho que comprar para trabalhar. A gente ganha um par de luva e depois de um ano depois que vem outro par de luva, então a prefeitura não banca nada para nós, a não ser o material que batem para nós aqui, entendeu? E tirando isso, a gente continua lutando.

.....

D. Matilia, liderança na sua comunidade e nos trabalhos com a FLEXVIDA, assinala o descaso político no desenvolvimento das atividades de separação dos materiais recicláveis. Buscamos em Carolina Maria de Jesus (1960) a representação da vida cotidiana de muitos desses trabalhadores que estão esquecidos pelos governantes:

Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas do pobre comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo (JESUS, 1960, p. 54).

Dialogando com Victor de Jesus (2020) sobre o panorama do que a lei de saneamento básico significa para os que vivem às margens, destacamos que:

Na prática, a nova lei de saneamento é um retrocesso à universalização do acesso aos serviços de saneamento básico e se distancia ainda mais dos assentamentos informais e das áreas carentes de infraestrutura, onde falta estímulo para grandes investimentos e expectativas de receitas, na medida em que o setor privado tem interesse nas áreas já consolidadas, urbanizadas e lucrativas. Sob essa ótica, as favelas ou “áreas irregulares” são enquadradas nos contratos das operadoras de saneamento como áreas inesgotáveis (JESUS, 2020, p. 108).

Diante desse cenário, D. Matilia narra o descaso das políticas públicas e da falta de condições de vida. Ela conta sua luta e a dos companheiros no cotidiano e denuncia a falta de políticas atuantes que amparem o trabalho com materiais recicláveis. Uma mulher ímpar, de luta e de resistência, que nunca se refutou em lutar por melhores condições de trabalho aos catadores junto aos governos.

4.7 NARRADORA ELAINE SHOELO

Imagem 43 — Terraço de sua casa em Itapemirim



Fonte: Narradora Elaine Shoelo, 2020.

Sou Elaine dos Santos Araújo, conhecida como Elaine Shoelo no meio artístico em que trabalho, que é de artesanato e artes plásticas. Ao longo do tempo, fui entrando em associações. Numa exclusiva de cerâmica que é a Associação de ceramistas do Espírito Santo fiquei por alguns anos, e na APROAC (Associação de produtores de artes de Cariacica) ainda participo há alguns anos. Fui presidente, vice, secretária e hoje estou tesoureira, mas continuamos aqui, continuo estudando.

Eu trabalhei na APAE Cariacica e tive a oportunidade de ver de perto a capoeira, o maculelê, uma banda marcial, o congo; além de ter ouvido falar, além de saber da existência, eu fui vivenciando essa cultura musical inicialmente de dança com os alunos e professores. Fui conhecendo algumas pessoas do meu meio de artes, cerâmica, que embora eu não estivesse produzindo exatamente, eu já tinha uma vivência com algumas pessoas,

participava de alguma associação de ceramista, uma reunião 01 vez ao mês. A gente se conhecia, já vinha havendo assim um andamento tímido, lento, porque meu trabalho não me permitia entrar de cabeça, e durante este período, eu conheci Zouilton Ferreira, que é um artista plástico, ceramista, escultor, trabalha com metal, fotografia, assim, multitarefa e também era, agora está aposentado, funcionário da Prefeitura Municipal de Cariacica lotado na Secretaria Municipal de Cultura. Zouilton é um excelente contador de histórias, se a gente quiser saber de Cariacica, precisa sentar e ouvi-lo, é muito bom, é muito gostoso e ele é sergipano, é outro apaixonado pela cultura do município. Ele passou a me convidar para algumas coisas como trabalhos na secretaria para ajudá-lo, ele tinha essa intenção de me levar para mais perto mesmo, para estar conhecendo como tudo funcionava, como as coisas acontecem ou como era vivenciar a questão do carnaval de máscaras. E eu passei a acompanhá-lo e também Agatha Valentim, que estava com ele também, e foi aí que eu me aprofundei na cultura de Cariacica de verdade, foi dessa maneira que fui conhecendo o João Bananeira, fui sabendo da história e fui conhecendo as personagens reais que participam da festa.

Isso me fez aprofundar na questão da iconografia e como em Cariacica não tinha e não tem um mercado para o artesanato, um ponto de venda, de referência, que a gente possa procurar artesanato. Eu já fazia muita coisa, mas para Vitória, Vila Velha com iconografias de lá, mas aí eu sentia necessidade de tentar também em Cariacica, de fazer alguma coisa que falasse do município. Aí veio a Lei João Bananeira, com essa lei, se não me engano foi em 2012, logo que eu saí da APAE, junto com a APROAC (Associação de produtores de Arte e Cultura), nós participamos de um edital e eu tive uma ideia de fazer uma escultura do João Bananeira. Eu fiz a escultura de cerâmica, outro fez a base, a outra fez a caixa e o outro fez o informativo, nós nos

juntamos e fizemos a representação do João Bananeira. Deu tão certo, foi tão bem sucedido, que não é a questão da venda monetária, é uma questão de ver que as pessoas gostam de olhar no olho do outro e ver brilhar pela representação. Aí comecei a produzir miniaturas do João Bananeira e levar para as feiras em Vitória, e as pessoas não conheciam e eu ficava explicando para os clientes que assim mostrava fotos, o cliente gostava de ouvir, eu gostava de passar a informação, de falar de Cariacica, dando outro olhar, porque quem está de fora vê Cariacica de forma negativa.

Então, quando eu participava de feiras, quando eu podia falar dos valores que a gente tem aqui na cidade, isso me encantava, isso me deixava muito feliz, e eu continuei fazendo este trabalho de representação. Quando Zouilton se aposentou, ele deixou de fornecer as míni máscaras, que são utilizadas no dia da padroeira em Roda D'Água no carnaval de máscaras, e a secretaria de cultura dá oficinas de pinturas de máscaras. O fornecimento dessas máscaras ficou comprometido e saiu um novo edital da Lei e a secretaria estava me procurando para fazer as máscaras. Zouilton me incumbiu de fazer essas máscaras e me deu uma carta de anuência para dar continuidade na confecção das máscaras, e aí eu entrei no edital e forneci 17 mil mini máscaras que têm sido trabalhadas nas oficinas no município.

A partir disso, a questão da escultura, das mini máscaras, eu acabei lançando outros produtos, e me tornei, não querendo ser soberba, uma referência em mostrar a cultura a partir da cerâmica ou do artesanato. Foi acontecendo a partir do momento em que me aprofundei, conhecendo mais o município, fui me apaixonando pela cultura do lugar. Esta questão de viajar no tempo, quando eu estou no carnaval, eu fico imaginando há mais de 100 anos como era, eu estou vivendo algo que começou há muito tempo. Eu busco representar Cariacica com o carnaval de máscaras, o Moxuara. Hoje já se tem uma conversa dentro da

APROAC para tentar fazer esse trabalho com outros ícones do município como: a Estação Pedro Nolasco, o Kleber Andrade, o Tabajara, enfim várias outras coisas para mostrar que Cariacica tem muito mais, não é só a questão do carnaval tem muitas coisas lindas para mostrar.

.....

Elaine dos Santos Araújo, mais conhecida como Elaine Shoelo, artista plástica, ceramista, tem forte e potente atuação no cenário artístico de Cariacica. Suas peças são únicas e genuínas, e essas vendidas nacionalmente. Elas mostram uma Cariacica a partir do olhar de uma mulher e para além das versões oficiais sobre o município. É sobre a realidade posta que, muitas vezes, é invisibilizada. Por meio de sua arte, ela expõe as riquezas e potencialidades deste município, através de um novo e potente olhar de resistência.

Essa artista, que faz parte da diretoria da APROAC (Associação de produtores de Arte e Cultura) com atuação junto aos outros artistas cariaciquenses, participa dos editais de Cultura do município e estado, mas sabemos que, em relação aos recursos públicos com a cultura por meio de editais, nem sempre os detentores dos notórios saberes têm como participar desses processos que se configuram extremamente excludentes, mesmo assim, apesar de todos os entraves, buscam uma nova concepção de gestão da cultura mais inclusiva e equitativa.

4.8 NARRADORA MARIA APARECIDA GOMES DE ARAÚJO (CIDA ARAÚJO)

Imagem 44 — Roças Velhas



Fonte: Narradora Cida Araújo, 2021.

Bem vou falar um pouquinho de mim Maria Aparecida Gomes de Araújo, mais conhecida como Cida Araújo. Tenho 45 anos, mãe de duas filhas e uma netinha. Sou solteira, nascida em domicílio no Estado de Minas Gerais Minas no Município de Mantena no bairro chamado Morro do Margoso nas mãos da parteira dona Doca e minha vó materna e uma das minhas mães. Sou de origem da religião de matriz africana linha da Umbanda, frequentávamos o terreiro de seu Brasilino, minha família me levava, desde criança já frequentava a umbanda. Quando estava com dois anos de idade, a família muda para Cariacica em 1977 e fomos morar em Vale dos Reis, um lugar bem rústico com pessoas simples.

As pessoas do lugar não tinham formação profissional, eram vaqueiros, faxineiras, lavadeiras, e tinha a minha querida vó Dona Doca que era benzedeira e dona de conhecimentos que trago comigo até os dias de hoje. Eu cresci neste lugar esquecido pelas políticas públicas, mais rico em belezas naturais: as matas, os córregos e o Rio Formate que na minha infância tinha águas cristalinas onde tomava banho, pescava e tomava água dos afluentes do rio Formate.

A Região Dez ou R10 é muito rica em água potável, mas com o tempo e o aumento descontrolado da população e com a chegada dos comércios e sem captação de esgoto sanitário os dejetos lançados nos afluentes foram poluindo e perdendo sua pureza e beleza. Então, nesta época, já estava na adolescência, caminhava até Roda D'Água para dançar Congo em meio às bananeiras com a batucada, cantoria e me assustava com os mascarados. É a partir daí que começa minha história de militância na comunidade, quando conheci uma moradora chamada D. Ana Maria Trânhago que chegou na comunidade fazendo a diferença com conhecimentos que não era comum de uma mulher para aquele tempo, virou líder comunitária do bairro vale dos Reis que naquela época era quatro bairros com mesmo nome Vale dos Reis I, II, III, IV; não tinha praticamente nada na comunidade e isso me incomodava, então perguntei a D. Ana quais as atividades podia fazer para ajudar a comunidade e o meio ambiente?

Ela me disse: primeiro você deve se pôr à disposição da comunidade, e compor a liderança comunitária e procurar os órgãos públicos do meio ambiente no município de Cariacica para falar sobre o que me incomodava com a situação. Mesmo sem saber o que fazer, aceitei o desafio! Não sou de fugir de desafio, e coloquei meu nome para compor a chapa das eleições de lideranças comunitárias no ano 1998, na chapa de D. Ana, e a chapa foi eleita. E aí

começo a fazer minha primeira luta no bairro Vale dos Reis. Logo observei que o bairro estava muito sujo com pequenos lixões espalhados pela comunidade e comecei a buscar junto a presidente da associação os caminhos para garantir que esse direito básico fosse também dos moradores de vale dos reis. Após muitas reuniões, anos depois conquistamos esse direito à coleta de lixo.

Eu entendi que se quisesse conquistar algum direito teria que lutar e trabalhar muito com as pessoas da comunidade, mais tarde inicia-se a luta pela ampliação da Escola do bairro Vale dos Reis que tinha o nome de E.E.E.F. Reis Magos, e era Estadual e passou pelo processo de Municipalização após mais uns anos de luta, nós pressionando a prefeitura e o Estado. Enfim temos a E.M.E.F. Antero José do Nascimento, inaugurada em 2005. Mas não parei por aí, já adulta e com uma filha, tinha que continuar a lutar para tentar garantir ruas melhores para as crianças irem à escola, mais ônibus, iluminação pública e a boa luta pela preservação dos afluentes do rio formate porque não adianta tratar só o rio, tenho que lutar pelo esgotamento sanitário junto ao governo do estado e essa luta que ainda vai durar muitos anos, mas não vou desistir. E esse trabalho e de todos que moram na Região e das lideranças que têm a composição de 12 bairros ribeirinhos, pois todos os bairros são margeados pelos afluentes do rio formate, eu fui me envolvendo com as ações das comunidades em todos os sentidos, militei pelo bairro, milito pelo meio ambiente, conheci ambientalistas muito engajados com atividades em defesa do rio formate.

Em 2006, retorno às salas de aulas para me sentar no banco da escola e aprender. Eu havia abandonado os estudos por vários motivos: um deles era ver futuro para mulher preta, filha de mães pretas e analfabetas e sem recursos para pagar um cursinho de vestibular para medicina que era meu sonho, eu não tinha a menor chance. Mas, mesmo assim, retornei aos bancos da E.E.E.F.M.

Theodomiro Ribeiro Coelho onde concluí o ensino médio. E ao perceber que meu lugar no mundo é onde eu quiser, e que eu faço o meu destino mesmo sendo filha de mãe lavadeira ou de empregada doméstica, eu quis mais. Continuo a agir e logo já dominava as normas que regem as associações, começo a contribuir com conhecimento e consultoria aos estatutos e regimentos internos das associações de comunidades vizinhas e conheço mais pessoas para as lutas por avanços e melhoria para os moradores.

A militância continua e me leva a novas lutas em meu território em me tornar uma dançarina de congo, pois já estava no meu sangue, e, em 2015 o cantor Joel de Araújo que estava coordenando a Banda de Congo São Bendito de Piranema vê em mim a paixão pelo Congo e me chama para ser dançarina oficial da Banda de Congo São Benedito de Piranema. Conquisto mais esse espaço de luta, resistência de muita arte e diversas culturas congueiras, e contribuo muito com o Congo.

Estou compondo a diretoria da associação das bandas de Congo de Cariacica e realizo mais um sonho de me tornar uma dançarina de Congo. O congo corre em minhas veias, continuo ativa na luta e início na Academia de Capoeira Aliança onde conheço os nomes de capoeira na região 10, são eles: Mestre Fera, M. Eleandro, Mestre Marimbondo entre outros nomes de Capoeira. Já conquistei a graduação verde que para mim é muito importante. Sou Graduada em Pedagogia desde 2018 e pós-graduada, em 2019, e fui me aprimorando quanto à militância ativista em várias frentes e movimentos. Membro do MOMUCA, Educação, Lideranças Comunitárias, Movimentos pela Moradia popular e meio ambiente, estou presidenta das Organizações dos Movimentos Populares de Vila Independência a Roda D'Água e, nesta frente, estou em busca de apoio e enfrentamento pela garantia de esgotamento sanitário para região 10 e 13. É uma luta que em sua íntegra defende a sustentabilidade e o meio

ambiente. Estou também em diálogo e conhecimento de ecossistema de PHERMACULTURA. E agora recentemente, em 2020, me coloquei à prova para ser candidata a uma vaga no legislativo do município pelo partido dos trabalhadores. Tive uma votação considerável de 304 votos que muito me honram, pois isso é fruto de minha luta pelos moradores de Cariacica. E é um pouco de mim, Cida Araújo, mãe, avó, mulher ativista, política, ambientalista, liderança comunitária e futuramente efetiva na educação cariaciquence.

.....

Maria Aparecida Gomes de Araújo, mais conhecida como Cida Araújo, atuante em movimentos sociais, políticos e na cultura do Congo na região 10, sempre lutou e resistiu pelo seu existir, o que a constituiu, em suas palavras “mãe, avó, mulher ativista, política, ambientalista, liderança comunitária e futuramente efetiva na educação cariaciquence”.

Cida aponta a problemática situação do saneamento sanitário da região 10 e do rio Formate, agravada em tempos chuvosos. Ela vive numa região com sérios problemas sociais e ambientais, pois, quando chove, o rio Formate que banha a região transborda, causando alagamentos, o que resulta em muitos moradores à deriva do poder público. Para compreender essa questão, dialogamos com Victor de Jesus (2020):

Dito de outro modo, o novo marco legal do saneamento aprofunda o racismo já que há uma segregação espaço-racial na gestão do saneamento, o que faz com que os bairros negros e pobres continuem insalubres, enquanto os bairros brancos e ricos continuem salubres em virtude dessa lógica neoliberal de Estado (JESUS, 2020, p. 109).

Cida é pedagoga de formação e atua na sua região com potentes discussões nas associações de bairros. Já fez parte do Conselho Municipal de Educação e atuou como membro ativo do FUNDEB. Atualmente na diretoria da associação das bandas de congo de Cariacica, sua luta por melhores condições de vida em sua região se reforça cotidianamente.

4.9 NARRADORA D. ANTONIA MOURA SILA

Imagem 45 — Bairro Vista Dourada



Fonte: Narradora D. Antônia, 2020.

Eu sou Maria Antônia Moura Sila e moro aqui neste bairro há 36 anos mais ou menos, desde o comecinho do bairro. Quando vim com meu marido com filha pequena, não tinha nada, tivemos que tirar leite de pedra para conseguir ter o mínimo de organização. Primeiro foi a igreja, depois a Associação de moradores, depois sentimos a necessidade de ter uma pastoral da criança, porque as crianças aqui morriam que não fechavam nem os olhos porque eram desnutridas, e depois veio os complementos, tivemos que fazer sopa para servir as crianças.

Outra época foi trazer curso de qualificação pessoal, depois construirmos o espaço físico e agora no final do ano construir uma Casa Sol porque ficamos desabrigados da nossa região. Agora temos uma Casa Sol que foi construída que tem a inclusão social através de artesanato, através de receber as pessoas, ouvir as histórias das pessoas e organizar as ideias das pessoas que estão tão desacostumadas a participar de alguma coisa, já chegam querendo o individual,

e assim a gente vai trabalhando. Aí temos o banco comunitário, com recurso para capital de giro para pequenas reformas. Temos um grupo de artesanato que hoje por causa da pandemia não está produzindo, mas que sempre marca uma visita, a gente vai lá demonstrar o que a gente faz com a fibra de banana. E tem os Telecentros com os cursos de informática que está voltando aos poucos, pois não pode aglomerar.

Eu sou muito feliz dando esta pequena contribuição com a organização do meu bairro, porque eu parto do princípio de que, se eu não posso mudar daqui, eu tenho que mudar o lugar onde eu vivo, tenho que fazer a diferença nele. A gente tenta fazer, antes da pandemia, a gente tinha fórum uma vez ao mês para sentarmos com os moradores e conversar sobre as necessidades seja ela qual for, dar encaminhamentos, é uma porta aberta. A casa Sol é como se fosse um oásis no meio do deserto, quem quiser chegar, quem quiser somar, ajudar, participar, pode vir e ficar à vontade, que tem lugar.

Mas confesso que nos últimos tempos está difícil, por causa da pandemia, da minha idade de risco de saúde também, então a gente não está podendo se juntar, participar das reuniões direito, mas a gente continua vivo, sonhando e acreditando que alguém vai chegar quando a gente não puder mais está assumindo e tocando pra frente a história que a gente construiu com tanta dificuldade.

Na minha vida pessoal, o trabalho comunitário e coletivo, está junto com as pessoas, é uma necessidade muito minha; muito particular desde criança. Com 10 anos de idade, eu já escrevia cartas no vilarejo onde morava em Colatina para as pessoas que não sabiam ler e escrever. Já começava o êxodo rural e vimos embora para Porto de Santana e, para dar notícia para quem estava no norte de Colatina, eu sentava abaixo das mangueiras lendo e escrevendo cartas,

escrevendo cartas para as rádios para parabenizar quem estava fazendo aniversário. Foi um chamado de Deus, e desde muito cedo a gente foi respondendo e com o passar do tempo virou um projeto social.

Minha mãe teve depressão pós-parto, teve 07 filhos e eu era a filha mais velha e eu era a mobilização social da vida da minha mãe e assim continua até os dias de hoje. A gente passou por muitas dificuldades de abuso de poder das pessoas sobre a gente, discriminação, dizer que a gente não precisava estudar por ser mulher. Os Bullying da vida, nem sabia que era este nome, a gente passou por tudo isso, vencemos tudo isso e se não morremos na primeira infância, com as violências domésticas, muita surra, queimada viva na mão, porque papai achava que tinha que criar a gente como se fosse escravos deles como ele foi criado, tive uma infância muito difícil. Mas muito amparada por Deus, não reclamo de nada, não tenho mágoas do meu pai, porque ele me criou do jeito que ele foi criado e ele achava que tinha que ter aquela rigidez toda; e hoje estou aqui passando para frente o que foi interessante e deixando de lado aquilo que não ajuda crescer.

Meus primeiros tempos de mãe foram muito difíceis, num lugar que nada tinha, onde a única política pública que tinha era politicagem, como cortar as trompas das mulheres. Tiraram a minha junto com 16 mulheres, no dia seguinte às 08h da manhã, eu estava no ponto de ônibus esperando com a barriga cortada. Esse caso que aconteceu na minha vida me levou a ter esta atitude de lutar contra tudo que atrapalha a gente de viver feliz e quem quiser ajudar é sempre bem-vindo.

Eu espero que esta realidade mude e que as mulheres da nossa região 10 tenham mais consciência crítica e vontade de participar das coisas, porque também entendo que a nossa força vem de nós, de dentro de cada uma de nós

mulheres e não podemos deixar a história continuar do jeito que está, esperando valer no dia da eleição de só ir lá votar, mas não sabem quem foi eleito, o que eles estão fazendo, se o que está fazendo vai realmente resolver alguma coisa no coletivo para gente.

É pontual, rápido, emergente e urgente, mas a prevenção das coisas, da violência doméstica, das crianças que estão se perdendo, dos filhos e filhas que estão indo para as drogas, para prostituição, a gente não consegue fazer um trabalho assim de prevenção, porque as pessoas gostam do imediatismo, e essas ações devem ser duradouras e permanentes.

Nesse sentido, as mulheres de Cariacica precisam se organizar não só aqui na região 10, mas em todas as regiões e fazer valer o nosso direito de verdade, e dever a gente até que está tendo muito, mas direito está cada dia mais escasso de consolidar nas nossas vidas. Existem muitas lutas, mas elas são muito fragmentadas, meu sonho é ver todas se juntarem para que a vitória seja a cada dia mais consistente.

Lembrei do meu casamento, como foi a luta, a gente teve que aprender a viver na pobreza, na dificuldade, mas acreditando na força interior de cada um, tanto eu na minha e ele na dele. Hoje sou viúva há 04 anos, mas eu falo sempre, se eu tivesse que casar com o mesmo homem, eu casaria, porque como ele sofreu, a gente reconstruiu a nossa história e ele se tornou um grande líder comunitário aqui. Ele se tornou ministro de eucaristia na nossa igreja, um grande servidor, a nossa casa foi o tempo todo aberta a acolher as pessoas que mais precisavam da gente até os últimos dias dele. Ele abriu mão de muita coisa na vida, junto com ele conseguimos voltar para escola. Estudou e se profissionalizou, tirou carteira de motorista, comprou carro quase sem poder, quase 02 meses para quitar as prestações do carro, ele veio a falecer. Ele falava comigo, você vai

fazer tudo que tem direito, que você quer fazer, que você sonhou fazer, vai estudar, cuidar da sua vida. Eu voltei para escola, concluí o ensino médio, tentei fazer faculdade, mas depois parei, porque meus filhos também estavam estudando e nosso recurso era pouco e era melhor investir nelas e no meu trabalho social. Eu fiz muitos cursos, muitos certificados e consegui organizar minha vida, minha vida social.

Foi muito gratificante ter meu casamento de 36 anos, passar por todas as dificuldades que a gente passou e terminar meus dias de casamento com dignidade de pessoa, e ele foi um grande parceiro e grande parte da história do bairro tem, com certeza, o apoio dele e sem ele na minha vida não tinha caminhado o tanto que caminhei e o apoio da minha comunidade. O povo que mora no bairro precisa de incentivo para conseguir entrar na parceria, mas o povo da comunidade, da equipe que estamos juntos desde quando nasceu a comunidade, há mais de 30 anos, a gente precisa tirar o chapéu, porque a gente continua tirando leite de pedra e esperando as pessoas que estão chegando mais novas.

Eu fico feliz quando eu tenho a oportunidade de estar contando a história, porque a gente é um jornal dobrado, uma revista fechada, às vezes com o passar dos tempos e com a idade, ninguém sabe o que aconteceu na vida da gente, porque as pessoas mais jovens não tem tempo, a vida é muito corrida e a gente vai guardando com a gente, até que chega um momento que a gente nem quer mais falar sobre estas coisas, mas quando a gente fala dá um ânimo novo, uma vontade de continuar lutando e continuar fazendo. Agradeço pela oportunidade que você está dando para gente.

O CECAP (Centro de Educação Continuada e Aperfeiçoamento Profissional) foi um espaço de quando saímos debaixo do pé de manga. Eu fui para o

Conselho tutelar através da vara da Infância, foi escrito um projeto que foi encaminhado para várias instituições e foi num período encaminhado para ação comunitária do Espírito Santo, que não podia nos atender fazendo a construção de espaço e o projeto acabou ficando lá por um bom tempo até que veio um consulado japonês no Brasil fazer uma ação e descobriram que poderia estar encaminhando este projeto escrito há vários anos para eles. A Pastoral da criança ganhou esse recurso para que fosse feito no bairro este espaço, por isso com o passar dos tempos, depois de muito trabalho realizado, acharam por bem que a gente teria que ter um espaço próprio e, após passar por um processo no ciranda Capixaba, a gente conseguiu o nosso CNPJ.

E aí quisemos optar por ser economia solidária, com banco comunitário, moeda circulante local e tivemos que sair do CECAP que passou a ficar um tempo parado e hoje está sendo utilizado pela escola municipal Deocleciano Francisco da Vitória. A gente saiu e ficamos pagando aluguel por um tempo, mas em 2008 foi inaugurada a Casa Sol, que é onde a gente desenvolve todo nosso trabalho comunitário. Foi um período longo de muitas lutas, muitas dificuldades. Em parceria com a fundação do Banco do Brasil, a igreja católica cedeu o terreno em comodato e hoje temos a Casa Sol. Todo trabalho que a gente desenvolvia no CECAP a gente faz na Casa Sol.

A gente continua trabalhando com a comunidade a questão ambiental, a responsabilidade com o meio ambiente e a alimentação saudável. Sempre que possível, junto com a pastoral da criança, são realizadas atividades junto com a ASIARFA (Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus afluentes) que trabalha as questões ambientais daqui do Rio Formate.

Esse trabalho que a gente faz na Casa Sol de educação ambiental se tornam tão bons que antigamente a primeira chuva que vinha a aflente do Formate que

passa em frente à Casa Sol ficavam todos desabrigados, e esta chuva que está dando muitos alagamentos em todos os lugares aqui em Vista Dourada.

Ainda não está bom, as ruas ainda não são pavimentadas, quando eles vêm para tirar um pouco a lama, quando chove todo este material desce e faz o assoreamento do rio, então é muito ruim a nossa infraestrutura de tratamento de esgoto, a gente não tem nada disso, tudo é jogado dentro do rio, isso deixa a gente muito apreensivo, mas é preciso ter uma política pública de tratamento do esgoto, das coisas, a gente não vê nada neste sentido no meio do poder público. Se fala muito, se faz muitos projetos, daqui e dali, mas na prática a gente não vê a execução desses projetos. Então, na verdade, neste ano, a gente contou com a sorte e com a graça de Deus porque pela quantidade de enchentes que está tendo por aí, nós não tivemos ainda aqui nenhum transtorno das pessoas ficarem desabrigadas por falta de escoamento de água. Mas é aquilo que eu digo, o trabalho é de formiguinha, feito com muita dificuldade e com pouca adesão das pessoas. Muitos aterros irregulares, muito difícil trabalhar essas questões ambientais aqui, mas nem por isso a gente deixa de estar sempre fazendo a nossa parte de conscientização.

E até antes do CECAP, enquanto a gente era pastoral da criança, foram feitas parcerias com o posto médico de Itacibá, com a igreja, que foi buscar o apoio do bispo Dom Silvestre Scandian, e agente conseguiu escrever um projeto para ter o ônibus Transcol da saúde. Esse ônibus ficou abrigado aqui na igreja de Novo Horizonte por 09 meses e naquele período a gente achou pessoas com várias doenças, mulheres que nunca tinham feito preventivo, o ônibus todo equipado para dentistas, consultórios, e o nosso objetivo na época era que aquele equipamento todo quando terminasse o projeto ficasse no posto do bairro Operário, mas pela falta de mobilização comunitária da época, e por uma briga política, politicagem muito grande, a gente acabou não tendo este

objetivo maior que a gente tinha para que o ônibus pudesse ficar no posto. Os equipamentos eram de melhor qualidade, de primeiro mundo, a gente sabia que o projeto seria para terceirizar uma empresa privada administrada para aqueles equipamentos, a gente não queria, a gente queria que fosse para o posto de saúde.

Na época a gente era apenas pastoral, não tínhamos CNPJ, a gente dependia da articulação com a associação de moradores, eles não entenderam nada, aí quando o ônibus saiu daqui, foi o único lugar que ele ficou por 09 meses que deu bons resultados. Ele era administrado pela IDRA e pela pastoral da criança que fazia toda a triagem dos moradores e foi um período muito bom.

Outra coisa que é muito forte aqui é o trabalho com a autogestão, a gente trabalha com a economia solidária na Casa Sol, banco monetário que fomenta a questão do desenvolvimento das pessoas, e se a pessoa quiser pegar empréstimo para pequenos negócios ou para fazer sua pequena reforma, é muito positivo aqui, às vezes as pessoas não têm condições de chegar num banco convencional e tomar um crédito, aí na Casa Sol o aval é solidário, ela consegue este crédito e consegue criar seu pequeno negócio como um restaurante que tem aqui, através do banco Sol, a família toda trabalhando no mesmo lugar, o cuidado com o desenvolvimento econômico do local, a economia solidária tem ajudado muitas pessoas.

.....

Maria Antônia Moura Silva, mais conhecida como Dona Antônia, moradora e atuante nos movimentos de base da região 10, luta por condições mínimas para sobreviver.

Sua narrativa é um grito de esperança ao descaso político que sobreveio na sua vida pessoal, o que reforçou seu anseio em ajudar o próximo, fortalecendo assim, a sua luta cotidiana. Quantas barreiras uma mulher periférica precisa ultrapassar para

estar na luta? A prática política libertadora requer atenção à construção histórica, mas também às transformações no cotidiano. Aliás, a libertação das mulheres só é possível com luta social e envolvimento de mulheres e homens.

Sobre os sujeitos que vêm das margens, Edilene Machado dos Santos (2020) nos fala que:

por serem sujeitos políticos, sujeitos de si, ao redescobrirem outros modos de se veem, produzem escrituras e narrativas contra-hegemônicas, contrapondo-se aos discursos dominantes, quando trazem ao espaço público, histórias de mulheres marginalizadas que, ao narrarem os seus cotidianos, contribuem com a sua libertação histórica e cultural (SANTOS, 2020, p. 89).

D. Antônia é referência nos movimentos sociais de Cariacica, uma mulher que lutou e resistiu contra as mazelas e atua potencialmente na economia solidária na Casa Sol, fomentando o desenvolvimento das pessoas da região 10. Mulher que sempre esteve à frente de seu tempo, sempre transbordou atenção e generosidade na partilha com o outro. Essa mulher sempre seguiu o caminho do esperar.

4.10 NARRADORA NATÁLIA BARBOSA CORADINI

Imagem 46 — Horta comunitária do Bairro São Geraldo – ECOMUNIDADE



Fonte: Natália Coradini, 2021.

Meu nome é Natalia Barbosa Coradini, tenho 23 anos, resido em Cariacica no bairro São Geraldo. Sou formada em Geografia, licenciatura pela UFES e faço parte deste coletivo Ecomunidade (Coletivo de EA popular e transdisciplinar) desde 2020. Esse foi também o período em que começou o coletivo, é bem recente, é um coletivo de educação ambiental popular.

O coletivo construído é um trabalho de educação ambiental crítica voltado à cidadania das pessoas e, principalmente, à EA atrelada às desigualdades sociais e, por isso, a gente busca trazer a EA popular para as populações e comunidades e das populações e comunidades, já que EA não tem um eixo horizontal né, ela é feita por todos e todas todos os dias. O quanto de entendimento ambiental tem o pescador, o catador de caranguejo, uma bordadeira, uma paneleira, então, assim, esse pensamento sobre EA atrelando às questões de cidadania mesmo.

Os nossos trabalhos foram pensados primeiramente com grupos de trabalhos. A gente fez vários GT's e construiu projetos lindos como de hortas nas comunidades, nos bairros, projetos de reciclagem, de resíduos, projetos com pescadores, enfim, vários projetos. A gente construiu vários projetos que estão no papel ainda, infelizmente. A gente não pode começar a fazê-los ainda por conta da situação que estamos vivendo de evitar aglomerações, evitar contato direto com as pessoas, mas são trabalhos que a gente vai construir em algum momento. Eles já estão assim pensados para serem feitos juntos com a comunidade, sempre de forma voluntária também.

Ultimamente os nossos trabalhos estão voltados mais a redes sociais, porque a gente pode se expressar através do nosso Instagram que é o "Ecomunidade". A gente se expressa por lá, através de textos, poesias, de lembrar mesmo questões, trazer à tona para as pessoas. E sempre a gente preza por uma linguagem simples, uma linguagem transversal que não deixa de ter um bom conteúdo, mas acessível a todos. A gente busca esta EA popular a todo momento.

A gente fez uma ação externa, foi uma ação que nós realizamos no início de abril. Foi uma ação nas ruas com distribuição de sementes, que a gente

conseguiu gratuitamente. A gente distribuiu para a população com a intenção de conscientizar a ter hortas em casa, a produzir seus alimentos, mesmo que sejam coisas mais simples do dia a dia, mas entender a importância do alimento, do semear, de colher né. A gente fez este trabalho externo e foi muito legal, a gente também já fez um trabalho de doação e troca de mudas, na qual as pessoas doavam mudas e recebiam sementes para plantar novamente. A gente já fez esses dois trabalhos e o Ecomunidade funciona assim, é de maneira voluntária, coletiva, a gente faz os posts para o Instagram, a gente pensa em ideias para serem feitas ou planos para serem feitos no futuro e vai construindo assim projetos de EA e de conscientização ambiental.

A gente sensibiliza bastante pelo Instagram, a última ação foi uma Mostra de fotografias sobre o dia mundial da água, para conscientizar da importância da água para o dia a dia e como nós estamos imersos na água e como ela é importante. A mostra foi muito bonita, foi toda virtual e é isso que é o coletivo, a gente é assim, começou há pouco tempo, mas a gente quer buscar muito mais espaço, a gente quer construir muito mais aos pouquinhos, sendo virtual e é isso.

E para ressaltar também, eu acho importante dizer que este coletivo foi idealizado por uma mulher: que é a Raissa. Assim, foi uma ideia dela que ela compartilhou conosco e ele é majoritariamente composto por mulheres, são só mulheres no coletivo.

.....

Natália Coradini, menina-mulher, geógrafa de formação, atua no coletivo Ecomunidade, formado por 13 mulheres voluntárias de diferentes campos de atuação que se mobilizaram para atuar nas comunidades de Cariacica.

Desenvolvem várias atividades de educação ambiental como o projeto quintal compartilhado onde distribuem sementes para os moradores. Há também o projeto histórias de pescador(a), que é uma série de entrevistas com pescadores e pescadoras artesanais capixabas. Além disso, fizeram uma mostra virtual de fotografia ambiental com a participação de 26 belíssimas e potentes fotografias. Nesse coletivo, percebemos a boniteza de seus atos que se fazem num espaço de sentidos e ressignificações, numa pegada do legado social justo e igualitário para todos.

No processo de caminhada do coletivo, as metodologias utilizadas “dão vida, boniteza, como diz Paulo Freire, a uma determinada prática educativa desenvolvida com jovens” (BARROS, 2021, p. 9).

4.11 NARRADORA DONA DARINHA

Imagem 47 — Dona Darinha: 1ª mulher mestre de congo do ES



Fonte: Prefeitura Municipal de Cariacica, 2015.

Eu sou Maria da Penha Teixeira Martins, me chamam de Darinha. Sou da banda de congo “Unidos de Boa Vista”. Há mais de 40 anos que eu convivo nesta banda de congo. Eu conheço o congo desde a idade de 08 anos, hoje eu estou com 67 anos. Então, eu sou congueira, sou bailarina, eu sou Mestre da banda de Congo de Boa Vista. Eu gosto muito do que eu faço, eu gosto muito da minha banda de congo se divertindo no congo, porque congueiro é aquelas pessoas que têm o sangue de congueiro, que vai para o congo por amor, e é isso que eu faço. Porque tem gente que vai pelo dinheiro, vai obrigado, mas eu não, se for para tocar o congo, eu vou; porque tem gente que se não vai pelo amor, vai pela dor. Eu tenho amor, eu amo o Congo, eu sou filha de congueiros, meus avós eram congueiros, meus irmãos são congueiros, minha filha era mestra da banda mirim.

A gente atuava também na banda mirim, que inclusive os filhos do Mestre Prudêncio, do Mestre Carlão, tudo criado na banda de congo mirim de Boa Vista, hoje cresceram e estão na banda de Congo adulto. Então, hoje, tem meu esposo que toca cuica na banda de congo, graças a Deus eu tenho orgulho, amor de ser Mestre de congo. O Congo não era tocado como hoje no carnaval, mas antigamente a gente saía de casa em casa com os mascarados juntos, aquela coisa muito linda. Então, hoje, está no Carnaval de Congo de Rosa D’Água, agora a gente deu uma parada por causa desta pandemia, ninguém pode receber ninguém, ninguém pode se encontrar, ninguém pode tocar, um dia Deus vai nos ajudar e quem sabe no ano que vem a gente vai se encontrar de novo. Mas o que eu tenho que conversar com vocês é isso.

.....

D. Darinha, mulher guerreira, de luta, precursora da cultura do Congo de Roda D’Água e primeira mulher a estar à frente de uma banda, mesmo com os percalços

da vida, nunca se abaixou ou deixou de lutar pelos seus direitos e de sua comunidade.

Divulga o congo em todo território capixaba, abrilhantando com sua postura, alegria e resistências. A respeito desses sujeitos do congo, Andreia Ramos (2018) nos aponta que:

Ao nos voltarmos para estes sujeitos, dialogando com eles, trazendo suas vozes, todo um mundo de tradições, pertencimento e luta se apresenta, em que as batidas do Congo pelas terras capixabas seguem ressoando e habitando os múltiplos espaços de convivência e os cotidianos escolares (RAMOS, 2018, p. 59).

Assim como Andreia Ramos:

Apostamos numa educação que não se guarda, inventiva, menor, dos que vêm das margens, das desconstruções, que descolonizam os pensamentos e que acontece nas relações com diálogos amorosos tecidos na vida cotidiana (RAMOS, 2018, p. 61).

4.12 NARRADORA D. TERESA FARIA SOUZA

Imagem 48 — Ao fundo Igreja São Francisco de Assis



Fonte: D. Teresa Assis, 2021.

Meu nome é Teresa Faria Souza, conhecida como Teresa Assis, sou casada com Paulo Assis há 41 anos. Vim aqui para Cariacica em 1982, casada já com 02 filhos, meus primeiros filhos foram gêmeos e tive que vir para Vitória por causa de dificuldades na cidade onde nasci e me criei. A vida tava muito difícil e tive que vir para cá. Viemos com a cara e a coragem, meu esposo veio na frente para conseguir emprego e depois foi buscar a gente. As crianças estavam com 04 meses de idade, viemos com um colchão dobrado e um saco com louças, vasilhas e algumas roupas, viemos de ônibus e nos instalamos aqui mesmo em Porto Novo em Cariacica. Fomos acolhidos pela comunidade Imaculada Conceição que nos deu muito apoio e onde vivemos até hoje.

Aqui neste lugar, a gente aprendeu muitas coisas, eu e meu esposo começamos a participar da comunidade e continuamos o nosso trabalho na igreja. Na

época, tinham muitos movimentos sociais ativos como associações de moradores, movimentos comunitários, muitos movimentos de lutas.

Meu esposo logo foi desenrolando mais para viver na cidade, teve mais tempo que eu e foi presidente da associação de moradores do bairro por vários anos, cada eleição ele se colocava à disposição e foi reeleito e fomos lutando juntos. Aqui não tinha nada, não tinha calçamento, água, nem luz, não tinha nada, era um lugar, apenas um lugar.

Tinham muitas pessoas carentes, necessitadas e assim, com muita luta, a gente conseguiu vencer. Mas aqui onde a gente mora, na época, nem água tinha, a água era dividida para cada um, tinha poço e as pessoas cediam água, e a gente foi lutando com nossas condições até que nós conseguimos a água, luz, calçamento, redes de esgoto, e hoje em dia a gente vive. Continuamos na luta, porque ainda faltam muitas coisas para dizer que temos uma vida digna, mas com nossas lutas a gente conseguiu 02 escolas, quadra de esportes, só que não está funcionando direito.

Nossa luta continua. Já participei muitos anos do grupo de mulheres e dos movimentos, mas por causa da pandemia, está um pouco parado. Temos projetos que levam as pessoas a descobrir seus talentos, como bordados, pinturas, costuras, mas por causa da pandemia está quase há 02 anos parado, porque no final de 2019 paramos um pouco para reajustar as coisas, arrumar as máquinas e em 2020 a gente ia entrar com tudo, só que não foi o nosso planejamento, foi do jeito que Deus quis, porque depois deste período a gente não conseguiu retomar o projeto, mas nós estamos na expectativa de que quando tudo retornar, a gente vai reanimar e retomar para funcionar de novo as oficinas, porque não é só para ensinar a bordar, pintar, mas é um local que

acolhe as pessoas que chegam neste lugar com problemas psicológicos, de família, coisas da vida.

Ali na conversa, no diálogo, nas brincadeiras, a gente vai ajudando. As pessoas que passaram pelo nosso projeto tomaram outro rumo na vida, ali foi lugar que elas encontraram para descobrir potencial, foram fazer outros cursos como enfermagem, cabeleireira, confeitaria. Aqui no nosso bairro, a gente tem várias pessoas que passaram por este projeto. Me sinto realizada, criei minha família aqui, sou mãe de 03 filhos e avó de 09 netos, estou forte e firme para continuar a luta.

.....

Teresa Faria Souza, conhecida como Teresa Assis, atua na comunidade de Presidente Médici com os movimentos das mulheres em projetos de busca de talentos. Além disso, atua com oficinas educativas com vistas à profissionalização dos jovens da comunidade.

Viveu uma época na comunidade onde o mínimo para sobrevivência era muito difícil e inacessível, como é o caso do acesso à água potável. Em pleno século XXI reverbera ainda a falta de saneamento para a população por não ser prioridade dos governos passados e atual.

Dados publicados pelo Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SINIS, 2017), 10 anos após o lançamento da Lei do Saneamento Básico no Brasil, indicam que somente a metade da população brasileira possui acesso a sistemas de esgotamento sanitário, ou seja, mais de 100 milhões de pessoas utilizam iniciativas particulares para equacionar o problema do escoamento sanitário.

Na região de Porto de Santana, segundo (PMSA, 2013, p. 123) “visando ampliar a reservação do município e o reforço da distribuição, foi construído o Reservatório Valverde em Porto de Santana com capacidade de 5.000 m³”. Sabemos que há muito que lutar e resistir frente aos descasos políticos e falta de seriedade nos serviços prestados, mas com diálogos e anseios dos moradores dessa região, talvez

consigamos minimizar todo impacto causado pelo descaso político e social nessa região.

Com sua história de lutas, essa mulher vai seguindo seu caminho, dialogando e esperando por um mundo menos injusto, equitativo e democrático.

4.13 NARRADORA PROFA. MARINA CADETE

Imagem 49 — Os trilhos se entrelaçam com a vida cotidiana



Fonte: Marialina Cadete da Penha Amaral (irmã da narradora Marina Cadete), 2021.

Como moradora de Alto Boa Vista, Cariacica, sempre reconheci nela um cheiro, um som e uma paisagem. Nosso mangue, todas as noites, invade minha

casa com seu CHEIRO próprio, trazendo consigo, como berçário da vida, a simbologia da esperança e resistência a uma ocupação sem convite. Pontualmente, o SOM do apito do trem invade minha janela e carrega consigo a complexa realidade socioambiental e econômica das vias férreas.

Morando no alto e com o privilégio de uma vista panorâmica do nosso município, trago em minhas memórias uma paisagem muito bela, mas que por muito tempo não tinha nomes e rostos. Foi em um curto tempo atuando na coordenação de educação ambiental da Secretaria de Educação de Cariacica que tive o privilégio de conhecer membros de associações, líderes comunitários, professores, alunos, diretores e servidores que trazem em seus nomes e rostos uma história de luta, resistência e amor pelos nossos patrimônios materiais e imateriais. Aprendi, cresci e compartilhei. E hoje posso dizer que Cariacica tem um cheiro, um som, uma paisagem e rostos de luta!

.....

Marina Cadete, professora de Ciências, Mestre em educação e doutoranda pelo IFES, pessoa ímpar, mulher de lutas, com grande generosidade, sensibilidade e com olhar amoroso para o seu território.

Tive a oportunidade de trabalhar com ela, e juntas dialogamos e propomos trabalhos de educação ambiental no município. Com essas ações, reforço que o nosso ofício de ser professora é um ato político.

Moradora da região de Itanguá, área com belíssimas paisagens e manguezais, mas com grandes e problemáticos impactos socioambientais como a linha férrea da Vale, que causou sérias e grandes consequências na vida dos moradores.

Itanguá é uma palavra de origem indígena e significa baixada das conchas. "ITAN" quer dizer concha grande e "GUÁ" ou "GUÉ" é o mesmo que baixada. Itanguá já foi um centro comercial de café e com escoamento para a região de Vitória.

Nessa região foi criado, através do decreto 48 de 24 de maio de 2007, o Parque Natural Municipal do Manguezal de Itanguá com 32 hectares.

Paulo Freire nos faz colar no miudinho do nosso cotidiano para conhecer e se encantar com trajetórias de vida como a da professora Marina.

Afirmamos que nesse território de afeto existem potentes possibilidades e um compromisso ético com o nosso *serexistir* nesta realidade tão pulsante.

4.14 NARRADORA VERA LÚCIA

Imagem 50 — Grupo 7M Cachoeirinha



Fonte: Narradora Vera Lúcia, 2021.

Vou falar um pouco como nasceu e surgiu o grupo de mulheres rurais de Sabão e Cacheirinha, dois bairros próximos. Por volta dos anos 90, as mulheres dos nossos bairros não tinham, assim, nenhum lugar para se reunir e de lazer. Aqui já tinha a associação de produtores que buscavam auxílio na parte técnica, agrícola, na Incaper de Santa Leopoldina, que na época se chamava EMATER, hoje INCAPER. Santa Leopoldina-ES é um município vizinho nosso, lá acompanhava eles uma economista doméstica também da EMATER que se chamava Maria Isabel Frate. Então, ela acompanhou os agentes aqui e viu que as mulheres já faziam um trabalho no município, e comentou se vocês quiserem a gente traz este trabalho para cá também e a gente aderiu à ideia. A gente trouxe para cá cursos de biscoitos, compotas, material de limpeza, pintura em tecido, crochê, tricô e aí foi evoluindo e buscando conhecimento.

Depois que a gente já estava bem engajada, a gente sentiu necessidade de dá continuidade a este movimento, as pessoas que estavam ali queriam mais. A gente ia nas reuniões dos produtores, só que quem falava eram os homens, eles nunca perguntaram para gente que acompanhava se a gente tinha uma opinião, uma ideia, se queria falar alguma coisa, só eles que falavam sobre estrada, café, muda, adubo, esses pontos que falavam lá.

Então, aí a gente foi na economista doméstica e a gente falou que queria continuar e ela falou para gente fundar uma associação, pois precisa formalizar. Então, ela ajudou com exemplos de outras comunidades para gente ir se atualizando e formalizando e a gente formou a associação. Aí que a gente viu que a gente encontrou as barreiras, pois muitos homens não aceitavam, e tem gente que não aceita até hoje, e a gente, assim, teve sempre firme e continuamos. Teve uma época que todas as associações que tem em Cariacica pararam, mas a nossa nunca parou, sempre se reunia, momento de lazer, saía

para passeio, passando o que a gente sabia de corte costura, sempre ali, fazendo alguma coisa.

Até que chegou em Cariacica o prefeito Cabo Camata, que trouxe para área rural o curso de processamento de banana. A banana é a maior produção do município e a gente viu que ficava muita sobra que se jogava fora. Pensamos vamos aproveitar isso aí e fazer alguma coisa, conversamos com o prefeito que deu o curso e deixou na comunidade uma estufa e aí com pouco tempo depois a gente começou trabalhar, evoluindo rapidamente. O prefeito morreu e vieram buscar a máquina, pois não foi pago. Então a gente parou, mas quando Helder Salomão foi eleito, a economista doméstica veio até nós e começamos de novo.

Fomos para associação e tem registrado em ata, todas as mulheres que puderam ir aderiram. Depois foram 7 mulheres e pegamos um empréstimo pessoal e compramos um secador e começamos a trabalhar com os derivados da banana. Foi aí que nasceu o grupo 7M, e aí foi outra batalha e encontramos muitas barreiras, mas quando o pessoal do bairro falava que não ia dar certo, isso é coisa de mulher, mais pessoas que a gente conhece foram dando incentivo e a gente foi crescendo.

Hoje nossa associação tem mais de 20 sócias, e a gente ainda continua agilizando para as pessoas fazerem os cursos, e a gente vai crescendo. E a gente tem até carro, a gente ganhou por emenda parlamentar, a gente usa, administra. A mulher que não ajunta para somar está perdendo, a gente precisa estar organizadas, conhecendo os nossos direitos, para a gente evoluir e sermos fortes, para não sermos manipuladas por alguns. Então, é assim, a nossa associação já trabalha junto, a gente sabe que um dia vai chegar lá, a gente não quer passar à frente de ninguém, só queremos somar.

.....

D. Vera Lúcia, mulher de luta, potente e com forte atuação em Cachoeirinha, região rural de Cariacica. Em Cachoeirinha acontece a anual Festa da Banana, envolvendo os moradores numa grande festa dos produtos produzidos nesta região.

Mediante o cenário das desigualdades, um coletivo de mulheres criou o grupo 7M para reivindicar melhores espaços e oportunidades de trabalho, lutando contra as desigualdades e a opressão machista para se firmarem como um coletivo de mulheres.

Com muita luta, o 7M conseguiu comprar o desidratador para otimizar os produtos derivados da banana prata. Além disso, com garra e dedicação, teceram muitos sonhos que se realizaram, gerando redes de apoio e cuidado.

Todo trabalho, apesar da dureza da vida, foi tecido no desfecho da alegria, da solidariedade, da comunhão e amor ao próximo.

Trazemos a autora Miriam Furlan Brighente (2020, p. 13) para compreendermos a luta desse coletivo: “sabemos para onde partir, mas não exatamente como isso vai se concretizar numa sociedade mais justa, que, entre outras coisas, visa o fim da opressão contra as mulheres”.

4.15 NARRATIVA DA PROFA. VERUSKA FERRAZ

Imagem 51 — Manguezal do bairro Flexal



Fonte: Narradora Veruska Ferraz, 2016.

Meu nome é Veruska Ferraz, sou professora de geografia da Rede Municipal de Educação de Cariacica, mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) e doutoranda em educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desde que me efetivei no município, tive a oportunidade de compor grupos, frentes de trabalho e desenvolver projetos alusivos à Educação Ambiental (EA) em conjunto com companheiros/as engajados/as nessa causa. Hoje, esses trabalhos fazem parte da história do município, compõem a sua trajetória de luta e resistência a uma pauta tão fundamental e urgente para todas as formas de vida do planeta, em especial em Cariacica, um município carente de políticas públicas que protejam o nosso patrimônio natural, ecológico, ambiental,

cultural e humano. Também participei do projeto Maré viva, coordenei a Sala Verde e fui formadora de professores/as da área de geografia.

Dentre os inúmeros projetos que tive a honra de participar e acompanhar de perto a elaboração, implementação e desenvolvimento, vou destacar alguns como: Hortas Escolares, Sala Verde, Banca da Leitura, Tenda Divertida da Leitura e da Escrita, Feiras Ambientais, Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira, criação do Parque e da Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais de Cariacica e o Povos e Mangues. De todos os projetos elencados acima destacarei o Povos e Mangues, na qual fui coordenadora pedagógica, isso dada a sua relevância e capacidade de inovação, mas sem desmerecer em momento algum os demais. Esse projeto fez com que a municipalidade reconhecesse todo potencial do ecossistema manguezal, desde sua importância como patrimônio natural, como zona de elevada produtividade ecológica, econômica, até a sua dimensão pedagógica. Vale ressaltar que a municipalidade, durante a implementação do projeto, também constatou que existem pescadores/as, marisqueiros/as, catadores/as de caranguejo, que sobrevivem deste ecossistema.

Mas o projeto surgiu de uma característica natural do território capixaba, o município de Cariacica – Espírito Santo (ES) possui uma grande área ocupada por manguezais e, em 2007 por meio do decreto Nº 48/2007, a Prefeitura Municipal de Cariacica criou duas unidades protegidas destinadas à conservação dos manguezais: a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal do Manguezal de Cariacica (740,51 ha) e o Parque Natural Municipal Manguezais do Itanguá (31,34 ha). A partir daí foram criados os conselhos gestores das duas unidades de conservação do município, porém eles nunca tiveram a atuação prevista para esses órgãos colegiados.

Pensando em ações educativas formais e não formais que contribuíssem para o cuidado com os manguezais, foi criado o projeto intitulado Povos e Mangues, e para que a gestão dele fosse uma atuação conjunta, duas secretarias municipais foram envolvidas e uma Organização Não Governamental (ONG): a Secretaria Municipal de Educação (SEME), a extinta Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMAM) e o Instituto Bioma Brasil (IBB). Foram realizadas com os/as professores/as 04 formações continuadas, sendo que duas ocorreram em 2008 e as outras duas que ocorreram em 2009, cuja carga horária foi de 20h e envolveu cerca de 120 educadores/as e 30 escolas, entre centros de Educação Infantil e escolas de Ensino Fundamental I e II. Todos/as os participantes da formação e as escolas representadas por eles/as, receberam o material pedagógico adotado pelos formadores, o guia didático “Os Maravilhosos Manguezais do Brasil”, cujo conteúdo contemplava uma parte teórica e várias atividades práticas alusivas aos temas abordados.

Durante aproximadamente 02 anos, visitei as escolas que abraçaram a proposta, dando suporte técnico para realização das etapas e conclusão das atividades referentes ao projeto. Emergiu daí também, vários audiovisuais que foram produzidos nas escolas pelos/as alunos/as e também nas associações pelos/as pescadores/as artesanais. Foi um momento único, um momento de muita produtividade e reconhecimento das áreas naturais de Cariacica e de sua influência. Passados os dois anos previstos para conclusão do projeto, continuamos a atender as escolas de acordo com suas demandas, pois a prioridade era dar continuidade as ações efetivadas.

Atualmente, o município de Cariacica possui a Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente, que abriga a Subsecretaria de Meio Ambiente, responsável por processos que tratam a temática ambiental. Entretanto, não podemos romantizar os fatos, a Educação Ambiental

não é prioridade para o município e até hoje as áreas de proteção ambiental relacionadas ao ecossistema manguezal que foram criadas, não possuem o tão desejado e requisitado plano de manejo, estando expostas a pesca predatória, desmatamento, aterro, ocupação desordenada e recebendo lixo, esgoto doméstico e industrial in natura. O rio Itanguá que corta todo o Parque Natural está altamente assoreado, degradado e poluído, sofre com todo tipo de abandono, inclusive com casas e empreendimentos comerciais que invadem suas margens e sufocam o seu leito. Sendo assim, urge a necessidade de continuarmos pleiteando ações para se efetivar a Política de Educação Ambiental de Cariacica e seus desdobramentos.

Como pronunciava o grande mestre Paulo Freire 2005, a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens e mulheres transformam o mundo. Para ele, existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. E de acordo com o legado do patrono da educação, e de acordo com minhas convicções como professora libertadora, esse é o nosso papel, moral e ético em busca da construção de uma sociedade mais democrática, menos feia, mais amorosa e mais humana.

.....

Veruska Ferraz, professora de geografia, Mestre em Educação e doutoranda em educação pela UFSCAR, atuou nas escolas de ensino fundamental e por muitos anos na SEME com projetos/programas de educação ambiental, onde tive o privilégio de conviver e ser parceira em tantos trabalhos. Nossa parceria se estendeu por longos e frutíferos anos de trabalho e cumplicidade na educação ambiental de Cariacica. Acompanhamos ativamente a criação do Parque da Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais, que foi criada pelo Decreto Municipal N° 48/2007.

Essa narrativa emerge através de um projeto intitulado Povos e Mangues que potencializou o trabalho com as escolas e comunidades com o ecossistema manguezal. Foi um marco para o município que envolveu as escolas, comunidades ribeirinhas, pescadores e marisqueiros e, no final, culminou em um Guia Didático intitulado “Os Maravilhosos Manguezais do Brasil”, além da construção de vídeos educativos sobre o ecossistema.

Partindo da potência dessa professora, dos desdobramentos dos trabalhos, da amizade, das bonitezas, do caminho pelo/com afeto, ampliando olhares e rompendo limites na tessitura de novos sonhos e trabalhos, parafraseio Paulo Freire quando diz que:

Na compreensão da História como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs [...] é preciso reinventar o mundo (FREIRE, 2006a, p. 40).

4.16 NARRATIVA DA PROFA. MICHELE PIRES

Imagem 52 — Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira⁵



Fonte: Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira, 2013.

Meu nome é Michele Pires Decottignies, sou professora estatutária na disciplina de Ciências e Pedagoga no Município de Cariacica/ES. No ano de 2015, tive a oportunidade de trabalhar na Secretaria de Educação, especificamente na Gerência de Ensino, Coordenação do Ensino Fundamental. Neste período fui nomeada para atuar como membro da Comissão Municipal de Formulação e Implementação do Programa Municipal de Educação Ambiental (COMFIPEA). Neste curto espaço de tempo, participei junto com os demais membros da comissão, de duas reuniões junto ao Ministério Público, para dar prosseguimento à elaboração da Minuta de Implementação da Política de Educação Ambiental do Município de Cariacica/ES. Após essas reuniões, a Comissão elaborou um Grupo de Trabalho (GT), que contou com a participação dos professores da rede para a construção seletiva dessa política.

⁵ Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira. In: ESTACAO DE CIENCIAS BLOGSPOT. Disponível em: <http://estacaodeciencias.blogspot.com>.

Enquanto membro da comissão, cheguei a participar de um encontro do GT. Este primeiro encontro tinha por objetivo discutir com os participantes a concepção do meio ambiente, considerando-o em sua totalidade e sua interdependência entre o meio natural, o socioeconômico, o político e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade, enfatizando a importância do trabalho interdisciplinar entre os professores. Neste primeiro encontro, isso ficou bem claro para o grupo que estava presente. Os demais encontros não pude acompanhar, pelo fato de ter me desligado das funções de técnica da Secretaria de Educação e retornado à sala de aula.

No ano de 2017, a política municipal de educação ambiental foi instituída no município de Cariacica por meio da Lei Nº 5755, de 07 de junho de 2017. Ressalto a importância dessa política para o município porque por meio dela pode-se incentivar a participação individual e coletiva responsável, na defesa da qualidade socioambiental, com vistas à construção de uma sociedade sustentável. Além de estimular e fortalecer a consciência crítica sobre as problemáticas socioambientais e o despertar do exercício da cidadania nas comunidades, considerando o sentido de pertencimento.

Enquanto professora vejo que a instituição da Política de Educação Ambiental no município, com o enfoque humanista, democrático e participativo, como se propõe a ser, e que tem como princípio a solidariedade, a igualdade, o respeito às diversidades e aos direitos humanos, surge como uma ferramenta criativa, inovadora e crítica para a Educação. Contribuirá com a participação ativa da comunidade escolar na busca de soluções para os problemas ambientais existentes na realidade dos nossos alunos, influenciando-o a tornar-se cidadão consciente de seus direitos e deveres.

.....

Michele Pires, professora de Ciências, Mestre em Educação e doutoranda em educação pelo IFES, atua na Escola de Campo e Estação de Ciências Margareth Cruz Pereira como professora de Ciências. De forma primorosa, desenvolve trabalhos com os alunos, atuando no enriquecimento curricular com projetos de educação ambiental com vistas à iniciação científica.

Trabalhou na Secretaria Municipal de Educação, onde tive o prazer e a honra de vivenciar, juntamente com ela, a construção da Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA). Durante o processo, foram tecidas discussões e proposições, ressignificando nossa realidade.

Em parceria com o coletivo da escola de campo, desenvolveu diversos projetos/trabalhos, como sinalização de uma trilha que leva até o mirante da Escola, projetos de astronomia, de horta educativa, dentre outros. A escola está localizada em Alto Roda D'Água, região rural do município. De acordo com o blog da escola:

A Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira foi adquirida pela Prefeitura de Cariacica no ano de 2009 com o objetivo de servir para pano de fundo de pesquisas e visitação das escolas, já que ela se encontra em local privilegiado em meio à mata Atlântica. Devido à sua localização, ela é propícia à estudos ambientais tanto quanto de preservação e sustentabilidade. No ano de 2011 a Estação de Ciências passou a funcionar também como escola e passou a ser Estação de Ciências e Escola do Campo para atender os alunos do entorno com a perspectiva de uma educação voltada para valorização do homem do campo e de seus conhecimentos (ESCOLA DO CAMPO E ESTAÇÃO DE CIÊNCIAS MARGARETE CRUZ PEREIRA).

Particpei do início da escola, com as discussões sobre o currículo e a construção do projeto de atividades diversificadas como a horta educativa, o observatório e as trilhas, que foram abertas num trabalho coletivo de professores de modo que conseguimos estruturar a trilha principal da escola na época, sinalizando e colocando tocos de madeira para o acesso.

O *saberfazer* dessa professora acontece no redescobrir a alegria e o afeto, num processo dialógico e amoroso com seus alunos. Com isso, lembramos Freire, na obra "A sombra desta mangueira": "Sombra e luz, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles apenas sobrevivo, menos do que existo" (FREIRE, 2006b, p. 16).

4.17 NARRATIVA DA D. SUSSU

Imagem 53 — Vista panorâmica de Itaquari



Fonte: Mapio.net, 2021.

Nasci e fui criada em Itaquari e sou muito feliz em morar neste local. Este prédio da Secretaria Municipal de Educação era uma faculdade de Antário Filho. Aqui era uma chácara, mas passou a ser uma rádio.

A Vale tinha um armazém e fornecia compras para todos que trabalhavam na VALE, seu Jorge entregava por carroça na casa de cada funcionário.

Na maré, onde hoje é Sotema, o barco pegava as pessoas e levava até Santo Antônio em Vitória, de lá tinha o bonde que levava a gente até a cidade e ia até o mercado da Vila Rubim. Tinham pessoas de Cariacica que iam a pé até à Vila Rubim. Era um mundo diferente do que vivemos hoje, minha filha, a vida era simples, mas difícil para sobreviver. A Vale, localizada na região, trouxe empregos, mas tínhamos que conviver com o trem que passava ao lado de nossas casas.

.....

D. Sussu, moradora da região de Itaquari, servidora da PMC, trabalha na Secretaria Municipal de Educação de Educação. Com seu jeito doce e fraterno nos faz viajar

pelas suas histórias de vida marcadas pela sobrevivência neste mundo de desigualdades e exclusão. Mesmo com as imposições do mundo, de uma sociedade excludente, segue firme, porque foi forjada na luta e nas resistências. Segue esperançando por um mundo mais justo e igualitário.

Quanto à sua história de vida e de resistência, Freire (1987) nos faz refletir que sobre os oprimidos e opressores quando ele diz que: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 23).

5 CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS⁶...

“A linha nunca é regular, o ponto é apenas a inflexão da linha. Pois não são os começos nem os fins que contam, mas o meio.”

Gilles Deleuze (2010)

Mediante o que foi exposto nesta dissertação, chegamos ao término desta pesquisa não com certezas, mas com indagações e um convite para que vocês leitores/as possam narrar também suas histórias de modo que este movimento possa se capilarizar e enraizar nos cotidianos escolares e na vida de cada um de nós.

A partir disso, acreditamos na possibilidade de construção de novos caminhos e rumos para que a educação ambiental libertária (FREIRE, 2015) seja de fato incorporada e discutida nos cotidianos escolares. Para tanto, precisamos construir, reconstruir e prospectar espaços de diálogos, olhando nas fissuras e brechas que nos provocam em relação à educação ambiental, pensando fora de contexto e abarcando outros modos de enxergar a EA como através das narrativas de mulheres.

Estamos vivenciando uma profunda crise política e ambiental no Brasil sem precedentes. Assistimos às falácias de forma perplexa e atônitos, principalmente no que tange ao esfacelamento ambiental. Presenciamos a retomada de velhos hábitos e um grave desmonte das políticas públicas num processo de descompromisso com a democracia e com o diálogo com toda a sociedade. Nesse momento de muita turbulência em relação à educação ambiental, observamos ausência de proposições em âmbito nacional, ao mesmo tempo em que se apresentam rupturas, dissensos, desmoralização social, ambiental e humana.

Dentro do modelo de Estado capitalista e mercantilizado, pacotes prontos chegam às escolas sem discussões, sem a escuta daqueles sujeitos que fazem o cotidiano.

⁶ MARQUES, Isabel Ribeiro (2020, p. 118) “O título desse capítulo não foi escolhido em vão, considerações não finais, pois através da vertente teórica que assumo e me potencializa enquanto pesquisadora, não coloco um fim na pesquisa”.

Diante desse cenário, reporto-me a Paulo Leminski (2012, p. 119) sobre o “sentido de existir” onde a todo custo tentam amordaçar o pensamento crítico, criminalizar os profissionais de educação e atentar contra a autonomia pedagógica.

Assim sendo, precisamos dar sentido a esse cotidiano e acreditamos que a via possível é através da ecologia da Resistência e do não conformismo. Percebemos que a educação ambiental é a via possível de diálogos e proposições, mas o que se vê nas rotinas escolares é uma abordagem simplista, conteudista e insípida, o que acaba perdendo toda a complexidade e abrangência que a EA se propõe ou a reduz em práticas que a isolam do contexto sócio-político.

Mediante o exposto, reiteramos as seguintes indagações: quem tem o direito de narrar essas histórias? Que sujeitos da história estão contemplados na narrativa oficial? Que história é contada? Como é contada? A partir de qual epistemologia estamos falando? Ao refletirmos sobre quem fala, estamos reforçando uma hierarquia dominante cotidiana ou estamos abertos a ouvir as outras vozes carregadas de sentidos e possibilidades?

Diante dessas indagações, reforçamos a potencialidade presente nas trajetórias dos coletivos de mulheres em prol de uma educação ambiental política e apostamos na prática que busca estimular processos dialógicos e participativos, dando ênfase na ação coletiva e na atuação em rede para nos percebermos como indivíduos socialmente ecológicos.

Para a coleta das narrativas aqui apresentadas, foram realizadas conversas individuais e rodas de conversas com as mulheres de Cariacica através da escuta atenta, sensível e amorosa (FREIRE, 2017) das histórias vividas em um lugar fundamentalmente de resistência nas lutas antirracista e anticapitalista, estabelecendo pontes e diálogos.

Esta pesquisa está ancorada na perspectiva da amorosidade e dialogicidade de Freire (2017). Essa forma de atuação nos move a (re)criar, (re)inventar e (re)descobrir os movimentos ecologistas do município de Cariacica.

Para entender nossa opção política de educação ambiental, apresentamos a definição de Reigota:

A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (REIGOTA, 2012, p. 13).

Reforçamos também que “É possível afirmar que o que distingue a educação ambiental brasileira é a sua (inerente) perspectiva política” (REIGOTA, 2008, p. 66).

Conduzir uma pesquisa sobre o movimento das narrativas em Cariacica atrelado à educação ambiental nos aproxima da invisibilidade dos cotidianos vivenciados por estas mulheres e evidencia como suas territorialidades e identidades foram determinantes para compreender e refletir sobre esse assunto.

Essas aproximações são desafiadoras, sobretudo pela complexidade e diversidade de histórias abafadas ou silenciadas que se encontram no âmago de cada mulher. Partindo dessa perspectiva, a tradução desses movimentos e dos sujeitos históricos, de suas experiências, vivências e especificidades, constituiu um diálogo inédito, marcado pela condição dessas minorias.

Propusemos um olhar diferenciado e buscamos mostrar que não só homens fazem parte dessa história oficial, datada, oficializada, mas que as mulheres também lutaram ativamente para a construção de espaços de mais respeito e igualdade. Oportunizar essas outras narrativas em relação à oficial, que esconde, oculta e encobre, é um movimento de resistência e luta de nós mulheres.

Essa pesquisa tem a pretensão futura de levar essas histórias para os cotidianos escolares, fazendo com que os/as estudantes/as se identifiquem e se reconheçam e valorizem as grandes mulheres que compõem o mosaico da história oficial contada neste município.

Buscamos em Alves (2001, p. 30) o entendimento dos processos de narrar a vida e literaturizar a ciência, que é

uma outra escrita para além da já aprendida. Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser

chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, [...] redes de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que [...] [teça inúmeras redes de comunicação], que indique, talvez, uma escrita/fala, uma fala/escrita ou uma fala/escrita/fala (ALVES, 2001, p. 30).

As mulheres ecologistas desse estudo foram identificadas através de suas histórias de vida, não cronológica, mas de um tempo vivido, de relações dialógicas, de releituras do seu fazer como mulheres de lutas e convicções, das militâncias com as práticas ecologistas e de processos que inspiram outras pessoas e, por isso, devem ser lembradas por transformar o rumo histórico de Cariacica.

Portanto, dar escuta às narrativas dessas mulheres é de grande relevância para o município, pois partimos de uma história forjada na luta e entrelaçada nas vivências e experiências de cada uma com os movimentos ecologistas no município.

Assim como a personagem de Evaristo, “um dia ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria Nova um dia escreveria a fala do seu povo.”(EVARISTO, 2006, p. 161), essas mulheres fizeram soar seu grito, sua voz.

As vivências dessas mulheres são marcadas pela luta, invisibilidade e resistência de cada uma dessas narradoras que foram moldadas no movimento de resistir e de ecoar as mais densas histórias que por muito tempo foram silenciadas pela própria sociedade que não aceita o protagonismo e engajamento das mulheres.

Em relação à EA no cotidiano, reiteramos que a educação ambiental é um processo pedagógico e não apenas um momento pontual, sem enraizamento e sem interação com a realidade onde a escola está inserida, com sua territorialidade e seus sujeitos.

Pensando assim, conversando com Barchi (2009a), entendemos que educação ambiental libertária menor deve valorizar os sujeitos e os saberes produzidos.

Uma educação que se propõe como ambiental, libertária, e para isso, rizomática e menor, que valorize a singularidade de cada indivíduo envolvido, e, aberta para a multiplicidade, irá exigir a disponibilidade para o diálogo. Se a construção do conhecimento e do currículo nas escolas pretende-se feito a partir da troca e da comunicação entre os mais diversos saberes, é fundamental a noção libertária de dialogicidade. (BARCHI, 2009a, p. 78).

Diante de uma história do município de Cariacica, marcada e construída por uma visão eurocêntrica, hierarquizada, novamente nos colocamos a pensar quem tem autoridade para falar dessa história? Que representação é essa? Há produção de sentidos? A narrativa é de todos? Há um encontro entre a realidade limitada, os sonhos e os desejos? É nessa perspectiva que o sujeito precisa reinventar a si mesmo e o espaço em que vive, pois, só assim tem a possibilidade de transgredir as próprias limitações e acrescentar algo ao mundo, num propósito de transformação da realidade com o olhar no/sobre o mundo.

Minha motivação para trabalhar essa temática partiu da observação de que, apesar da difusão crescente da Educação Ambiental dentro e fora da escola, essa ação educativa geralmente se apresenta fragilizada em suas práticas pedagógicas, na medida em que tais práticas não são inseridas em processos que gerem transformações significativas da realidade vivenciada pelos sujeitos. E, por isso, me pergunto quem são aqueles que detêm o “poder” de contar histórias? E na maioria das vezes estão nas mãos de poucos e são contadas através de um viés de uma história oficial, centrada no pensamento eurocêntrico, cartesiano e pragmático.

Diante dos fatos citados, esse trabalho pretendeu trazer um enfoque das histórias das mulheres ecologistas das 13 regiões administrativas de Cariacica. Histórias contadas a partir dos seus olhares, de suas singularidades, das militâncias com as práticas ecologistas, de suas vidas e da constituição dos bairros e comunidades onde as mesmas estão inseridas.

A finalidade é que seja vislumbrado um movimento de contadores de histórias no município partindo dos fios dessas narrativas, sendo incorporadas no cotidiano escolar, de modo que muitas outras histórias possam ser contadas, valorizadas e preservadas.

Encerro este ensaio com uma poesia autoral sobre este movimento de pesquisa, com meu postal aquarelado e minha escrevivência.

MULHERES ECOLOGISTAS

Mulheres ecologistas De Carijaci-ca -á.

Terra de Roda D'água, Duas Bocas, do Moxuara, de Itanguá e Itaquari

Terra do congo, de Dona Darinha, de D. Sussu e Dona Antonia , de Dona

Matilia, Raquel, Elaine e de Zete

Mulheres de lutas, que não se silenciam frente às adversidades da vida

Não me dê flores, me deixe viver

A história de muitas mulheres, unidas , entrelaçadas num uníssono tom

Nas lutas e resistências, existem muitas Marias , Cida, Penha e também Norma

Precisamos visibilizar as nossas lutas em relação a toda opressão

Por isso nós mulheres, nos levantamos para a luta,

Pedimos respeito e reconhecimento

Se fere a nossa existência, seremos resistência

Poesia autoral, 2020.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **A Invenção da Escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ALVES, Nilda. Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. *In*: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade**. 66. ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010. p. 49-66.

ALVES, Nilda. **Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema suas imagens e sons**. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. 2012. (Projeto de Pesquisa).

ALVES, Nilda. A formação com as imagens. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 2, n. especial – jun./out. 2016, p. 235-252.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2006.

BARCHI, Rodrigo. Fundamentos da educação ambiental libertária. *In*: 30ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: [s. l.], 2007. p. 1-19. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT22-3132--Int.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BARCHI, Rodrigo. Uma educação ambiental libertária. **Rev. eletrônica Mestrado Educ. Ambiental**, v. 22, janeiro a julho de 2009a. ISSN 1517-1256.

BARCHI, Rodrigo. Contribuições "inversas", "perversas" e menores às educações ambientais. **Revista Interações**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 174-192, 2009b.

BARCHI, Rodrigo. Educação ambiental e (eco)governamentalidade. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 635-650, 2016.

BARCHI, Rodrigo. Educações inversas e ecologias infernais: experiências para pensar as educações ambientais a partir dos contos de horror do Heavy Metal de King Diamond. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 34, n. 1, p. 311-329, 2017.

BARROS, Manoel de. **O Apanhador de desperdícios**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BARROS, Lucian da Silva. Por uma pedagogia das juventudes: reflexões a partir de Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v.34, n.1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/108086/61157>. Acesso em: 04 out. 2021.

BEZERRA, Ormy Leal. **Cariacica resumo histórico**. 2. ed. Cariacica: Instituto de pesquisa e documentação cariaciquense (IPEDOC), 2009.

BRASIL. [Constituição Federal (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um pouco da História da Educação Ambiental** [S. l. s. n.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/historia.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento — SINIS. **Diagnóstico dos serviços de água e esgotos — 2017**. Brasília: SNS/MDR, 2019. 226 p. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/diagnostico-anual-agua-e-esgotos/diagnostico-ae-2017>. Acesso em: 04 out. 2021.

BRIGHENTE, Miriam Furlan. Feminismo socialista e pedagogia das mulheres oprimidas: um caminho libertador em tempos de neoliberalismo. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 23, p. 1-15, e-2020.16919.209209230242.0924, 2020. Disponível em <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 04 out. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE CARIACICA. [On-line]. Disponível em: <http://www.camaracariacica.es.gov.br/pagina/ler/1023/conheca>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE HUMANO. **Relatório da Delegação do Brasil à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente**. V. 1. Estocolmo, 1972. Disponível em: https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wp-content/uploads/sites/36/2013/12/estocolmo_72_Volume_I.pdf. Acesso em: 10 abr. 2020.

DADALTO, Ezequiel de Deus; LOPES, Andrea Almeida. **Plano Municipal de Saneamento Prefeitura da Cidade de Cariacica** – dez/2013.

CARRION, Carla. **Desalinhados**: uma história do Hospital Adauto Botelho e das memórias que ali habitam. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CUNHA, Magali. Quando Paulo Freire trocou Harvard pelo Conselho Mundial de Igrejas. Por que a memória do Paulo Freire cristão ecumênico tem sido silenciada nos destaques que lhe são feitos? **Carta Capital**. [S. l.], 22 set. 2021. Blogs Diálogos da Fé. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quando-paulo-freire-trocou-harvard-pelo-conselho-mundial-de-igrejas2/>. Acesso em: 10 out. 2021.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. [S. l.]: Ed. Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2010.

ECO-92. Toda matéria. [S. l. s. n.], 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/eco-92/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ECOLOGIA DO NARRAR. [S. l.]: 12 jan. 2021. Instagram: @ecologiadonarrar. Disponível em: https://instagram.com/ecologiasdonarrar?utm_medium=copy_link. Acesso em 12 jan. 2021.

ESCOLA DO CAMPO E ESTAÇÃO DE CIÊNCIAS MARGARETE CRUZ PEREIRA. *In*: ESTACAO DE CIENCIAS BLOGSPOT. Disponível em: <http://estacaodeciencias.blogspot.com/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. p. 7.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento da escritora Conceição Evaristo**, proferido no V colóquio Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=heHftl429U4>. Acesso em: 10 ago. 2020.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. **Portal Geledés**. [S. l.: s. n.], 07 dez. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-insubmissas-lagrimas-de-mulheres/>. Acesso em: 07 jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia desenho de minha mãe**: um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, M. A. (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.

FERNANDES, Flávio Palhano. **Participação Popular e Plano Diretor Municipal (PDM)**: Estudo de caso de Cariacica, 2010, 165f.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 8 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 253p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. 143p.

GOBBO, Elaine Dal. Projeto que resgata memória do Educandário Alzira Bley é disponibilizado na internet. **Século Diário**, [s. l.], 07 jun. 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cidades/projeto-que-resgata-memoria-do-educandario-alzira-bley-esta-disponivel-na-internet>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental autopoietica com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas**. 2013. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. 2013.

HISTÓRIA de Cariacica. *In: Ache tudo e região*. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/es/cariacica/historia.htm> Acesso em: 10 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CIDADES. **Brasil/Espírito Santo/Cariacica** [On-line]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO - IPHAN. Portal. **Ofício das Paneleiras de Goiabeiras**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/51>. Acesso em: 9 abr. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Victor de. O racismo institucional das políticas públicas como entrave da cidadania brasileira: uma análise das políticas de saneamento básico. **Sinais**, v. 1, n. 24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/33556>. Acesso em: 04 out. 2021.

JOÃO BANANEIRA. **Carnaval do Congo**. Facebook João Bananeira. Disponível em: https://m.facebook.com/joaobananeira.zebananeira?locale2=pt_BR#. Acesso em: 08 jun. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

LEMINSKI, Paulo. Forma é poder. *In: Ensaios e anseios crípticos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012

MARQUES, Isabel Ribeiro. **O discurso esverdeante como valor de verdade no campo da Educação Ambiental**. Tese (doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande — FURG. Programa de pós-graduação em educação ambiental, Rio Grande do Sul/RS, 2020.

NOVAES, Maria Stella de. **Lendas Capixabas**, 1968 - Compilação: Walter de Aguiar Filho, fevereiro/2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 150-171.

PAVANI, Elaine Cristina Rossi. As histórias de vida dos filhos separados pela “lepra” no Espírito Santo. **Para onde!? – Revista do Programa de Pós-Graduação em geografia**, v. 12, n. 1, 10 set. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/93539/54141>. Acesso em: 9 abr. 2020.

PEREIRA, Marcelo. **Obra composta por trio feminino é escolhida como hino oficial de Cariacica**. [on-line] Prefeitura de Cariacica, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/60921/obra-composta-por-trio-feminino-e-escolhida-como-hino-oficial-de-cariacica>. Acesso em 9 abr. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. **Agenda Cariacica 2010-2030: planejamento sustentável da cidade**. Cariacica: [s. n.], 2012, 220 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. **Plano municipal de saneamento**. Cariacica: [s. n.], dez. 2013, 237 p. Disponível em: https://arsp.es.gov.br/Media/arsi/Saneamento/Municipios%20Regulados/Cariacica/3PMSB_Cariacica.pdf. Acesso em: 04 jul. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. **Plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos de Cariacica** (versão preliminar). [S. l.: s. n.], nov. 2014. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/Plano-Municipal-de-Gest%C3%A3o-Integrada-de-RS.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. Lei nº 5755, de 07 de junho de 2017. Institui a política municipal de educação ambiental de Cariacica [...]. **Diário Oficial do município**: estado do Espírito Santo, n. 616, p. 2-6, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/DIARIO-OFICIAL-MUNICIPAL-19-06-2017-MLCOELHO-assinado.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

PRIMAVERA Silenciosa [de Raquel Carson, 1962]. Sabio. [S. l. s. n.], 24 set. 2003. Disponível em: https://oocities.org/~esabio/cientistas/primavera_silenciosa.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Educação Ambiental entre os Carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Vitória: UFES, 2013.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-**

existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo.

REIGOTA, Marcos. **Que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 63 p.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. **Trajetórias e Narrativas Através Da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, Ed. DP&A, 2003.

REIGOTA, Marcos. Narrativas ficcionais da práxis ecologista. *In*: **Nascimento**. O que é Educação Ambiental. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REIGOTA, Marcos. **Educação ambiental: utopia e práxis**. Ed. Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2012. 292 p.

SANTOS, Edilene Machado dos. **Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio formate, Viana (ES)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2020, 212 f.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adélia (org.). **Território – Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994 pp. 15-20.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEAD UFES. **Curso de aperfeiçoamento em educação ambiental** [on-line]. Disponível em: <https://sead.ufes.br/cursos/educacao-ambiental/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SILVA, Rafael. Crise política em Cariacica: desde 1980 só dois prefeitos concluíram mandato. **Gazetaonline**. [S. l.], 04 jul. 2016. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2016/07/crise-politica-em-cariacica-desde-1980-so-dois-prefeitos-concluíram-mandato-1013955407.html>. Acesso em: 11 abr. 2020.

TEMISTOCLA, Sandra. **Pássaro de fogo**. [S. l.]: Editora Cousa, 2018, 86 p.

TODOS juntos. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: C. Buarque, S. Bardotti e L. Enriquez. *In*: OS SALTIMBANCOS trapalhões. Intérprete: Chico Buarque. [S. l.]: Universal Music Brasil, 1981. 1 CD, faixa 9. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/discografia/os-saltimbancos-trapalhoes.html>. Acesso em: 07 jul. 2021.

ANEXO — MINUTA DA LEI DE EA

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO Cariacica (ES),
segunda-feira, 19 de junho de 2017.

LEI Nº 5755, DE 07 DE JUNHO DE 2017 INSTITUI A POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE CARIACICA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS O PREFEITO MUNICIPAL DE CARIACICA, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS Art. 1º Fica instituída a Política Municipal de Educação Ambiental (PMEA), seus objetivos, princípios e fundamentos, em conformidade com a Lei Federal de Nº 9.795/1999 que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e com a Lei Estadual de Nº 9.265/2009 que institui a Política Estadual de Educação Ambiental (PEEA). Art. 2º Caberá ao Comitê Gestor Municipal de Educação Ambiental (CGMEA), instituído pela presente lei, a coordenação e o planejamento da PMEa, na forma e condições de funcionamento previstas por ato oficial do Chefe do Poder Executivo. Art. 3º Fica criada, por meio de ato oficial do executivo, a Comissão Interinstitucional Municipal de Educação Ambiental – CIMEA, que será constituída por representantes dos órgãos e entidades da Administração Pública, do Conselho Municipal de Educação de Cariacica (COMEC), do Conselho Municipal de Meio ambiente de Cariacica (CONSEMAC), das instituições de ensino públicas e privadas, da Câmara de Vereadores e de representantes de organizações da sociedade civil organizada.

CAPÍTULO II DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL Art. 4º Entende-se por Educação Ambiental os processos permanentes de ação e reflexão individual e coletiva voltados para a construção de valores, saberes, conhecimentos, atitudes e hábitos, visando uma relação sustentável da sociedade humana com o ambiente que integra. Art. 5º A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação municipal, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os

níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Art. 6º A Educação Ambiental é objeto constante de atuação direta da prática pedagógica, das relações familiares, comunitárias e dos movimentos sociais na formação da cidadania emancipatória. Art. 7º A Educação Ambiental deve estimular a cooperação, o associativismo, a solidariedade, a igualdade, o respeito às diversidades e aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas. Art. 8º São princípios que regem a Educação Ambiental em todos os seus níveis: I - O enfoque humanista, sistêmico, democrático e participativo; II - A concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico, o político e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III - A pluralidade e a diversidade de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da multi, inter e transdisciplinaridade; IV - A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho, a cultura, a democracia participativa e as práticas socioambientais; V - A garantia de continuidade, permanência e articulação do processo educativo no âmbito formal e não formal. VI - A avaliação crítica permanente do processo educativo; VII - A abordagem articulada das questões socioambientais locais, regionais, nacionais e globais; VIII - O reconhecimento, a valorização, o resgate e o respeito à pluralidade e à diversidade individual, sócio-histórica e cultural; IX - A articulação com o princípio da gestão democrática do ensino público na educação básica, traduzido na participação das comunidades escolar e local na elaboração do projeto político pedagógico da escola e em conselhos escolares ou equivalentes. Art. 9º São objetivos fundamentais da Educação Ambiental: I - Desenvolver uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, históricos, científicos, tecnológicos, culturais e éticos; II - Garantir a democratização, a publicidade, a acessibilidade e a disseminação das informações socioambientais; III - Estimular e fortalecer a consciência crítica sobre as questões e problemáticas socioambientais; IV - Incentivar a participação individual e coletiva permanente e responsável, na defesa da qualidade socioambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania, considerando o sentido de pertencimento; V - Estimular a cooperação entre as diversas regiões do Município, com vistas à construção de uma sociedade

sustentável fundamentada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social e responsabilidade; VI - Fomentar e fortalecer a integração entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, tendo como perspectiva a sustentabilidade; VII - Estimular o desenvolvimento de políticas, pesquisas e a adoção de tecnologias menos poluentes e impactantes, propondo intervenções, quando necessário; VIII - Fortalecer a cidadania emancipatória dos povos e a solidariedade como fundamentos para a atual e as futuras gerações; IX – Incentivar a descentralização da Educação Ambiental, por meio do fortalecimento da comunicação e da colaboração entre as organizações sociais.

CAPÍTULO III DA POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL Seção I –

Das Competências Art. 10 No implemento da Política Municipal de Educação Ambiental compete: I - Ao Poder Público Municipal: a) definir políticas públicas que incorporem a dimensão socioambiental; b) promover a educação ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino; c) estimular e fortalecer o engajamento da sociedade na conservação, preservação, recuperação e melhoria do meio ambiente; d) criar polos e ou centros de educação ambiental; e) garantir a representatividade do CGMEA na Comissão do Conselho de Defesa do Meio Ambiente, que trata o Parágrafo 3º, do Artigo 89, da Lei Complementar nº 005, de 10 de outubro de 2002; f) articular junto às instituições de educação superior, públicas e privadas, meios para produção, disseminação do conhecimento e desenvolvimento de tecnologias voltadas para a melhoria das condições socioambientais do Município. II - Aos órgãos municipais responsáveis pela gestão ambiental: promover programas de educação ambiental integrados às ações de preservação, conservação, recuperação e sustentabilidade do meio ambiente; III - Às instituições de ensino, inserir a Educação Ambiental de forma transversal como estratégia de ação na concepção, elaboração e implementação do Projeto Político Pedagógico - PPP da Unidade de Ensino; IV - Aos meios de comunicação e informação, incorporar a dimensão socioambiental de forma processual, transversal e contínua em todas as suas atividades; V – Articular junto às entidades de classe o desenvolvimento de programas e projetos voltados à educação ambiental, em parceria com a comunidade, visando à sustentabilidade local, em consonância com a Política e o Programa Municipal de Educação Ambiental; VI - À Comissão Interinstitucional

Municipal de Educação Ambiental – CIMEA, apoiar tecnicamente o CGMEA na elaboração e avaliação do Programa Municipal de Educação Ambiental e na consolidação de políticas públicas voltadas à educação ambiental; VII - À sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada à prevenção, identificação e à solução de problemas socioambientais, bem como o exercício do controle social sobre as ações da gestão pública; VIII - Às organizações não-governamentais, às organizações da sociedade civil de interesse público, às organizações sociais em rede, movimentos sociais e educadores em geral, propor, estimular, apoiar e desenvolver programas e projetos de educação ambiental, em consonância com o Programa Municipal de Educação Ambiental, que contribuam para a produção de conhecimento e a formação de sociedades sustentáveis. Seção II – Da Execução Art. 11 A Política Municipal de Educação Ambiental será implementada por meio do Programa Municipal de Educação Ambiental a ser instituído por instrumento legal municipal e que deverá se caracterizar por linhas de ação, estratégias, critérios, instrumentos e metodologias. Art. 12 O Programa Municipal de Educação Ambiental compreenderá as atividades vinculadas à Política Municipal de Educação Ambiental desenvolvidas na educação formal e não formal de forma contínua, processual, permanente e contextualizada, devendo contemplar: I - A formação de sujeitos para a promoção em Educação Ambiental; II - O desenvolvimento de estudos, pesquisas, e projetos de intervenção; III - O estabelecimento de critérios para a produção, a divulgação e a aquisição de materiais didáticos, paradidáticos e educativos em geral; IV - O acompanhamento e avaliação continuada; V - A disponibilização permanente de informações; VI - O fortalecimento da Educação Ambiental no processo de gestão ambiental; VII - O fortalecimento da Educação Ambiental nos planos de bacia hidrográfica; VIII - O fortalecimento dos fóruns de participação popular; IX - A orientação à realização de eventos de Educação Ambiental; X - A consolidação de ações, programas e projetos de educomunicação ambiental; XI - A implementação e a consolidação da Educação Ambiental nos diversos setores da sociedade civil organizada e populações tradicionais; XII - O reconhecimento da pluralidade e diversidade cultural do Municipal; XIII – O fortalecimento dos polos e centros de Educação Ambiental; XIV -

O fortalecimento da Educação Ambiental nas Áreas Protegidas e em seu entorno;
XV - O fortalecimento da Educação Ambiental na zona rural para preservação, conservação, recuperação e manejo do território, contra o uso abusivo de agrotóxicos, e incentivo ao cultivo de alimentos orgânicos.

CAPÍTULO IV DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Art. 13 Cabe ao CGMEA a elaboração e implementação do Sistema Municipal de Informação de Educação Ambiental. Art. 14 São princípios para o Sistema Municipal de Informação sobre Educação Ambiental: I - A descentralização da coleta e da produção de dados e informações; II - A sistematização das informações; III - Coordenação unificada do sistema; IV - Divulgação de informações; V - Articulação com os sistemas brasileiros de informação sobre Educação Ambiental e Meio Ambiente. Art. 15 O Sistema Municipal de Informação sobre Educação Ambiental tem como objetivos: I - Democratizar o acesso à informação ambiental; II - Reunir, tratar e divulgar informações sobre Educação Ambiental; III - Atualizar permanentemente as informações sobre programas, projetos e ações voltadas para a Educação Ambiental; IV - Subsidiar a elaboração e atualização do Programa Municipal de Educação Ambiental.

CAPÍTULO VI DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL Art. 16

A Educação Ambiental na educação formal será desenvolvida no âmbito dos currículos e atividades extracurriculares das instituições de ensino englobando todos os níveis e modalidades, conforme estabelecido na PNEA e na PEEA. Art. 17 A dimensão ambiental e suas relações com o meio social e o natural devem estar inseridas de forma crítica, emancipatória e transformadora nos currículos de formação dos profissionais de educação, em todos os níveis e em todas as disciplinas. Parágrafo único. Os profissionais da educação em atividade devem receber formação continuada a fim de que várias propostas sejam dialogadas sobre Educação Ambiental, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política de Educação Ambiental. Art. 18 A Educação Ambiental deve ser inserida em todos os níveis e modalidades de ensino constituindo-se em uma prática educativa contínua, permanente e integrada aos projetos educacionais e incorporada ao projeto políticopedagógico das instituições de ensino. § 1º A Educação Ambiental deverá ser contemplada de forma inter e

transdisciplinar nos projetos político-pedagógicos e nos planos de desenvolvimento das instituições de ensino, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. § 2º A Educação Ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino na educação básica e nas modalidades de Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Art. 19 As instituições de ensino da rede pública e seus respectivos conselhos e as instituições de ensino privadas, deverão incentivar em suas atividades práticas e teóricas: I - A participação da comunidade na identificação dos problemas e potencialidades locais na busca de soluções sustentáveis; II - A participação e o fortalecimento dos coletivos organizados pela escola e pelos movimentos sociais; III - A criação de espaços para a vivência, discussões e ações em Educação Ambiental. Art. 20 A Educação Ambiental no âmbito das instituições de ensino deve valorizar a história, a cultura, a diversidade e o ambiente para fortalecer as culturas locais. Art. 21 Será considerado na autorização e no reconhecimento do funcionamento de instituições de ensino, na rede pública e privada, o cumprimento do disposto nos artigos 16, 17, 18, 19 e 20 desta Lei. Parágrafo Único. O Sistema Municipal de Ensino de Cariacica instituído pela Lei nº. 4373/2006 abrange as unidades de ensino da rede municipal e os centros de educação infantil da rede privada.

CAPÍTULO VII DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL Art. 22. Entende-se por Educação Ambiental Não Formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização, mobilização e formação da coletividade sobre as questões socioambientais e a sua organização e participação na defesa da qualidade do ambiente de forma integral. § 1º O Poder Público, em nível Municipal, incentivará e promoverá: I - A difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas e de informações acerca de temas socioambientais; II - A ampla participação, das instituições de ensino de educação básica, profissionalizante e superior e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à Educação Ambiental Não Formal; IV - A sensibilização e a mobilização da sociedade para a importância da preservação e conservação do bioma mata atlântica e seus ecossistemas associados, especialmente das áreas protegidas e das bacias

hidrográficas; V - A sensibilização ambiental e a valorização das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação; VI - A sensibilização, mobilização e formação ambiental dos agricultores e trabalhadores rurais inclusive nos assentamentos para as práticas agroecológicas; VII - A implantação de atividades ligadas ao turismo sustentável; VIII - A inserção da Educação Ambiental nas: a) atividades de conservação da biodiversidade, de zoneamento ambiental, de licenciamento, de fiscalização, de gerenciamento de resíduos, de gestão de recursos hídricos, de gerenciamento costeiro, de ordenamento de recursos pesqueiros, de manejo sustentável de recursos ambientais e de melhoria de qualidade ambiental; b) políticas econômicas, sociais e culturais, de ciência e tecnologia, de comunicação, de transporte, de saneamento e de saúde nos projetos financiados com recursos públicos; IX - A implantação de Polos e Centros de Educação Ambiental por meio da destinação e uso de áreas urbanas e rurais para o desenvolvimento prioritário de atividades de Educação Ambiental; X - A participação e o controle social na gestão dos recursos naturais, na elaboração e execução de políticas públicas; XI - O apoio e a sensibilização para a estruturação de coletivos educadores ambientais do Município, bem como a formação continuada em Educação Ambiental desses grupos; XII - O desenvolvimento de projetos ambientais sustentáveis, elaborados pelos grupos e comunidades; XIV - O desenvolvimento de Educação Ambiental a partir de processos metodológicos, participativos, inclusivos e abrangentes, valorizando a diversidade cultural, os saberes e as especificidades de gênero e etnias; XV - A inserção do componente Educação Ambiental nos programas e projetos financiados por recursos públicos e oriundos da conversão de multas ambientais, de acordo com os critérios estabelecidos no Programa Municipal de Educação Ambiental; XVI - A inserção da Educação Ambiental nos Conselhos Municipais; XVII - A inserção da Educação Ambiental nos programas de extensão rural, priorizando as práticas agroecológicas; XVIII - A formação permanente em Educação Ambiental para agentes sociais e comunitários oriundos de diversos segmentos e movimentos sociais para atuar em programas, projetos e atividades a serem desenvolvidas em comunidades, bacias hidrográficas e Unidades de Conservação. XIX - Os espaços públicos devem aplicar Educação Ambiental em suas ações internas e externas. § 2º O Poder Público, em nível municipal,

incentivará as práticas de educação ambiental nos espaços privados, como comércio, indústrias, entre outros.

CAPÍTULO VIII EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL Art. 23. Entende-se por Educomunicação Ambiental a utilização de práticas comunicativas comprometidas com a ética da sustentabilidade na formação cidadã, visando à participação, articulação entre gerações, setores e saberes, integração comunitária, reconhecimento de direitos e democratização dos meios de comunicação com o acesso de todos, indiscriminadamente. Art. 24. São objetivos da Educomunicação: I - Promover a produção interativa de programas e campanhas educativas socioambientais; II - Apoiar e fortalecer as redes de educação e comunicação ambiental; III - Promover ações educativas, por meio da comunicação, utilizando recursos midiáticos e tecnológicos em produções dos próprios educandos para informar, mobilizar e difundir a Educação Ambiental; IV - Promover mapeamento municipal da Educomunicação Ambiental; V - Implantar sistema virtual interativo de intercâmbio e veiculação de produções educacionais ambientais; VI - Promover a formação dos educadores socioambientais, como parte do programa de formação de educadores ambientais; VII - Contribuir para o acesso aos meios de produção da comunicação junto a coletivos envolvidos com a Educação Ambiental, especialmente via equipamentos de radiodifusão comunitária; VIII - Contribuir com a pesquisa e oferta de metodologias de diagnóstico de comunicação e elaboração de planos de comunicação em projetos e programas socioambientais; IX - Garantir a democratização das informações ambientais; X - Apoiar e incentivar as experiências locais e regionais de produção educacionais; XI - Apoiar e incentivar autonomia financeira e institucional dos programas de Educomunicação; XII - Incentivar a criação de núcleos de Educomunicação nas Secretarias de Educação e de Meio Ambiente do Município.

CAPÍTULO IX DA GESTÃO E DA EXECUÇÃO DA POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL Art. 25. Fica o CGMEA responsável pela coordenação e planejamento da PMEA, que será constituído por representantes da Secretaria Municipal de Educação (SEME), da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Meio Ambiente (SEMDEC). § 1º Cabe aos dirigentes de cada secretaria indicar os representantes que constituirão o CGMEA. § 2º As Secretarias de Educação e a

Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente proverão o suporte técnico, administrativo e financeiro necessários ao desempenho das atribuições do CGMEA. Art. 26. São atribuições do CGMEA: I - O assessoramento ao Chefe do Executivo Municipal com relação a todas às dimensões e temas pertinentes a esta PME; I - Definir diretrizes para implementação da Política Municipal de Educação Ambiental; II - Elaborar, monitorar e avaliar o Programa Municipal de Educação Ambiental; III - Articular, coordenar e supervisionar planos, programas e projetos na área de Educação Ambiental, em âmbito municipal; IV - Participar na negociação de financiamentos de planos, programas e projetos na área de Educação Ambiental; V - Indicar representante do CGMEA para compor a Comissão de Conselho de Defesa do meio Ambiente, que trata o Parágrafo 3º, do Artigo 89, da Lei Complementar nº 005, de 10 de outubro de 2002; VI – Analisar e acompanhar os processos de licenciamento ambiental por meio da Coordenação da Educação Ambiental no âmbito da Secretaria de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente. Art. 27. Ficam instituídas as coordenações de Educação Ambiental tanto no âmbito da Secretaria Municipal de Educação como na Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente, por ato oficial do executivo, sem nenhum ônus para a Administração Municipal. Art. 28. A execução da Política Municipal de Educação Ambiental ficará a cargo dos órgãos municipais de meio ambiente e de educação, das instituições educacionais, dos órgãos integrantes da Administração Pública Municipal direta e indireta, além das organizações não governamentais, instituições de classe, meios de comunicação e demais segmentos da sociedade.

CAPÍTULO X DA ALOCAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS Art. 29. A alocação de recursos financeiros para o desenvolvimento e a implementação dos programas e projetos relativos à Política Municipal de Educação Ambiental manterá: I - Conformidade com os princípios, objetivos e diretrizes da Política Municipal de Educação Ambiental; II - Prioridade das Secretarias integrantes do órgão gestor; III - Articulação interinstitucional; IV - Economicidade, medida pela relação entre a magnitude dos recursos a alocar e o retorno social propiciado pelo plano ou programa proposto; V – Equidade entre as diferentes regiões do Município. Art. 30. Caberá à SEMDEC e a SEME, a iniciativa de incluir nos seus respectivos programas

de trabalho, constantes do Plano Plurianual e do Orçamento Anual, ações de Educação Ambiental no âmbito municipal. Art. 31. Fica incumbido ao Chefe do Poder Executivo municipal garantir recursos para o fomento à pesquisa, projetos e publicações em Educação Ambiental. Art. 32. As dotações orçamentárias do Fundo Municipal de Proteção Ambiental, conforme descritas no artigo 89, § 1º, da Lei Complementar nº 005, de 10 de outubro de 2002, deverão ser destinadas à pesquisa científica e educação ambiental, de acordo com o estabelecido no § 2º do mesmo artigo. Art. 33. Os programas de assistência técnica e financeira relativos a meio ambiente e educação, em nível municipal, devem alocar recursos às ações de Educação Ambiental. Art. 34. Esta lei entra em vigor na data da sua publicação. Art. 35. Revogam-se as disposições em contrário.

Cariacica-ES, 07 de junho de 2017.

GERALDO LUZIA DE OLIVEIRA JÚNIOR Prefeito Municipal